



literatura  
livre

# Histórias do tio Karel

SANNI METELERCAMP

*Outa Karel's Stories:  
South African Folk-Lore Tales (1914)*  
Tradução: Gabriel Naldi

Edição bilingue: POR/ENG  
Distribuição gratuita

**sesc**



literatura  
**livre**

# Histórias do tio Karel

Sanni Metelerkamp

Edição Bilíngue

 **sesc** mojo<sup>org</sup>



# **Histórias do tio Karel**

Sanni Metelerkamp

*Tradução:*  
Gabriel Naldi



# O LUGAR E AS PESSOAS

Era inverno no Grande Karoo. O ar da noite era de um frio cortante e a geada parecia crepitá sobre a vegetação esparsa. Das montanhas distantes soprava um vento gelado que trazia consigo o cheiro dos arbustos, das ovelhas e também da fumaça que se erguia das choupanas dos cafres<sup>1</sup> — nenhum deles particularmente agradável, mas naquela atmosfera límpida tornava-se uma mistura tão singular e fresca que Pietie van der Merwe respirou fundo muitas vezes. Admirava satisfeito a pálida paisagem pela abertura superior da porta bipartida. Então, tomado por um tremor involuntário, fechou a folha superior da porta

---

1 Cafre é um termo ofensivo (especialmente em sua tradução inglesa, *kaffir*). Na África do Sul e outros países africanos onde o inglês é falado é um termo pejorativo utilizado para designar uma pessoa negra. É uma palavra que deriva do termo árabe "kafr", o qual, por sua vez, significa "infiel" ou aquele indivíduo que "não é muçulmano". Em árabe, *kafr* é também um termo pejorativo com o qual os muçulmanos denominavam gentios negros e pagãos de certas regiões da África.

e retornou ao calor avermelhado da lareira, onde Willem comia espigas de milho de uma cesta.

O pequeno Jan, sentado num dos cantos do largo e rústico sofá, mantinha seus olhos cinzentos fixos nas chamas e distraidamente acariciava Torry, o fox terrier encolhido ao seu lado.

A mãe, sentada em sua poltrona de madeira, bocejava sobre o livro à sua frente. No inverno ou no verão, a vida de uma senhora em uma fazenda karoo é bastante ocupada e ao final do dia o corpo reclama um merecido descanso.

Pietie aquecia as mãos em frente à lareira e de vez em quando olhava para a porta no canto da sala. Logo ela se abriu e seu pai entrou, com um ar despreocupado e descansado que não condizia com sua rotina entre ovelhas e arados. Apenas seu bronzeado, seus ombros largos e sua compleição robusta denunciavam uma vida ativa ao ar livre. Olhou com prazer a cena diante dele. O fogo ao mesmo tempo iluminava e criava sombras nas paredes e no piso de madeira encerada, espalhando uma sensação de conforto por todo o ambiente: a mesa posta para o jantar, as pessoas reunidas ao redor da lareira e sua companheira querida, responsável pela felicidade e bem-estar de sua agradável casa.

Logo atrás dele veio a prima Minnie, a jovem e simpática governanta. A chegada de ambos alvoroçou as crianças. O pequeno Jan desviou o olhar do fogo e, com mais entusiasmo

do que sua expressão sonolenta demonstrava, empurrou o pequeno terrier para dar lugar a Minnie no sofá.

Pietie correu até seu pai.

— Posso ir chamar o tio Karel? — perguntou ansioso.

— Pode, meu filho.

Devidamente autorizado, Pietie saiu em disparada.

Quem atendeu ao chamado foi um estranho vulto de costas curvadas que veio em um passo arrastado e lento até chegar em frente à lareira. Não seria surpresa se alguém fugisse aterrorizado de tal figura, pois muito se assemelhava a um velho e corpulento gorila que trajava roupas de homem e caminhava erraticamente sobre duas pernas.

Não tinha mais que um metro e vinte, seus ombros e quadris eram desproporcionalmente largos e suas mãos pendiam à meia altura entre os joelhos e tornozelos. Sua calça era uma peça bizarra feita com retalhos de pele de damão e gato-do-mato. Seu casaco marrom surrado claramente fora herdado de seu senhor, pois era muito grande para ele. Ao retirar seu chapéu de feltro deformado, deixou à mostra um turbante vermelho bem preso em sua cabeça. Nunca ninguém viu tio Karel sem seu turbante, mas havia rumores de que tinha uma cabeça pelada e lisa como um ovo de avestruz.

Sua face parda, de um tom amarelado, era um emaranhado de rugas. Seu nariz chato dividia as duas altas maçãs

do rosto. Seus olhos fundos eram brilhantes e negros como contas de vidro, lembravam os de uma serpente à espreita entre as rochas. Ao entrar no local, sua boca larga retorceu-se em um sorriso contagiante de orelha a orelha quando, em uma tentativa de cumprimentar a seus senhores, puxou a aba de seu velho chapéu com suas mãos que mais pareciam garras.

A rigidez de suas articulações não permitia tais reverências que, mesmo duras e incompletas, sempre agradavam a quem as recebia. Testemunhá-las uma vez significava jamais esquecê-las. Seus gestos eram um tanto exagerados e desproporcionais. Sua face, com ares simiescos e, ao mesmo tempo, tão curiosamente humana, transmitia alegria e bondade por seus cavernosos olhos — os quais pareciam criados apenas para expressar maldade e ardil. Os braços eram longos e agitados; os dedos, tortos.

Desnecessário dizer que era um exímio ator e, sem exageros, também um farsante de primeira, sendo que tais características lhe eram completamente naturais. Apesar disso, sua devoção ao seu senhor e à “boa família van der Merwe” era inquestionável. Acima de tudo, no entanto, pairava a sensação de que pertencia a uma raça marginalizada. Parecia ser um dos últimos remanescentes de um povo extinto que, sem jamais conhecer nenhuma lei que não fosse a da conquista e da escravidão, fora perseguido e expulso de seus

felizes campos de caça, primeiro por tribos cói,<sup>2</sup> depois pelos poderosos bantus<sup>3</sup> e por fim pela ainda mais aterrorizante tribo dos homens brancos vinda do outro lado do oceano. Embora a origem do povo san<sup>4</sup> esteja perdida na antiguidade, é de conhecimento histórico que eles foram conquistados por tribos nômades conhecidas como cói. Os membros dessas tribos, após matarem seus inimigos homens, tomavam as mulheres dos conquistados e as faziam suas esposas. Por isso, é muito raro encontrar um san com ascendência pura, mesmo nos locais onde esse povo ainda resiste.

Não era possível dizer que tio Karel era um espécime perfeito de sua raça original, pois, embora se intitulasse um san puro, tinha fortes traços dos cói, sendo sua compleição a característica mais notável.

- 
- 2 Os cóis (*khoi, khoe, khoekhoe ou khoikhoi*), povo da África do Sul, possuem uma cultura caracterizada pela vida nômade e, nas últimas décadas, também por atividades pastoris. Esse povo é pejorativamente chamado de hotentote (termo que vem do africânder *hottentot* e que hoje é visto como derrogatório, politicamente incorreto e até mesmo racista).
  - 3 Os bantus (ou bantos) são um conjunto de povos da África sul-equatorial. O termo "bantu" significa "seres humanos" ou "pessoas" — "mantu", que significa "pessoa", é o singular de "bantu".
  - 4 Povo bosquímano que ocupava a região sul do continente africano antes da chegada dos povos bantus.

Falava nossa língua com a singular entonação que era peculiar a seu povo, mas adoçado com o respeito que demonstrava a seus superiores.

— Muito bem! Noite, senhor. Noite, senhora. Noite, senhorinha e senhorzinhos. Perdoem esse velho san por não abaixar para cumprimentar vocês. Vontade não falta, mas os joelhos não deixam. Obrigado, obrigado, senhorzinho.

Pietie foi até uma mesa no canto da sala, apanhou um banquinho estofado com pele de gazela e o levou até tio Karel. O velho sentou-se devagar e com cuidado, estalando as juntas e exclamando curiosas interjeições em sua língua nativa.

O pequeno grupo se reorganizou. Prima Minnie sentou-se no canto do sofá, o pequeno Jan acomodou sua cabeça em seu colo, e Torry, por sua vez, apoiou sua cabeça sobre o menino (como compensação por ter sido empurrado antes).

O pai sentou-se com sua revista no outro canto do sofá, de onde conseguia sussurrar para a esposa, caso quisesse, ou bisbilhotar o livro que ela lia. Willem, sentado no chão, afastou a cesta com espigas para recostar-se mais confortavelmente nas pernas de Minnie. Pietie escolheu uma pequena cadeira em frente à lareira.

O pitoresco nativo era agora o centro das atenções. Como suas antigas responsabilidades estavam agora a cargo de seus filhos e netos, vivia como um privilegiado aposen-

tado junto à família van der Merwe, a quem havia servido fielmente por três gerações. A luz da lareira bruxuleava sobre ele causando estranhos efeitos, iluminando uma parte por vez. Suas mãos e dedos retorcidos, apontavam e gesticulavam incessantemente — pessoas como ele tendem a falar usando gestos e onomatopeias —, e as sombras que elas formavam produziam exageradas figuras na parede.

O final do curto dia de inverno era o momento preferido das crianças. Durante o intervalo entre o crepúsculo e o jantar, o querido tio Karel tinha a permissão de contar suas histórias.

E que histórias estranhas e maravilhosas. Contos assustadores sobre gigantes, espíritos bons e maus, animais que podiam falar, feras e insetos capazes de exercer grande influência sobre os destinos de homens inocentes. Mais emocionantes ainda, talvez, eram as experiências do próprio tio Karel. Perigosas aventuras vividas na natureza selvagem, em meio a leões, tigres, chacais e crocodilos. Relatos de uma época desconhecida pelo homem moderno.

Os pequenos ouviam de olhos arregalados e sem respirar. Até mesmo os adultos deixavam de ler ou de escrever por alguns momentos para acompanhar as narrativas, atentos e sem saber onde a realidade terminava para dar lugar à ficção,

pois ambas eram tão emaranhadas na forma como esse Iago<sup>5</sup> do deserto tecia suas tramas.

— Conte-nos uma história, tio! Uma bem bonita! — pediu o pequeno Jan, acomodando-se mais perto de Minnie, com tamanha autoridade que faria inveja ao sultão<sup>6</sup> de *As mil e uma noites*.

— Ah! Senhorzinho, este velho bobo aqui não conhece histórias novas. Só as velhas que falam de chacais e leões. E mesmo assim, como falar com a garganta seca desse jeito? Ah, a poeira desses campos acaba com a gente!

Forçou uma tosse enquanto seus olhinhos brilhavam ansiosos. Então fingiu surpresa e sorriu para Pietie, que já estava ao seu lado com uma dose de aguardente, servida em um copo especialmente guardado para Karel.

Suas apresentações sempre aconteciam à noite. Nunca se esqueciam da dose de Karel, mas às vezes demoravam a oferecer propositalmente, esperando a desculpa que ele inventaria. Seus pretextos variavam: garganta inflamada, dor de cabeça, estômago revirado, frio, calor, reumatismo,

---

5 Personagem da tragédia *Otelo*, de William Shakespeare (1564-1616).

6 Sahriyar, o sultão da obra clássica *As mil e uma noites*, em cujo harém vive Shahrazad ou Scheherazade — que lhe conta uma história incompleta toda noite para adiar sua execução..

velhice, um aniversário (criado especialmente para a ocasião), a morte de uma cobra ou o adestramento de um potro.

— Obrigado, obrigado, meu senhorzinho. Deus abençoe o patrão, a senhora, a senhorinha e a boa família van der Merwe. — Erguia o copo, virava em um gole só e estalava a língua satisfeito.

— Ah! Se o pescoço de um san fosse igual ao de um avestruz! Como seria gostoso sentir o trago caindo de uma altura tão grande. Agora recuperei minhas forças! Já posso contar a história do chacal e do leão.

— De quando o leão carregou o chacal nas costas? — perguntou Willem.

— Não, patrãozinho. Essa é outra, bem diferente.

E começou a contar, fazendo vários gestos para ilustrar a história e mudando a voz de acordo com os personagens.

# COMO O CHACAL MATOU O LEÃO

**C**erta manhã, antes que todos acordassem, o chacal rondava à procura de comida. Os chacais não gostam de caçar por conta própria. Não, senhor!

Eles esperam algum outro animal caçar para depois dividir a presa sem ter trabalho nenhum. Esse chacal tinha subido calmamente até o topo de uma colina. Assim, senhorzinhos, com a barriga colada ao chão e as orelhas indo para frente e para trás.

Karel colocou suas pequenas mãos em volta de seu turbante, imitando o movimento.

— Desse jeito ele conseguia ouvir qualquer ruído, por mais baixo que fosse. Então olhou para lá, para cá, para todos os lugares. Foi, sim. E quem vocês acham que ele viu no vale bem abaixo da colina? Ninguém menos que o velho leão, com as garras enfiadas em um carneiro que havia acabado de matar. Era o carneiro de um fazendeiro, senhorzinhos, com uma linda e gorda cauda. Isso mesmo, a caçada do leão tinha sido boa.

“Arrá!”, pensou o chacal, “que sorte a minha!”

— O chacal continuou abaixado, pensando em como poderia conseguir um pedaço daquela carne — disse Karel e prosseguiu: — Logo tramou um plano. Uma coisinha branca tremulava em um arbusto ali perto. Era um pedaço de papel. O chacal apanhou-o e começou a dobrá-lo. Assim, assim. Fazendo movimentos rápidos com seus dedos tortos. Dobrou até deixar o papel com formato de uma carta. Então desceu a colina correndo e foi falar com o leão:

“Bom dia, tio.”

“Bom dia, sobrinho.”

“Que belo carneiro você apanhou.”

“Sim, sobrinho, um bem gordo.”

“Estou com uma carta da tia aqui”, disse o chacal, entregando o papel ao leão. “Eu estava perto da sua casa e ela me pediu para entregar a você.”

— Nesse momento, o leão segurou o papel de vários jeitos — contou Karel. — Primeiro afastou a folha e depois a colocou bem perto dos olhos, mas não conseguiu ler nada. Sabe, senhorzinhos, o leão é de uma época muito antiga. Quando ele cresceu, não havia muitas escolas nem bons professores — disse Karel e piscou seus olhos brilhantes para a prima Minnie e seus alunos.

— Ele não era muito inteligente. Não sabia ler. E como não queria que ninguém soubesse, disse:

“Chacal, eu esqueci meus óculos. Talvez você possa ler para mim.”

“*Hum... hum...*”, o chacal fingiu ler. “A tia pediu para você matar um carneiro bem gordo para ela e os filhotes. Pediu também para eu levá-lo imediatamente, pois estão todos com fome.”

“Sem problema. Acabei de fazer exatamente isso”, disse o leão. “A tia não está muito bem. Ontem ela comeu o burro de um judeu, vendedor ambulante, e passou mal. Por isso temos de cuidar dela um pouquinho. Cá entre nós, não é fácil quando uma mulher fica de mau humor. Leve já este carneiro para ela, e pode ficar com as vísceras, para compensar pelo seu trabalho.”

“Muito obrigado, nobre rei da selva”, o chacal respondeu em um tom humilde, mas já pensando no que faria com o carneiro. “Tenho muita sorte em ter um tio leão que me ajuda em minha pobreza”, e saiu trotando com a presa na boca.

— Assim, o leão voltou a caminhar pelo vale, balançando sua cauda — disse Karel, que se tivesse uma cauda, a teria balançado. Na falta de uma, usou seu braço para demonstrar o movimento.

— Então apareceu um pequeno antílope, que estava atravessando a planície em busca de água. Ah, como é bonito! Fica olhando para lá e para cá com seus olhinhos delicados. Ergue uma pata, deixa parada no ar, depois desce e ergue outra, depois outra. E assim vai, devagarinho.

Tio Karel fechou os punhos para imitar os cascos de um antílope e reproduzia seus movimentos. As crianças acompanhavam sem respirar.

— E aí o antílope escutou algo e parou.

Karel se inclinou para frente, retesado, como se também tentasse escutar. Então se remexeu subitamente, assustando as crianças.

— Escutem! O que foi isso? O que vem lá? Ah! O antílope se estremeceu todo. Um vulto começou a aparecer ao longe! O pobrezinho se sentiu queimar com os olhos cruéis que se aproximavam rapidamente. Era o leão! Vinha para devorá-lo! Rosnou para o antílope, que ficou paralisado de medo. Os dois se olharam... desse jeito....

O ancião arregalou os olhos para as crianças fascinadas.

— O antílope não conseguia desviar o olhar nem se mexer. Ficou estático de pavor. Seu sangue gelou nas veias. Seus olhos estavam quase saltando. E então... *Grau!*

Os espectadores pularam quando Karel abriu seus braços ameaçadoramente.

— Com um salto, o leão estava em cima dele. O antílope gritava “*méh, méh, méh*”, mas de nada adiantou. Logo o sangue começou a escorrer, *ping, ping, ping*, como um riacho, e o leão lambeu tudo. O belo animalzinho finalmente parou de se debater. Estava mortinho.

O velho tio ia baixando sua voz.

As crianças suspiraram fundo. O pequeno Jan tinha os olhos marejados. O nativo contava histórias de maneira tão nítida que sentiam como se presenciassem tudo.

— Pois é, senhorzinhos, o leão matou o antílope no campo. Arrancou sua pele e a carne dos ossos. Foi assim, *nhac, nhac, nhac*, até comer todo o antílope no café da manhã. Depois, caminhou até a encosta da colina para tirar uma soneca, pois já amanhecia e a luz começava a incomodar seus olhos. Quando acordou, já havia anoitecido e ele se sentia renovado e outra vez com fome. Vocês sabem, senhorzinhos, que para um leão, um antílope não passa de um petisco. Só que antes de caçar outra vez, pensou em ir para casa e ver como estavam sua esposa e filhos, e se o carneiro havia sido suficiente para todos. Mas ao chegar lá, coitado! Encontrou seus filhotes chorando e a leoa espumando de raiva. Estavam todos alvoroçados e nem sinal do carneiro.

“Que raiva! Que raiva!”, gritava a leoa. “Aquele chacal traiçoeiro! Aquele cachorro do mato asqueroso!”

“O que houve?”, perguntou o leão. “Onde está o chacal?”

“Como eu vou saber? Ele fugiu com todo o carneiro! E eu, isso mesmo, eu, a esposa do rei, fiquei só com os miúdos! Ah, que raiva!”

“E ele arranhou minha orelha!”, gritou um dos filhotes.

“*Buááá!*”

“E puxou minha cauda!”, choramingou o outro.

“Só nos deixou umas poucas sobras”, rosnou a leoa.

“Aquele vagabundo, safado!”

— Enquanto os três continuaram chorando e gritando, — disse Karel — o leão sacudiu sua cauda e mostrou suas fortes garras. Seus olhos faiscavam como fogo em uma noite sem lua, e soltou um rugido terrível: “*Rooaaar-r-r-r-r!* *Rooaaar-r-r-r-r!*” — Karel imitou o rosnado profundo e assustador.

“Eu vou pegá-lo, esperem só!”, prometeu o leão. “Antes de amanhecer ele aprenderá uma lição!”

— De manhã bem cedo, quando apenas uma pequena faixa cinza no céu indicava que a noite terminava, — continuou Karel — o leão apanhou seu chicote e foi atrás do chacal. Encontrou-o no topo de uma colina, sentado com sua família junto a uma fogueira.

“Então aí está você, meu caro”, pensou ele. “Parece estar bem feliz, não é? Espere só que eu já te mostro.”

— O velho leão tentou escalar o rochedo, mas era alto, íngreme e liso demais para que conseguisse cravar suas garras — disse Karel. — Sempre que subia um pouco e tentava se agarrar à parede, escorregava novamente.

“Já que não consigo escalar, serei simpático com eles”, pensou o leão. “Se eu os chamar para caçar comigo, pode ser que desçam até aqui.”

Nesse ponto da história, os olhinhos de Karel dançavam maliciosamente.

— Sabem, senhorzinhos, a única maneira de vencer um pilantra é sendo tão pilantra quanto ele. Quando alguém tenta enganar, você deve enganá-lo primeiro, ou será passado para trás. Esse é o único jeito.

(A prima Minnie não quis interromper a história, mas guardou um lembrete mental para desmentir esse mau conselho mais tarde.)

— Então o leão, na base da encosta, gritou para o chacal em tom amigável:

“Bom dia, chacal, meu querido sobrinho!”

“Bom dia, tio.”

“Achei que você gostaria de caçar comigo, mas vejo que está ocupado.”

— Em outros tempos o chacal teria pulado de alegria com tal convite tão raro e honroso — contou Karel. — Naquele momento, no entanto, o orgulho por ter conseguido enganar o casal de leões tão facilmente tomava conta dele.

“Agradeço, tio, mas agora não preciso de carne. Estou assando umas costeletas de carneiro, muito boas e gordas, para o café da manhã. Não gostaria de subir e nos acompanhar?”

“Gostaria muito, mas esta colina é íngreme demais. Não sei como subir.”

“Ah, é muito fácil, tio. Eu puxo você num instante. Minha esposa, me traga uma tira de couro forte”, e sussurrou para ela em seguida: “me dê aquela velha, que já está bem gasta”.

— A esposa do chacal era tão ardilosa quanto ele e seguiu seu plano. Trouxe uma cinta de couro já quase se partindo, jogaram-na para o leão e começaram a puxá-lo — disse Karel. — Quando o leão estava já a uns três metros de altura, o chacal gritou:

“Arre! O tio está pesado demais!”

— E raspava a tira de couro nas pedras afiadas da encosta.

Karel imitava seus movimentos com grande entusiasmo.

— Até que finalmente a tira de couro se rasgou e *kabum!*

— o leão despencou e se estatelou no chão duro.

“Meu Deus! Que queda horrível! Tomara que o tio não tenha se machucado. As mulheres fazem cada trapalhada! Minha esposa me deu uma tira de couro velha, e não uma nova como eu pedi. Aqui tem uma mais forte. Pode tentar de novo, tio!”

— O leão tentou subir muitas outras vezes — contou Karel. — A cada tentativa a tira de couro arrebentava e, como o chacal o puxava um pouco mais alto a cada vez, suas quedas eram cada vez maiores. Até que por fim desistiu.

“É muita gentileza sua, chacal, mas vou ficar aqui mesmo.”

“Ah, que pena”, fingiu o chacal. “As costeletas já estão quase prontas e o cheiro está ótimo! Quer que eu jogue algumas para você?”

“Sim, por favor!”, o leão respondeu afoito, já lambendo os lábios. “Estou com muita fome e umas costeletas cairiam muito bem.”

— E o que vocês acham que o danado do chacal fez? — perguntou Karel. — Apanhou um pedaço de lenha em brasa e enrolou uma tira grossa de gordura em volta dela. Foi até a beira do penhasco e viu o leão lá embaixo, esperando impacientemente.

“Aí vai, tio!”, gritou o chacal. “Abra bem a boca que vou jogar para você. É um pedaço bem grande, você vai gostar.”

— O chacal deu uma risadinha ao dizer isso — contou Karel. — Sua esposa e filhos seguraram o riso, antecipando a peça que pregariam no leão.

“Posso jogar, tio?”

“*Grr-r-r-r-n!*”, grunhiu o leão, que abriu bem a boca, esperando a costeleta, e não queria falar por receio de não conseguir apanhá-la.

— O chacal se inclinou sobre a encosta e fez mira. Atirou a lenha e... *Nhacl...* o leão a abocanhou — disse Karel. — O grito que ele deu, senhorzinhos, foi sofrido e alto como nunca se ouviu igual. Os coelhos saíram cuidadosamente de seus

esconderijos nas rochas para espiar o que acontecia. As águias sobrevoaram em círculos, tentando encontrar o motivo de tanto barulho. Os suricatos, porcos-do-mato, porcos-espinho e lebres se enfiaram mais fundo em suas tocas. Os antílopes e gazelas, assustados, correram pelas planícies em busca de campos mais seguros. Os únicos alegres em toda a confusão era a família do chacal. Sacudiam suas caudas felpudas e erguiam suas orelhas pontudas, dançando de mãos dadas ao redor do fogo e cantando sem parar:

*"Arrá! Quem é mais forte que o rei das selvas?*

*Arrá! Quem vê mais longe que o rei dos céus?*

*É o chacal de cauda grossa e pelo prateado.*

*Pequeno, mas esperto, estrategista renomado!*

*O rei da selva queria pegá-lo e matá-lo com suas garras.*

*Ah! Ah! Ah! Pegá-lo e matá-lo com suas garras.*

*Mas o chacal foi matreiro, assou um bom carneiro*

*E deu ao rei das selvas uma lenha do braseiro.*

*Enquanto o leão grita, o chacal rouba sua refeição.*

*Ah! Ah! Ah! O chacal roubou e matou o leão!"*

Tio Karel entoou a canção de triunfo do chacal em um tom monocórdio, baixando a voz ao final para que o silêncio dramático impressionasse sua pequena plateia.

Pietie piscava como se a luz da lareira incomodasse seus olhos. O pequeno Jan suspirou profundamente. Willem limpou a garganta.

— Mas como o chacal sabia que o leão estava morto?  
— perguntou Willem.

— No meio da dança e da cantoria, ele, às vezes, parava para olhar para baixo, no vale. Assim, senhorzinho, bem assim.

E Karel mexia sua cabeça, mãos e olhos.

— Na primeira vez que olhou, viu o leão rolando e se debatendo. Na segunda, o leão arranhava as rochas da encosta. Em seguida viu o leão cavoucando o chão. Depois o leão soprava para tentar esfriar sua língua. Assim, soprando bem devagar e por muito tempo. A última vez que o chacal se esticou para ver, o leão estava deitado sem se mexer, então soube que estava morto.

— Ah, eu não queria que o antílope morresse — queixou-se o pequeno Jan. — Ele era pequeno e bonitinho. Tio, não gostei muito dessa história.

— A história só fala de morte — disse Pietie. — Primeiro o leão matou o coitado do antílope, que não tinha feito nada. Depois o chacal matou o leão, também sem motivo. Todo mundo foi cruel e malvado.

— Pois é, senhorzinhos — justificou-se Karel. — A vida é assim, ninguém sabe por quê. Às vezes os bons morrem

e os maus vencem. As coisas nem sempre são justas neste mundo velho e não há o que fazer.

— Mas você não devia ter deixado o chacal matar o leão — insistiu Pietie. — O leão era muito mais forte, então ele deveria ter acabado com todos os chacais, que só faziam maldades.

Os olhos de Karel brilharam compadecidos pelo menino. Ah, essas crianças. O que sabem sobre os altos e baixos deste mundo cruel, onde as batalhas nem sempre são ganhas pelos mais fortes, nem as corridas vencidas pelos mais velozes?

— Não foi o tio que inventou a história, senhorzinho. Ele só incluiu alguns detalhes, como os óculos do leão, a carta do chacal e o vendedor judeu, que são coisas que existem hoje em dia. Esse conto é de uma época muito antiga, quando o povo branco ainda vestia peles igual aos cafres e a tribo do tio ainda vivia como macacos na floresta. Sempre foi assim e sempre será, tanto em histórias como neste mundo perverso. O que faz um animal superar o outro é a esperteza, senhorzinhos, a esperteza — afirmou Karel dando tapinhas na própria cabeça —, não é força, nem garras nem dentes. Isso mesmo! Se o povo sanguinário fosse tão esperto quanto o homem branco, ah! Que luta teria sido quando se encontraram.

Perdido na insólita linha de raciocínio que essa ideia suscitou, Karel olhava para o nada, imaginando cenas estranhas. Então recompôs-se e, com uma entonação humilde, pediu:

— Ah, por favor, senhora! Um pouquinho de fumo para o tio! Só um bocadinho, para hoje e amanhã.

A senhora riu complacente, tirou um molho de chaves de seu cinto e entregou à prima Minnie.

— Velho danado — divertiu-se. — Nós o mimamos demais e agora não tem mais conserto. Só um pouquinho, Minnie.

— Muito obrigado, muito obrigado, senhorinha — disse o ancião, estendendo as mãos em concha para segurar o tabaco como se fosse uma carga preciosa. — Minha querida senhorinha! Você pode ficar com o esqueleto do tio quando ele morrer. Sim, um belo esqueleto para a senhorinha lançar na água azul, da mesma forma que fez com os ossos do velho san. Que pena! Ele coube todinho numa lata de sabão. Imagine só! Numa lata de sabão.

Nesse momento, Karel foi interrompido pela chegada de uma jovem garota nativa.

— Ah, minha querida! A Lys já chegou. Como o tempo voa quando estamos com os senhorinhos e senhorinhas. Noite, patrão! Noite, senhora! Noite, senhorinhos. Durmam bem! Ah, a boa família van der Merwe!

Conforme sua neta o levava embora, seus cumprimentos e saudações iam ficando cada vez mais distantes, até não ser mais possível ouvi-los.

# QUEM ERA O REI DE FATO?

**C**erta vez... — começou tio Karel, sob o olhar ansioso dos três membros de sua plateia. — Certa vez, o velho leão deu um rugido tão potente que fez toda a floresta tremer. Foi então respondido por outro rugido que ecoou no lado oposto da planície. Os filhotes do leão saltaram com as orelhas em pé, trombando entre si de tão alegres.

“Ouçam!”, disseram. “É o avestruz, o velho Três Varetas. Está imitando o rei, nosso pai. O rugido dele é bom, mal dá para perceber a diferença.”

— O leão ficou muito zangado com essa bravata e rugiu outra vez, ainda mais alto — disse Karel. — Como um eco, outro rugido soou por todo o campo.

“Ah, isso não vai ficar assim”, pensou o leão. “Essa insolência tem de acabar. Só eu sou o rei aqui e não vou tolerar imitadores.”

— O leão atravessou o campo até encontrar Três Varetas, o avestruz. Ficaram ambos parados, encarando-se

— contou Karel. — Seus olhos faiscavam, sua juba estava eriçada e sua cauda balançava furiosamente. O avestruz abriu suas lindas asas e gingou de um lado para o outro, com o bico aberto e contorcendo seu pescoço como se fosse uma cobra. Ah! Era uma cena linda, os senhorzinhos, vocês precisavam ver! O avestruz tem um olhar suave e bonito, como o da senhorinha quando ela conta histórias da Bíblia. Mas naquele dia os olhos do avestruz só mostravam fúria e um brilho amarelo como o fogo. Só que os dois não lutaram, pelo menos não naquela hora. Estavam apenas se mostrando um para o outro. O leão deu um passo à frente e começou:

“Vamos ver quem é o melhor. Avestruz, comece a rugir.”

— O avestruz bramiu com toda a força de sua garganta: *ROO-OOO-AAA-R-R-R!* Foi um som terrível, do tipo que faz gelar a espinha quando a gente ouve e não sabe o que é. Pois é, senhorzinhos, se vocês estivessem na cama e ouvissem, se encolheriam todos e cobririam a cabeça com o cobertor. Se ouvissem enquanto estivessem lá fora, correriam para perto da senhora ou da senhorinha.

Um calafrio passou por cada um de seus pequenos ouvintes. Mas para eles era questão de honra não interromper Karel em suas histórias, a não ser que estivessem em uma conversa casual. O que quer que fosse, poderia esperar.

— Então foi a vez do leão rugir, e o grito dos dois foi praticamente igual. Ninguém poderia dizer que um foi mais alto ou mais terrível que o outro. Não, senhor! Os dois rugidos foram iguais. Por isso o leão disse para o avestruz:

“Nossas vozes são parecidas. Você ruge igual a mim. Pois que seja. Você será o rei das aves e eu o rei das feras. Agora vamos caçar e ver quem se sai melhor.”

— Na planície, encontraram uma bela manada de mezanze<sup>7</sup> gordos pastando — contou Karel. — O leão atacou de um lado e o avestruz do outro, ambos contra o vento. Esses antílopes têm um faro muito apurado. Se há algum caçador à espreita, basta uma fungadinha, *snif, snif, snif*, e eles logo descobrem. Então erguem suas cabecinhas e fogem em disparada. Forma-se uma nuvem de poeira e não dá para ver mais nada. Não fica um antílope para contar história! — Karel abriu os braços e os sacudiu em um movimento exagerado, demonstrando o campo vazio. Sua voz assumiu um tom de pesar como se houvesse sofrido uma perda irreparável.

— Mas — recomeçou com ânimo renovado — o leão e o avestruz eram caçadores experientes. Eles sabiam como

---

7 O mezanze, cacu ou estacatira é uma das cinco espécies de antílopes africanos da subfamília *Alcelaphinae*, na família *Bovidae*. São encontrados em Angola, na Zâmbia, na Namíbia, em Moçambique, no Botswana, no Zimbábue, na Suazilândia e na África do Sul.

se aproximar sem que os mezances percebessem. O leão foi caminhando bem devagar e rente ao chão e, a não ser quando ele se mexia, era impossível distingui-lo em meio ao chão de areia. Ambos tinham a mesma cor. O leão escolheu um antílope grande, adulto e gordo, mas não muito velho e de carne dura. Quando chegou bem perto, se esticou sem fazer nenhum barulho... assim, senhorzinhos, assim... e se preparou para o ataque. Mais rápido que um raio, disparou e saltou como se fosse lançado por uma catapulta, e caiu certinho em cima do mezante. Fincou suas garras nos ombros e seus dentes no pescoço da pobre presa.

“Ah, era um antílope lindo demais! Nunca mais o bichinho ia espantar seus inimigos com seus chifres! Nunca mais ia liderar a manada ou saltar pelos campos para impressionar as fêmeas. Seu focinho não ia mais farejar o perigo à distância, seus cascos não iam mais bater no chão para avisar seus irmãos que era hora de fugir. Quando o velho leão agarra uma presa, não solta mais até que esteja morta.

“O restante da manada saiu correndo... e como correram! Logo já estavam bem longe, eram apenas pontinhos no horizonte. Todos, menos os antílopes que o avestruz havia matado. O velho Três Varetas era danado de esperto! Os senhorzinhos sabem que ele é muito veloz, mais até do que os mezantes. Quando viu o leão prestes a atacar, correu mais

rápido que o vento, pois sabia que a manada faria o mesmo. Então ficou esperando até conseguir pegá-los direitinho! Ficou assim, senhorzinhos, bem assim.”

Karel ergueu-se empolgado e imitou o movimento do avestruz.

— Quando passaram por ele, atacou-os com suas garras duras e afiadas.

O velho pulou de um lado para outro como se fosse um galo de briga, enquanto as crianças se abraçavam em uma exaltação silenciosa.

— E zás! O avestruz matou um! — Karel chutou o ar com sua perna direita. — Zás! E outro! — Então chutou com a perna esquerda. — Até deixar vários antílopes caídos ao chão, gemendo pela última vez. Pois é, o velho Três Varetas se deu muito bem naquele dia. O leão se aproximou e não ficou nada feliz ao ver que o avestruz havia matado mais presas do que ele, mas seu rival tratou de apaziguar as coisas.

“Você matou mais”, disse o leão, “então pode devorar sua caça”.

“Jamais faria isso!”, respondeu o avestruz. “Você tem uma família para alimentar, então pode comê-los. Eu me contento em beber o sangue.”

— A resposta agradou muito ao leão, que considerou o avestruz um ser nobre e generoso — disse Karel. — Mas

como eu havia dito antes, o avestruz era esperto. Ele não consegue comer carne, senhorzinhos, pois não tem dentes. Mas não queria que seu rival soubesse, por isso disse que só beberia o sangue e que o leão podia comer tudo. Então o leão começou a devorar um antílope, *sk-r-r-r-r*, *sk-r-r-r-r*! Depois, chamou seus filhotes e todos comeram até se fartar. O avestruz bicava as presas despreocupadamente, andando para lá e para cá e bebendo sangue. Cansados de tanto se fartar, ele e o leão foram tirar uma soneca à sombra das árvores. Os filhotes ficaram brincando, rolando no chão e pulando uns nos outros. Acabaram chegando perto de onde o avestruz dormia.

“Vejam, ele dorme com o bico aberto”, disse um deles, olhando dentro da boca do avestruz. “Vejam!”, repetiu ele. “Olhem só isso!”

“Ora essa! Também vi! Vamos contar para o nosso pai”, disse outro filhote que se aproximou e também olhou a boca do avestruz.

— Todos correram esbaforidos e acordaram o leão — contou Karel.

“Venha logo!”, disseram. “O avestruz ofendeu o senhor dizendo que eram iguais. Ele está dormindo debaixo das árvores com o bico aberto. Nós fomos olhar e vimos que não tem dentes! Venha ver com seus próprios olhos.”

— O leão correu a toda velocidade, com seus filhotes seguindo-o de perto — continuou Karel. — *Raauurr!*, rosnou ele, acordando o avestruz.

“*Raauurr!* O que significa isso? Você fingiu ser igual a mim, sendo que nem dentes tem”.

“Com dentes ou não”, respondeu o avestruz, levantando-se, “eu matei mais antílopes que você. Com dentes ou não, te desafio a uma luta para definirmos de vez quem é o melhor!”

“Então venha!”, esbravejou o leão. “Acha que tenho medo? Vou acabar com você! Pode vir!”

“Espere, ainda não”, pediu o avestruz. “Eu tenho um plano. Vê aquele grande formigueiro ali? Fique em um dos lados dele que eu ficarei do outro, e veremos quem consegue derrubá-lo primeiro. Depois disso, lutaremos em campo aberto.”

“Parece um bom plano”, concordou o leão, e pensou consigo mesmo: “Sou mais pesado e mais forte. Vou atirar o formigueiro na cara desse avestruz, depois saltar sobre ele e matá-lo.”

— Mas não foi assim tão fácil — explicou Karel. — Toda vez que o leão tentava empurrar o formigueiro, acabava afundando as garras nele, da mesma forma que fazia com suas presas. Não sabia fazer de outro modo. Quando o leão prendia

suas patas, o avestruz aproveitava para chutar areia e pedras bem alto, atingindo o rosto de seu oponente e fazendo-o uivar e espumar de raiva. Às vezes, parava e rugia, sendo respondido pelo avestruz do outro lado. Então o leão subiu até o topo do alto formigueiro, que já estava bem frágil por conta dos golpes e chutes. Irritava-se cada vez mais e já mal podia ver, seus olhos estavam cheios de areia. Preparou-se para um grande ataque, mas antes que saltasse o avestruz se adiantou e chutou o topo do monte, arrancando-o. Uma grande nuvem se ergueu. Quando a poeira baixou, o leão ainda estava gemendo e tossindo, coberto de terra e pedras.

“Vamos, vamos!”, gritaram os filhotes. “O desdentado vai te atacar! Os dentes dele ficam nas patas! Levante-se e acabe com ele!”

— O leão sacudiu-se para tirar a poeira do corpo e correu em direção ao avestruz, mas seus olhos ainda estavam cheios de terra — contou Karel. — Como não conseguia enxergar direito, errou o golpe. Caiu com tudo no chão, e o avestruz deu-lhe um forte chute nas costelas. Suas terríveis garras, os verdadeiros dentes do Três Varetas, rasgaram fundo a pele do leão, que caiu sobre ele. O avestruz continuou golpeando o leão até matá-lo, dançando sobre ele e esvoaçando suas belas asas brancas e pretas. Quando tudo acabou, limpou suas garras na areia e foi embora sem pressa, para reencontrar

sua parceira em seu ninho. Os filhotes ficaram chorando a morte de seu pai, o rei da savana.

Assim que a história terminou, veio o esperado alvoroco de perguntas, até que a voz de Pietie se sobressaiu em meio ao falatório.

— Tio, por que disse que cobriríamos nossas cabeças com o cobertor e correríamos para a mamãe se ouvíssemos o avestruz gritando à noite? Sabe muito bem que não faríamos isso!

— Sim, senhorzinho, eu sei — Karel tranquilizou-o. — Sei que alguém que mora no campo junto com os avestruzes não teria medo. Me referi a outros senhorzinhos, os que não conhecem o grito do Três Varetas. Eles sim iam correr para suas mães se o ouvissem.

— Ah, entendi. — Pietie aceitou a explicação de bom grado. — Achei mesmo que seu comentário não era sobre um menino fazendeiro do Karoo.

— Essa história foi uma parábola, tio? — perguntou o pequeno Jan, depois de pensar bastante sobre o assunto.

— E o que é isso, senhorzinho?

— É como uma fábula.

— Ah, sim. É isso mesmo, senhorzinho — respondeu Karel, alegrando-se com a palavra conhecida. — É um tipo de fábula, sim.

— Mas uma parábola é uma história simples com uma mensagem importante. Quando a prima Minnie nos conta uma parábola, ela sempre diz qual é a moral da história. Qual é a moral da que você contou, tio?

Os inocentes olhos cínczentos do pequeno Jan se fixaram no rosto de Karel, como se tentassem encontrar em suas rugas a explicação desejada. O ancião ficou desconcertado, algo raro de se ver. Ajeitou seu turbante, pousou o dedo sobre o nariz chato, coçou as têmporas e voltou a mexer no turbante. Nenhum desses movimentos lhe trouxe inspiração para explicar a moral de sua história. Enquanto isso, os pequeninos ficaram parados, esperando alguma explicação. Ele tinha que encontrar uma saída.

— Senhorzinhos — disse de maneira suave —, essa história tem uma linda mensagem, mas o tio não tem tempo para contar agora. Uma outra hora...

— Ah, tio! — protestou Willem, contrariado. — Sabemos que o senhor está inventando desculpas para ir logo até o terreiro, onde vai ter dança hoje.

— Não, senhorzinho, de jeito nenhum!

— E eu não estranharia se soubesse que o senhor também vai dançar, depois dos saltos que deu aqui contando a história.

— Sim, essa parte foi divertida — alegrou-se Pietie. — Zás, esse morreu. Zás, agora outro! — disse, imitando Karel.

— Tio, o senhor sempre diz que tem o corpo duro, mas sabe chutar muito bem!

— Pois é, senhorzinho — tornou Karel, modestamente.

— Eu dançava muito bem quando era jovem. Na quadrilha, na polca e na valsa, não tinha para ninguém! Ah, bons tempos!

Deu um pequeno salto, recordando-se daqueles dias felizes e animados, e continuou até se aproximar da cozinha.

— A moral, tio, a moral da história! — resmungou o pequeno Jan. — O senhor não disse qual é!

— Não, senhorzinho, hoje não. Pergunte à senhorinha, que ela te conta. Aí vem ela.

Assim que a prima Minnie entrou na sala, o velho nativo escapuliu com uma agilidade inesperada para suas pernas tortas e cansadas, deixando a ela a responsabilidade de explicar sua história.

# POR QUE A HIENA MANCA

O principal alvo das enganações do chacal era a velha hiena — começou Karel. — Ela sempre se esquecia dos truques em que havia caído, portanto acreditava em qualquer nova história que ele viesse lhe contar. Algumas pessoas são assim, senhorzinhos. Talvez porque sejam boas, talvez porque sejam tolas. O tio não sabe.

— Um dia — continuou ele —, o chacal e a hiena caminhavam juntos quando uma nuvem branca se ergueu por detrás da colina e cobriu o campo, bem próxima a eles. Era uma nuvem grande e fofa como um monte de banha, e o chacal conseguiu pular sobre ela. Ficou observando lá de cima. Então começou a arrancar e a comer pedaços da nuvem.

“Hum, que banha gostosa!”, disse o chacal. “*Nham, nham!*”

— Enquanto o chacal comia a nuvem pelas beiradas como uma lagarta faz a uma folha — disse Karel —, a hiena olhava para ele e lambia os beiços.

“Jogue um pouco para mim, por favor”, pediu ela.

“Ora, minha irmã marrom, eu não seria tão egoísta ao ponto de te jogar só uns pedacinhos. Espere eu descer, então te ajudo a pular aqui em cima para que você coma o quanto quiser.”

— A hiena ficou esperando — continuou Karel. — O chacal pulou bem em cima dela e a fez se estrelar no chão. Ele não se machucou, pois a hiena amorteceu sua queda, mas a pobre coitada ficou sem ar e coberta de terra.

“Ah, como sou desajeitado!”, desculpou-se o chacal. “Mas não se preocupe, eu te ajudo a subir”, disse já auxiliando a hiena a subir na nuvem.

“*Nham, nham*, tem mesmo gosto de banha”, disse ela, arrancando e comendo pedaços.

“Irmão cinzento, já estou satisfeita”, ela disse após acabar de comer. “Quero descer. Vou pular, por favor me segure”.

“Claro, irmã marrom. Veja, eu te apanho sem problemas. Pode vir.”

— O chacal então abriu os braços, esperando — contou Karel. — Assim que a hiena se jogou, ele saltou para o lado, gritando:

“Ai! Ai! Pisei em um espinho! Ai, que dor! Ai, que dor!”

— Quando a hiena caiu — explicou Karel —, tentou amortecer a queda com as pernas, mas o impacto foi tão

forte que elas se dobraram até quase quebrar. Caiu sobre um monte de areia, gritando:

“Machuquei a perna! Machuquei a perna!”.

— O chacal se aproximou bem devagar pulando em três patas. Sem dúvida o espinho imaginário o incomodava muito! — disse Karel.

“Ai! Ai!”, gritava a hiena. “Me ajude, irmão cinzento! Quebrei minha perna!”

“E eu pisei em um espinho! Que azar o nosso, minha irmã! Como um ferido poderia ajudar outro? O melhor é cada um seguir para sua casa, da maneira que conseguir. Até logo, amanhã te farei uma visita para ver como você está.”

— E assim foram, ambos mancando — contou Karel. — Logo que o chacal perdeu a hiena de vista, voltou a correr em quatro patas e atravessou o campo a toda velocidade. Chegou em casa bem na hora do jantar. Sua esposa e filhos haviam roubado alguns patos da fazenda do velho van Niekerk. A pobre hiena, por sua vez, ficou deitada, chorando por conta de seus machucados. Desde esse dia ela manca, pois suas patas traseiras ficaram menores que as dianteiras.”<sup>8</sup>

---

8 Quando uma hiena começa a correr, à primeira vista suas patas traseiras parecem menores que as dianteiras.

# QUEM ERA O LADRÃO?

**P**ois é, senhorzinhos, o chacal era bem assim. Fingia não se lembrar do que havia feito aos outros, pois pensava que suas vítimas também se esqueciam de suas artimanhas. Ele era um patife!

Karel fez uma pausa para o rapé. Segurou um punhado entre o indicador e o polegar e aspirou três vezes, com muito gosto. Então prosseguiu:

— Quando o chacal pensou que a hiena já havia tido tempo suficiente para se recuperar, foi visitá-la.

“As coisas estão muito monótonas no campo”, disse ele. “Quase não há mais caça, por isso vou trabalhar para um fazendeiro. Ele vai me pagar com muita comida e bebida. Quando eu estiver bem gordo e saudável, volto para casa. Não quer vir comigo, irmã marrom?”

— Quando ouviu sobre a quantidade de comida, a hiena salivou — disse Karel. — Considerou aquele um ótimo plano. Assim, os dois foram até a fazenda, e o chacal foi tão simpático e persuasivo que o fazendeiro contratou ambos

imediatamente. Era um lugar lindo! Uma porção de galinhas e patinhos, ovelhas africanas com rabos gordos, daqueles bons para se fazer sabão e velas, além de ovos, pombos e perdizes. Tudo o que o chacal mais gostava. Sentiu em seu estômago que passaria muito bem ali.

— Durante o dia — continuou Karel — o chacal espiou todos os cantos até descobrir onde o fazendeiro guardava a banha que fazia cozinhando a carne das ovelhas. No meio da noite, enquanto todos dormiam, ele foi bem quietinho, senhorzinhos, silencioso feito uma sombra, até esse lugar. Pegou um bom pedaço dessa gordura e esfregou na cauda da hiena enquanto ela dormia. Depois comeu todo o resto, *nham, nham, nham*, e foi dormir na carroça. De manhã cedinho, o fazendeiro foi ordenhar as vacas e deu falta da banha.

“Mas ora essa! Onde foi parar a banha?”, questionou ele. “Deve ter sido o pilantra do chacal. Ele que me aguarde!”

— O fazendeiro pegou uma tira de couro e um chicote e foi até a carroça, decidido a dar uma surra no chacal — contou Karel. — Mas quando o acusou de ter roubado a banha, o chacal falou bem mansinho:

“Imagina, patrão! E eu lá ia fazer uma coisa dessas? Pode olhar minha cauda. Não tem um cisco de gordura nela! Quem rouba banha fica com o rabo todo engordurado!”

— Disse isso e sacudiu sua cauda bem na cara do fazendeiro. Dava para ver que estava completamente limpa — completou Karel.

“Ainda assim, a banha sumiu!”, esbravejou o fazendeiro.  
“Alguém deve tê-la roubado!” E começou a vasculhar o vagão.

— O fazendeiro começou então a vasculhar o vagão e enfim chegou ao local onde a hiena dormia — relatou Karel.

— Ela parecia um bebê, senhorzinhos, dormia gostoso e roncava um pouquinho. Não aquele ronco alto de tábuas sendo serradas, *rooong*, *rooong*, mas respirava alto, como as pessoas fazem quando dormem profundamente, *pffiuu*, *pffiuu*. Quando alguém respira assim é porque está em um sono pesado. A hiena estava com a cabeça recostada em um montinho de grãos, e sua cauda estava aparente e dura de tanta gordura!

“Arrá! Achei a ladra!”, exclamou o fazendeiro, e começou a amarrá-la com a tira de couro.

“O que está havendo?”, perguntou a hiena enquanto se levantava e esfregava os olhos. “Estava tendo um sonho lindo. Sonhei que comia banha a noite inteira...”

“E comia mesmo! A *minha* banha!”, zangou-se o fazendeiro e a amarrou ainda mais forte. “Agora você vai aprender a não roubar os outros!”

— A pobre hiena se sacudiu e deu saltos quando entendeu o que acontecia — contou Karel. — Correu em círculos

pela cabana, tentando escapar. Gritou várias vezes que não sabia nada sobre a banha, que nunca a tinha visto, muito menos comido. Mas de nada adiantou.

“Olhe só para o seu rabo!”, disse o fazendeiro. “Tem coragem de me dizer que sua cauda se soltou e se esfregou sozinha na banha?”

— Então ele a amarrou na roda da carroça e bateu nela sem parar — disse Karel. — Ah, senhorzinhos! Foi uma surra e tanto! Ela gritava e gritava, até que o fazendeiro a levou para longe da fazenda e a deixou no campo. Coitada da hiena! Não sobrou nem um pouquinho de banha no rabo dela, pois tudo havia caído no meio da surra e da correria. Ela nunca mais quis saber de viver em fazendas depois disso, resignou-se a viver só na mata.

— A história acaba aí, tio? — perguntou Willem.

— Sim, senhorzinho. É um final triste, mas o tio não pode fazer nada. Foi assim que aconteceu.

— E onde estava o chacal durante toda essa confusão?  
— indagou Pietie, contrariado.

— O chacal ficou sentado na carroça, rezando. Desse jeito, senhorzinhos — disse Karel juntando as mãos tortas e erguendo suas pupilas brilhantes, mostrando a parte amarelada de seus olhos. — Anjinho da guarda, meu bom amiguinho, me leve sempre pelo bom caminho. E sempre

que a hiena gritava, ele implorava para que ela não roubasse mais e se comportasse como uma boa cristã.

— Mas o chacal é que era o ladrão! — exclamou indignado o pequeno Jan. — Ele só faz maldades e nunca é castigado. Por que isso, tio?

Um sorriso complacente se abriu no rosto do ancião. Embora seus olhos mantivessem o mesmo brilho astuto de sempre, respondeu em um tom de voz muito sério:

— Ah, senhorzinho, o tio não sabe. Este mundo tem dessas coisas. É como aquele brinquedo que o senhorzinho viu lá na Cidade do Cabo, que sobe e desce sem parar.

— A montanha-russa? — perguntou Willem.

— Isso mesmo! A vida é desse jeito, tem seus altos e baixos. Às vezes, quem é bom fica por baixo e quem é mau fica por cima. E assim como esse brinquedo que o tio não sabe falar o nome direito, uma hora as coisas se invertem e os bons ficam por cima e os maus por baixo.

— Mas parece que o chacal sempre sai por cima! — protestou Willem.

— Pois é, senhorzinho — tornou o velho, muito sério. — O chacal parece sempre se dar bem. Às vezes a vida é assim.

Seus olhos ficaram distantes e não era possível saber se ainda pensava no chacal.

# O SOL

*Uma lenda san*

Tio Karel, depois de ganhar sua dose diária de aguardente, aproximou as mãos tortas do fogo estimulante, sorrindo ora para as chamas, ora para seus pequenos patrões.

— Ah! Como é bom poder guardar um pouquinho do sol mesmo à noite! Antigamente o povo san, que é a tribo do tio, não conhecia o fogo. Ficavam felizes quando o Grande Fogo que esquenta e ilumina a terra caminhava pelo céu. Era quando caçavam, dançavam e comiam. Matavam grandes antílopes com flechas envenenadas, depois cortavam a carne e comiam ainda pingando sangue, pois não tinham fogo para assá-la. Usavam pedras afiadas para cavar a terra em busca de raízes, que também comiam do jeito que encontravam. É claro que não cozinhavam, pois não sabiam fazer fogo. Só aprenderam com a chegada do homem branco. A cabeça do tio é grande, maior do que a dos patrõezinhos, mas é o que está dentro dela que importa. Mesmo menor, o homem

branco tem muita coisa aqui dentro! — disse Karel e pôs a mão em sua testa enrugada. — Antigamente, quando o povo do tio passava frio, se enfiava nas cavernas e se cobria com peles. Não tinha fogueira para esquentar. Ficavam tristes quando o Velho baixava os braços e se deitava para dormir.

— Que Velho? — perguntou Pietie. — Você está falando do sol?

— Isso mesmo! Os senhorzinhos não sabiam que o sol já foi um homem? Foi há muito, muito tempo, antes do povo do tio viver neste mundo. Talvez até antes da Primeira Raça, que foi o primeiro povo do qual sabemos alguma coisa e que veio antes dos san das planícies. Nessa época vivia um homem que tinha luzes debaixo dos braços. Quando levantava um braço, iluminava um lado. Quando levantava o outro, lançava luz para o outro lado. Quando abria os dois braços, iluminava tudo ao redor dele, mas somente no local onde estava; a luz não ia muito longe. De vez em quando as pessoas pediam para ele ficar em cima de uma rocha, para que a luz chegasse mais longe. Outras vezes ele subia em uma colina e erguia os dois braços. Desse jeito ele iluminava muitos quilômetros de um campo. Quando mais alto subia, mais longe a luz chegava. Então o povo disse:

“Percebemos que quanto mais alto ele fica, maior o espaço que clareia. Se pudéssemos colocá-lo em um lugar bem elevado, sua luz atingiria o mundo todo”.

— Eles tentavam achar todos os meios para tornar isso possível — contou Karel — quando uma sábia anciã reuniu os jovens da tribo e disse:

“Esperem até o homem da luz dormir. Então ergam-no pelos braços e balancem-no de um lado para o outro... assim... e joguem-no para cima, o mais alto que conseguirem. Se ele ficar mais alto que as colinas, quando levantar os braços, sua luz vai aquecer a terra e fazer verdejar as plantações no verão”.

— Então os jovens foram até onde o homem dormia — disse Karel. — Iam bem quietinhos, senhorzinhos, pisando macio na areia vermelha para não o acordar. O homem dormia pesado, e não acordou quando os outros o pegaram pelos braços e o balançaram para frente e para trás como a anciã havia aconselhado. Com esse impulso, atiraram-no para cima e ele ficou parado no ar, bem alto. Na manhã seguinte ele acordou e se espreguiçou, abrindo os braços. Sua luz iluminou o mundo todo, aquecendo a terra e fazendo verdejar os campos. E assim continuou dia após dia. Quando ele abria os braços, ficava dia e claro. Quando erguia só um, o céu ficava nublado. Quando ia dormir e baixava os braços, ficava completamente escuro, era a noite. Quando acordava

de novo e erguia os braços, o dia voltava e a terra ficava clara e quente. Às vezes, ele se afastava da terra, então ficava mais frio. Era o inverno. Quando ele estava próximo, tudo ficava quente de novo. As plantas ficavam verdes e os frutos amadureciam. Era o verão. Até hoje é assim, senhorzinhos. Dia e noite, verão e inverno. Tudo porque o Velho com luz debaixo dos braços ficou preso no céu.

— Mas o sol não é um homem, tio — afirmou Willem.

— Nem tem braços.

— Agora não, senhorzinho. Não mais. Só que imaginem há quanto tempo ele já está lá em cima. Muitos e muitos anos, sempre atravessando o céu. Desde a hora que acorda pela manhã até quando vai dormir, à noite, do outro lado do mundo. De tanto andar pelo mundo, foi ficando cada vez mais redondo, até virar uma bola de luz, rolando de um lado para o outro do céu.

A prima Minnie, que escrevia sobre a mesa ao lado e ouvia trechos da conversa, inclinou-se na direção deles após essa explicação. No entanto, bastou um olhar para perceber que as crianças estavam interessadas demais no aspecto pessoal da história, ou seja, não havia risco de ficarem confusos com a deturpação de fatos elementares que ela mesma havia custado a aprender.

— Mas e os braços dele, tio? — perguntou o pequeno Jan com seu jeito cônscido. — Eles não esticam mais?

Karel lançou-lhe um olhar orgulhoso.

— Ah, esse é meu senhorzinho! Sempre com boas perguntas. Sim, às vezes ele os estica. Quando o dia ainda está escuro é porque ele estendeu os braços. E de vez em quando fica com os braços abaixados e ergue só as mãos, bloqueando um pouco a luz. Vocês já viram que em alguns dias, um pouco antes de amanhecer ou quando o Velho está quase indo dormir, aparecem umas faixas de luz saindo do sol?

— Já vimos, sim — respondeu a afoita plateia.

— São os dedos do sol. Ele fica com os braços dobrados dentro da bola de fogo, mas coloca os dedos para fora e faz estradas de luz que se estendem pelo céu. É assim que o Velho espia o que está acontecendo na terra. Da próxima vez que ele fizer isso, os senhorzinhos podem tentar contar e ver quantos dedos ele esticou. São oito grandes e dois dedões, que são menores.

O conhecimento matemático de Karel se limitava às contas que conseguia fazer com seus dedos tortos. O sorriso com o qual demonstrou suas capacidades nas contas foi um misto de orgulho e modéstia.

— Quando ele se deita, recolhe os dedos. Por isso todo o mundo fica escuro e as pessoas vão dormir.

— Mas tio, não fica completamente escuro durante a noite — lembrou Pietie. — Tem as estrelas e a lua.

— Ah, sim! As estrelinhas e a senhorinha Lua. Outro dia o tio conta sobre elas, mas agora ele precisa ir embora. Está na hora da Lys esfregar minhas costas com buchu<sup>9</sup>. Quando a velhice chega, nossas juntas ficam duras por causa do reumatismo. Ah, é cada fisgada! Por isso o tio pega umas plantas, ferve e esfrega onde dói. Tem muita planta boa, mas as folhas de buchu são as melhores. Buchu para a parte de fora e a aguardente do patrão para a parte de dentro, assim que é!

Fixou o olhar no armário de bebidas, mas esses armários de nada servem se não forem abertos por alguém. Como desconhecia o poder do “abre-te, Sésamo!”, Karel se contentou em estalar os lábios e foi embora com seus passos arrastados.

---

9 Arbusto de folhas verde-claras e com glândulas de óleo. As folhas possuem um aroma forte similar à hortelã e têm função antisséptica, anti-inflamatória e diurética.

# AS ESTRELAS E A ESTRADA DO CÉU

**G**ris e infinito, o céu escuro cobria o grande Karoo como uma marquise de veludo, um misterioso pano de fundo para uma miríade de estrelas que brilhavam sobre a terra fria.

Os três meninos, apertados contra a janela, apontavam as constelações que a prima Minnie havia lhes ensinado e perdiam-se em debates sobre o número e a constituição das estrelas da Via Láctea. Então tio Karel entrou arrastando os pés.

— Tio, você acha que na Via Láctea há um bilhão de estrelas? — perguntou Willem.

— Um bilhão são mil milhões — explicou Pietie —, e levaria meses só para contar até um milhão.

— Ah, senhorzinho, sem dúvida há um *bilhão* de estrelas lá em cima — respondeu Karel, astutamente apropriando-se da palavra ouvida pela primeira vez.

Pareceu meditar um segundo sobre o assunto e acrescentou:

— Talvez até dois bilhões, mas não se sabe ao certo, porque ninguém nunca conseguiu contar. São muitas estrelas. E pensar que a estrada brilhante no céu é feita de brasas e cinzas, vejam vocês!

Acomodou-se em seu banquinho, já com sua plateia cativa.

— Sim, senhorzinhos — continuou. — Há muito, muito tempo, quando o Velho com a luz debaixo dos braços ia dormir, o céu ficava completamente escuro, mas o povo aprendeu a fazer fogo para iluminar a escuridão. Certa noite, uma garota se aquecia ao lado de uma fogueira e começou a brincar com as cinzas. Pegava as cinzas e as jogava para cima, porque achava bonito o modo como flutuavam no ar. Enquanto elas voavam, a menina colocava galhos com folhas verdes no fogo e os sacudia. A fogueira lançava faíscas que iam muito alto, misturando-se com as cinzas prateadas, até que essa mistura se fixou no ar criando uma estrada brilhante que cortava o céu. Essa estrada está lá em cima até hoje. Os patrões chamam de Via Láctea, mas o tio chama de Estrada do Céu. Quando acabou o trabalho, a menina ficou muito feliz! Ela batia as palmas e dançava, se remexendo igual ao povo do tio quando estão contentes. E cantava:

*“Estrelinhas, tão estreladas  
Brilharam até criar uma estrada*

*Poeira de sol, cinza de brasa,  
A noite acaba na alvorada!"*

— A menina então jogou no céu um punhado de raízes que estava comendo — continuou Karel. — Elas ficaram lá em cima e viraram estrelas grandes. As raízes mais velhas brilham uma luz vermelha, e as mais novas viraram estrelas de luz dourada. Ficam todas piscando, brilhando e cantando no céu. Pois é, senhorzinhos, elas cantam assim:

*"O Sol é nosso papai!  
É sim, é sim, é sim!  
Ele vem quando a noite se vai!  
Vem sim, vem sim, vem sim!  
Iluminamos todo o breu  
Bem alto na Estrada do Céu,  
Esperando um sorriso seu  
Brilhando na noite ao léu.  
É sim, é sim, é sim!"*

— Sabiam, senhorzinhos — prosseguiu Karel —, que quando as estrelas brilham no céu elas fazem igual às crianças? Pois é, elas sacodem suas cabecinhas e ficam falando: “É sim, é sim, é sim!”.

A cada repetição Karel também abanava a cabeça e piscava. As crianças o imitaram, divertindo-se.

— Os senhorzinhos já viram uma estrela cair?

Os três fizeram que sim.

— Quando uma estrela cai — disse o ancião em tom grave —, é porque alguém morreu. Elas sabem quando o coração de alguém para, e caem do céu para que todos saibam também, mesmo que estejam longe.<sup>10</sup> Uma vez uma estrela cresceu e cresceu até ficar muito maior que as outras. Foi chamada de Grande Estrela. Chamou as outras cantando seus nomes até que todas fossem devidamente batizadas. Só ela sabia como fazer isso, o que é mais uma razão para que seja chamada de Grande. Quando o batismo acabou, todas dançaram juntas e cantaram elogios para ela.<sup>11</sup> Agora, quando o dia termina, elas atravessam o firmamento usando os dois lados da Estrada do Céu, que é sua guia. Quando a noite acaba, dão meia volta e pegam o sentido contrário,

---

10 Há aqui um interessante paralelo com crenças de povos escandinavos e do norte da Europa, mesmo sendo raças tão diferentes dos san. Um exemplo disso é *A pequena vendedora de fósforos*, do dinamarquês Hans Christian Andersen, onde há o seguinte trecho: "Sua vó lhe contou que uma estrela caiu porque uma alma subiu aos céus".

11 Outra relação aparece na Bíblia, em Jó, 38:7: *Quando juntas cantavam as estrelas da manhã, e todos os filhos de Deus bradavam de júbilo.*

que as leva ao sol. É assim que chamam a alvorada. A estrela que vai na frente é muito grande e brilhante. É chamada de Estrela do Coração do Amanhecer. Na hora mais escura, antes das estrelas chamarem a manhã, ela brilha muito. Ah, senhorzinhos, é lindo de se ver! O marido e os filhos dessa estrela também são bonitos, mas não brilham tanto quanto ela. Vão na frente e depois ficam esperando até que as outras estrelas voltem pela Estrada do Céu para chamar a alvorada. Também esperam o sol se levantar de baixo do mundo, onde ele dorme. E nessa hora as estrelinhas também brilham e cantam:

*"Cantamos por toda a madrugada:  
Alvorada! Venha logo, alvorada!  
Acorde, bela e preguiçosa dama,  
Abra os olhos e pule da cama!  
Estique suas mãos e respire fundo.  
Puxa o sol de baixo do mundo.  
Quando ele sorri as estrelas emudecem,  
E com a Estrada do Céu desaparecem.  
Alvorada! Venha logo, alvorada!  
Cantamos por toda a madrugada.  
É sim, é sim, é sim!"*

— Elas cantam assim, senhorzinhos — disse Karel —, porque sabem que é hora de irem embora. Nesse momento, a alvorada acorda devagar, respira fundo, sorri, estica suas mãos brilhantes e espanta a escuridão. As estrelas ficam pálidas e a Estrada do Céu desaparece, porque o sol chega iluminando tudo. Ele se espreguiça erguendo os braços, e debaixo deles sai a luz que as pessoas precisam para fazer seus trabalhos e brincadeiras. As estrelinhas só voltam a cantar quando o sol dorme outra vez. Elas cantam mais bonito quando é verão, mas mesmo hoje, se olharem pela janela, dá para ver que estão brilhando com sua cantoria.

As crianças correram para a janela e admiraram o céu estrelado. Antes de entornar o copo de aguardente que o patrão lhe trouxera, Karel observou as três cabecinhas embrulhadas pela canção imemorial das estrelas. O pequeno Jan comentou, exaltado:

— É verdade, tio! Elas estão cantando “*É sim, é sim, é sim!*”

# POR QUE A LEBRE TEM O NARIZ PARTIDO

**A**s persianas e cortinas ainda estavam abertas. O pequeno Jan observava com olhos sérios e atentos a lua que despontava serena no céu gelado. Suspirou como se tomado por um pensamento grande demais para ser expressado enquanto olhava absorto para o fogo que crepitava.

— E por que esse rapaz suspira assim? — perguntou tio Karel. — Parece o vento soprando nas planícies.

O olhar do pequeno Jan lentamente perdeu sua introspecção e se voltou ao velho nativo.

— Tio, por que a lua fica tão longe e é tão bonita e dourada?

— Mas ora essa! Como é que o tio vai saber? É assim e pronto. Assim como a grama é verde e o fogo é quente, a lua é bonita e dourada, e fica lá longe. Mas às vezes ela também é uma senhorinha cruel. É por causa dela que a coitada da lebrezinha tem um corte no meio do nariz até hoje.

— Conte-nos essa história, tio! — O pequeno Jan se prostrou no tapete, ao lado da cesta de espigas de milho. Os outros se aproximaram em seguida.

— E por que o senhor chamou a lua de senhora? — perguntou Pietie, sempre curioso.

— Os senhorinhos então não sabem que a lua é uma senhorinha? Pois é, e por ser tão bonita, às vezes é cruel e impertinente, como toda moça. Vou contar a história dela a vocês. Há muito, muito tempo, quando o mundo ainda era bem novo, a senhorinha Lua procurava alguém que levasse uma mensagem sua aos homens. Tentou vários animais, mas nenhum foi capaz de realizar a tarefa. Até que por fim ela chamou o crocodilo. Ele é desajeitado e muito lento, mas a senhorinha Lua pensou que se beliscasse o rabo dele, isso o faria correr. Então ela ordenou:

“Desça até a morada dos homens e lhes diga o seguinte: Quando eu morrer, renascerei. Da mesma maneira, os homens, ao morrerem, viverão.”

— Os senhorinhos sabem que a lua às vezes fica bem grande e redonda. Assim, oh... — disse Karel e fez um círculo no ar com suas mãozinhas e as manteve suspensas por um tempo. — Do jeito que ela está hoje no céu. Daí ela vai ficando um pouco menor a cada noite. Assim, assim. Até que... *clap!* — e bateu palmas ruidosamente.

— A lua some — disse ele. — Quer dizer, ela morre. Até que, algumas noites depois, aparece um chifre prateado no céu, bem fininho. É a lua nova, que vai crescendo até ficar redonda e dourada outra vez.

Com suas mãos que pareciam garras, Karel demonstrou para as atentas crianças o crescimento da lua.

— E continua sempre assim. A lua nasce, cresce, morre e nasce outra vez — afirmou Karel e prosseguiu com a história.

— Então a senhorinha Lua beliscou o rabo do crocodilo, o qual, num salto, partiu para entregar a mensagem. Ele andou bem rápido enquanto a Lua o observava, até que chegou a uma curva da estrada. Teve de fazer uma grande volta para dobrar a curva, pois seu corpo é duro como uma tábua. Assim que ficou fora do campo de visão da Lua, começou a andar cada vez mais devagar... *clopt, clopt, clopt...* como um cavalo com antolhos. Era um crocodilo bem preguiçoso. De repente, algo fez um barulho: *shhh*. Era a pequena lebre que, ao ver o crocodilo, caiu na risada e perguntou:

“Que barulheira é essa? Onde vai com tanta pressa, crocodilo?”

“Não posso conversar agora, lebre!”, respondeu ele, apressado e com cara de sério. “A dona Lua me mandou entregar uma mensagem aos homens.”

“Que mensagem?”

“É um recado muito importante: *Quando eu morrer, renascerei. Da mesma maneira, os homens, ao morrerem, viverão.*”

“Mas que mensagem idiota! E você não sabe nem correr, suas pernas são muito curtas. Só fica fazendo *clopt, clopt, clopt* como se fosse um cavalo manco. Já eu vou pelos campos, faço *shhhh* como o vento. Me dê a mensagem e eu a entregarei.”

“Muito bem”, concordou o crocodilo, “mas você precisa dizê-la em voz alta antes, e repetir direitinho.”

— Então a lebre repetiu a mensagem várias vezes, e saiu em disparada, fazendo *shhhh* como o vento — contou Karel. — Em um minuto já não estava mais lá! Só dava para ver um pontinho branco, que era sua cauda, e suas perninhos ficando cada vez menores à distância. Finalmente, ela chegou à terra dos homens. Pediu que todos se reunissem e declarou:

“Ouçam, filhos do babuíno, trago uma mensagem de alguém muito sábio. Fui enviada pela senhora Lua, para lhes dizer o seguinte: *Quando eu morrer, desaparecerei. Da mesma maneira, os homens, ao morrerem, encontrarão seu fim.*”

— Os homens se entreolharam, trêmulos — disse Karel.  
— No instante seguinte seus braços se arrepiaram.

“O que faremos? O que significa essa mensagem da senhora Lua? *Quando eu morrer, desaparecerei após minha morte. Da mesma maneira, vocês, ao morrerem, deverão sumir completamente?*”

— Outra vez sentiram calafrios subindo por suas espinhas, até arrepiar os cabelos, assim, oh... ah, o tio esqueceu que vocês não sabem o que é ter medo desse jeito... — observou Karel e deu um largo sorriso acompanhado pelo olhar astuto de quem sabia muito bem como provocar seus pequenos ouvintes.

— A lebre não se abalou com essa reação — prosseguiu ele. — Dançou apoiada em suas patas traseiras, divertindo-se muito com suas habilidades de enganar os homens. Então ela voltou até a Lua, que lhe perguntou:

“O que você disse aos homens?”

“Senhora Lua, eu entreguei sua mensagem: *Quando eu morrer, desaparecerá. Da mesma maneira, os homens, ao morrerem, encontrarão seu fim.* Eles ficaram duros de medo! Ah! Ah! Ah!”, a lebre ria ao se lembrar.

“O quê!?", gritou a Lua. “Você disse isso? Filha de um burro amaldiçoado!<sup>12</sup> Você será castigada!”

— Rapaz, a senhorinha Lua ficou muito brava — disse Karel. — Ela pegou um bastão bem grande, bem maior do que aquele o que o tio usava para matar leões quando era jovem. Se a Lua tivesse conseguido pegar a lebre de jeito, teria partido a cabeça dela.

---

12 Segundo a lenda san, a lebre é descendente do burro.

Karel sacudiu a cabeça, como se estivesse comovido.

— Quando a lebre percebeu o golpe do bastão — falou —, contou até três, se abaixou e escapuliu. Ela é um bicho bem esperto. A pancada acertou apenas a ponta do seu nariz. Aquilo foi um belo machucado! A lebre não se importou que a Lua era uma dama. Xingou, gritou e saltou nas quatro patas. Bateu e arranhou o rosto da Lua até ele se partir em pedaços. Quando a lebre se sentiu um pouco melhor, fugiu correndo o mais rápido que pôde, apertando seu nariz com as mãos. E é por isso que até hoje a lebre tem o nariz partido e o rosto da Lua tem várias cicatrizes.

Após um pequeno intervalo dramático, Karel completou:

— Pois é, senhorzinhos, brigar é uma coisa muita feia. Nunca acaba bem. Alguém sempre sai machucado, e como demora para sarar! E depois ainda sobram marcas do que aconteceu. A melhor coisa, senhorzinhos, é não brigar nunca.

# COMO O CHACAL GANHOU SUA CAPA PRETA

**O**Sol era uma criança esquisita — começou Karel. — Nunca teve pai nem mãe. Ninguém sabe de onde ele veio. Ele simplesmente surgiu na beira da estrada um dia. Antigamente, quando os homens da Antiga Raça, pessoas muito velhas que viveram há muito tempo, perambulavam em busca de caça, ouviram um gemido agudo e distante. Não era um antílope, nem uma perdiz, nem um filhote de avestruz. Não conseguiam imaginar o que era, e o gemido não parava.

Karel balançava a cabeça e imitava os gemidos.

— E por que não foram ver o que era? — perguntou Willem.

— Eles foram, senhorzinho. Vasculharam os arbustos de avelós na beira da estrada até que encontraram um bebezinho escuro. A criança estava bem quietinha, olhando para todos os lados. Só que não se parecia nada com um bebê, senhorzinhos, era como se fosse uma criança velha, e dos seus olhos saíam fachos de luz muito brilhantes, mais

brilhantes do que o isqueiro do tio. Quando viu os homens, o bebê começou a resmungar novamente:

“Me levem, me levem! Me tirem daqui e me levem com vocês!”

“Ora essa, ele sabe falar!”, disse um dos homens. “Que criança mais bonita! Onde está sua família, e por que te deixaram aqui?” Mas o solzinho não respondeu. Só disse: “Me coloquem em uma bolsa e me levem com vocês. Estou cansado e não consigo andar”.

— Outro homem quis pegá-lo — prosseguiu Karel —, mas ao se aproximar, disse:

“Ai, ele está muito quente! E o calor sai dele mesmo! Não consigo pegá-lo.”

“Mas que bobagem é essa?”, disse outro. “Eu o levarei.” Porém, assim que chegou perto, deu um passo para trás e falou: “Ai, meus olhos! Ele solta fogo!”.

“Ele é tão pequeno”, observou outro homem. “Posso facilmente levá-lo em minha bolsa.”

“Ai, ai ai!”, gritou esse homem ao tentar erguer o solzinho pelas axilas, deixando o bebê cair na areia vermelha. “Que feitiçaria é essa? Parece que ele tem fogo debaixo dos braços! Me queimei todo!”

— Muitos outros se aproximaram — disse Karel. — Estavam curiosos para ver o bebê escuro que podia falar

e queimava como fogo, mas não chegaram muito perto, senhorzinhos, pois estavam apavorados. No entanto, de repente o solzinho se esticou todo. Ergueu a cabeça e estendeu os bracinhos. Dos seus olhinhos saíram faíscas e das suas axilas saíram raios de luz amarela. Os homens da Raça Antiga fugiram na mesma hora, tropeçando uns nos outros em meio aos arbustos até voltarem à estrada. Nossa, como ficaram apavorados! Ao chegarem à aldeia, gritaram para suas mulheres, que os esperavam sentadas com seus bebês nas bolsas que levavam atadas às costas:

“Depressa, vamos! Saiam daí agora mesmo!”, gritaram os homens.

“O que foi? O que vocês viram?” perguntaram as mulheres e também começaram a correr.

“Uma coisa terrível”, disseram os homens, sem parar de correr. “Um sujeito que finge ser um bebê, mas sabemos que é um pigmeu. Estava no chão e implorou para que o levássemos em nossas bolsas. Só que quando chegávamos perto, ele tentava nos queimar. Quase nos pegou, mas fugimos a tempo!”

— Então correram ainda mais rápido. Os senhorzinhos sabem como os pés parecem voar quando a gente está com medo... ah, não sabem, não é? — perguntou Karel sorridente e prosseguiu: — Então os homens da Antiga Raça, junto com

suas mulheres e crianças de colo, continuaram fugindo. Em pouco tempo já estavam bem longe do local onde o solzinho fora encontrado. Mas alguém observava tudo, senhorzinhos, escondido em um arbusto ali perto. Era o chacal, com seus olhos brilhantes e faro aguçado, que espreitava bem colado ao chão. Quando os homens fugiram, ele se esgueirou para descobrir o que havia acontecido. Arrastava-se entre os arbustos tão suavemente que não movia nenhuma folha e não fazia nenhum barulho.

“Ah, que linda criança os homens deixaram para trás!”, espantou-se o chacal. “É de cortar o coração que não a tenham levado junto.”

“Me pegue, me pegue!”, pediu o solzinho. “Me leve com você!”

“Eu não tenho como te carregar, criança. Mas se conseguir se segurar em mim, te levo em minhas costas,” disse o chacal deitando-se no chão, enquanto o solzinho agarrava-se à sua pelagem até montar em suas costas.

“Aonde você quer ir?” perguntou o chacal.

“Para lá, bem longe”, pediu o bebê, já sonolento.

— O chacal correu com o nariz rente ao chão e uma expressão astuta — contou Karel. — Para ele pouco importava aonde o bebê queria ir. Sua intenção era levá-lo ao penhasco onde vivia com sua esposa e filhos. Ah, se os senhorzinhos

vissem seu olhar maldoso! Estava sorrindo e, quando um chacal sorri, é uma visão que dá medo, tamanha é sua perversidade. Estava muito satisfeito com a presa que levava. Bebês gordos são gostosos como rabos de carneiro, por isso ele corria alegremente. Mas aquilo não durou muito. Logo suas costas começaram a queimar, no local onde o bebê se agarrava. Ficou cada vez mais quente, até que não pôde mais suportar.

“Ai! Ai! Você está me queimando!”, exclamou o chacal.  
“Fique um pouco mais para baixo, para aliviar o calor no meu pescoço!”

— O solzinho ajeitou-se um pouco mais para trás e agarrou a pelagem do chacal, que seguia trotando — contou Karel. — Mas logo o chacal reclamou outra vez:

“Ai! Ai! Agora está queimando o meio das minhas costas! Vá um pouco mais para trás.”

— O solzinho recuou ainda mais, agarrando-se outra vez no chacal — explicou Karel. — E assim continuou. Cada vez que o chacal reclamava das queimaduras, o bebê recuava um pouco mais, até que o segurava apenas pela cauda. Não soltou nem quando o chacal gritou, e a cauda se queimou até ficar preta.

“Solte! Solte!”, berrava o chacal. “Criança do demônio! Me larga! Solte meu rabo! Vou te castigar por isso! Vou te morder! Vou te devorar! Solte!”

— Ao falar isso, o chacal pulou, corcoveou e correu cada vez mais rápido, até que o bebê o soltou — contou Karel e prosseguiu: — O chacal então deu meia volta e correu até o solzinho, pronto para devorá-lo. Mas uma coisa estranha aconteceu, senhorzinhos. Imaginem que quando o chacal se aproximou e já preparava seu bote, estacou e deu um salto para trás, como se houvesse levado um golpe. No começo rosnou irritado, depois uivou porque a claridade feria seus olhos. E sabem por que, senhorzinhos? Das axilas do bebê-sol saía um brilho muito forte e quente, e seus olhos lançavam chamas. O chacal piscava apertando bem os olhos e tentava esconder-se na areia. De vez em quando abria as pálpebras só um pouquinho, enquanto isso, a criança continuava lá, sem deixá-lo enxergar nada.

“Vamos, tente me castigar”, provocou o bebê.

“Não, meu amigo!”, tornou o chacal, em um tom de voz humilde. “Por que eu faria isso?”

“Vamos, tente me morder.”

“Não, meu amigo, nem pensaria em uma coisa dessas!”

O chacal se encolheu ainda mais na areia.

“Vamos, tente me devorar”, disse a criança enquanto o chacal se encolhia todo, arrastando-se para trás.

“Quem faria uma coisa dessas com uma criança tão linda?” Perguntou o chacal que se esforçava para parecer simpático.

“Você faria”, afirmou o solzinho. “Quando chegássemos ao penhasco, você me devoraria. Você pensa que é muito malandro, chacal, mas sua hora chegou. Agora, olhe bem para mim.”

— O chacal não queria olhar, senhorzinhos, mas foi como se algo o forçasse a abrir os olhos. Encarou o bebê, que o encarou de volta. Assim, senhorzinhos, assim — explicou Karel enquanto arregalava os olhos o máximo que podia para sua fascinada plateia.

“Você vai me reconhecer quando me vir novamente”, declarou o bebê. “Mas nunca mais, nunca mais conseguirá olhar para o meu rosto. Agora pode ir.”

— Fortes raios de luz saíram de seus olhos e atingiram o chacal com toda sua potência — disse Karel. — O sopro do bebê eram chamas ardentes. O chacal, quase morto de terror, lançou um terrível uivo e fugiu pela planície. Desde esse dia, senhorzinhos, a pelagem do chacal é negra, do pescoço até a pontinha do rabo. E como tem medo de encarar o sol, se esconde o dia todo, de olhos bem fechados. É só à noite, quando o Velho com a luz debaixo dos braços vai dormir, é que o chacal sai para caçar e tentar enganar os outros animais.

# O AÇUDE DOS ANIMAIS

**A**h, foi uma estiagem daquelas — começou Karel —, do tipo que só dá para fazer carne-seca. Durante muito tempo o Velho lá no céu brilhou muito e chupou toda a água dos campos. Despejava quentura no mundo, de manhã até a noite. Quando se escondia para dormir, um vento quente soprava sem parar, até o sol acordar outra vez. No Karoo, os arbustos secavam, os rios não tinham mais água e os pobres animais começaram a morrer de sede. Foi uma seca como vocês nunca viram igual, senhorzinhos. Por fim, o leão reuniu todos os animais, para juntos pensarem em um plano. O sol estava escondido e a senhorinha Lua passeava pelo céu, linda como sempre, observando o mundo quente. O leão sentou-se protegido pela sombra do penhasco, onde estava um pouco mais fresco, e os outros se reuniram em volta dele como uma fatia de melão. À frente ficaram o leopardo, a hiena, o babuíno, a lebre e o jabuti. Esses eram os líderes. Os pequeninos, como o coelho, o suricato e o porco-espinho ocuparam as laterais. A zebra, o antílope, o

avestruz e a girafa permaneceram na planície, esperando para ouvir o que seria definido. Fingiam que estavam pastando, mas suas orelhas se moviam para frente e para trás, para frente e para trás, assim, senhorzinhos, para não perderem nem uma palavra. Também estavam prontos para fugir a qualquer sinal de perigo, levantando poeira para que o leão os perdesse de vista. Mas não havia motivo para terem medo. O leão estava com muito calor, cansado e fraco demais para caçar. Sentou-se encostado ao penhasco com a língua de fora, os outros se sentaram em volta dele também com suas línguas de fora, olhando sempre para o céu, tentando identificar alguma nuvem que trouxesse chuva. Nada! O céu parecia uma grande bacia virada ao contrário. A senhorinha Lua o atravessava o firmamento em seu caminho prateado, seguida pelas estrelinhas que brilhavam como se fossem pedacinhos do sol. Não havia nada sequer parecido com uma nuvem. O leão então recolheu sua língua, remexendo-a dentro da boca para aliviar a secura. Quando se sentiu um pouco melhor, começou a falar:

“Amigos, irmãos e sobrinhos”

— Pois é, foi assim que ele começou seu discurso. Estava tão abatido que tratava a todos como amigos — observou Karel.

“Amigos, irmãos e sobrinhos, precisamos de um plano. Vocês já sabem como são as estiagens. Na pior época, as nuvens

ficam vazias e as águas correm rápido para o mar, onde já tem muita água. O pobre Karoo fica sequinho. Mesmo que caia uma pancada de chuva, a água logo some porque o solo está tão solto e seco que não segura nada. Por isso precisamos de um plano para manter a água aqui onde precisamos. Eu proponho construirmos um açude. Mas não adianta só um ou dois trabalharem nisso. Todos precisam ajudar. O que me dizem?”

“Concordo”, disse o leopardo.

“Concordo”, disse a hiena.

“Concordo”, disse o porco-formigueiro.

“Concordo”, disse o chacal, mas ele piscou para a senhorinha Lua e escondeu o focinho na areia para que ninguém visse seu sorriso sarcástico.

— Todos os outros animais concordaram e começaram a planejar o açude — contou Karel. — Arre! Ninguém imaginaria que estavam com as bocas tão secas, pois cada um tinha seu próprio plano e falava sem ouvir os outros. Parecia uma quermesse! Pois é, senhorzinhos, quando o tio era jovem, há muito tempo, ia nas quermesses na vila, mas sempre ficava feliz de voltar para o campo, onde não era tão barulhento. Foi então que o jabuti, com sua expressão sábia emoldurada pelo mosaico de seu casco, propôs:

“Vamos procurar um local para cavar o açude enquanto o tempo ainda está fresco”.

— Após procurarem por um tempo, enfim encontraram um bom lugar e logo começaram a construção do açude — disse Karel. — E como esses animais trabalharam duro, senhorzinhos! Furaram, escavaram, perfuraram, carregaram e moveram terra. Todos deram o seu melhor para que o açude ficasse pronto antes da época das chuvas. O único que não trabalhou foi o chacal. Apenas perambulava pela obra fazendo comentários “Por que você não faz isso?”, “Por que você não faz de outro jeito?” Até que enfim lhe responderam, “Por que você mesmo não faz?”. Porém, o chacal apenas riu e falou:

“E eu lá seria besta de quebrar minhas unhas nesse açude?”

“Mas você também concordou com a construção, não foi?”, perguntaram.

“Ha! Ha! Ha! Ha! Ha! Ha!” riu o chacal com desdém. “E vocês vão usar isso contra mim? Eu concordei ontem à noite. Não sabem que uma cor é diferente sob a luz da lua e do sol? Ha! Ha! Ha!”

— O danado continuou a incomodar os pobres animais que se matavam de trabalhar, caçoando deles quando suavam e se cansavam — contou Karel.

“Para que trabalhar tanto? Quem não ajudar na construção também vai beber a água”, dizia ele.

“E como você sabe?”, perguntaram os outros.

“Esperem e verão”, tornou o chacal, piscando um olho.

— Enfim o açude ficou pronto, e choveu naquela mesma noite — contou Karel. — A chuva caiu sem parar e encheu o açude até que a água correu pelo campo chegando ao grande açude chamado de mar, a mãe de todas as águas. Tão grande, senhorzinhos, que não dá para ver a outra margem, mesmo se subirmos em uma colina alta. Pois é, foi o que o tio ouviu de gente muito confiável. Os avelós e as samambaias verdejaram outra vez, e pequenas flores silvestres nasceram pelo chão duro, com seus olhinhos brancos, azuis, rosas e roxos a mirar o sol. Parecia uma colcha de retalhos estendida na planície, e o velho sol já não parecia mais tão bravo. Não as queimou com seu calor, apenas as observava com carinho. Os animais ficaram muito felizes com a água. Vinham de todos os cantos beber no açude. O chacal foi o primeiro de todos, logo que o sol se pôs. Aliás, os senhorzinhos sabem que os animais selvagens dormem durante o dia e caçam à noite? — perguntou Karel e continuou: — O chacal foi até o açude e bebeu até se fartar, além de encher um vaso para levar para casa. Também nadou para se refrescar, sujando e enlameando a água. Quando chegaram outros animais, ele escapuliu por uma das margens e sumiu pelo campo como se fosse uma agulha em um palheiro. Isso deixou o leão furioso!

“Rooaarr-rr-rr!”, rosnou ele. “Mas que negócio é esse? Esse folgado acha que pode se aproveitar do trabalho dos outros? Onde já se viu? Rooaarr-rr-rr! Irmão babuíno, pegue este bastão e se esconda perto do açude à noite. Quando o pilantra do chacal aparecer, dê uma surra no vagabundo!”

— E lá veio o chacal, logo ao cair da noite — contou Karel. — Olhou para todos os lados, até que viu o babuíno ao longe, escondido nos arbustos. O chacal era muito astuto e fingiu não ter visto nada. Dançou e rodopiou em suas patas traseiras, na beira do açude, cantando:

“Laraialá! Vou me esbaldar!

No meu pote de água doce vou me lambuzar!”

— Cantava sem parar e sempre que chegava ao fim da estrofe enfiava a pata dentro do vaso e fingia sugar alguma coisa — disse Karel.

“Ah, que mel mais gostoso!”, berrou o chacal, lambendo os lábios. “Não quero nem saber dessa água suja, tenho um pote cheio de água doce só para mim!”

— Os senhorzinhos sabem que os babuínos são loucos por mel — explicou Karel. — Ao ouvir aquilo, o babuíno se esqueceu da sua função de vigia do açude. Pouco a pouco foi saindo de seu esconderijo, até que não conseguiu mais se

conter. Quando o chacal passou por ele outra vez, cantando e dançando, o babuíno exclamou, afoito:

“Boa noite, chacal! Por favor, me dê um pouquinho do seu mel!”

“Ah!”, gritou o chacal, dando um salto e fingindo surpresa. “Que susto você me deu! O que faz aqui, irmão babuíno?”

“Nada, não! Só estava dando uma volta. Está uma noite tão bonita!”

“Mas por que você está com esse bastão tão grande?”

“Para cavoucar raízes.”

“Você quer mesmo um pouco de mel?”

“Sim, por favor, chacal!”, respondeu o babuíno, salivando.

“E o que me dará em troca?”

“Eu deixo você encher seu pote com água do açude.”

“Oras, não quero essa água suja. Mas como sei que você adora mel, deixo você pegar um pouquinho. Deixa que eu seguro o seu bastão enquanto você come.”

— O babuíno estava tão ávido pelo mel que atirou o bastão para o chacal — disse Karel. — Quando estava quase enfiando a mão no pote, o chacal o puxou de volta.

“Calma, irmão, espere um pouco!”, disse o chacal. “Vou te ensinar um jeito melhor. O mel fica muito mais gostoso se você comê-lo deitado.”

“Não! É verdade, chacal?”

“Juro!”, respondeu o chacal. “E digo mais, não deixo você provar o mel se você não se deitar.”

— O chacal falou de forma muito convincente — afirmou Karel —, e o babuíno estava tão obcecado pelo mel que teria acreditado em qualquer coisa, por isso deitou-se na mesma hora. Foi quando o chacal apanhou uma tira de couro e se aproximou dele.

“Agora, irmão, vou te amarrar com essa tira e depois te darei o mel na boca.”

“Sim, sim!”, sua vítima concordou prontamente.

— A boca do babuíno salivava — contou Karel. — O coitado não pensava em mais nada. Aliás, já havia se esquecido completamente de vigiar o açude. Assim é, senhorzinhos, quando alguém pensa apenas nos seus desejos e deixa seus deveres de lado. O babuíno deixou que o chacal amarrasse suas mãos, seus pés e até sua cauda, e ainda ficou de boca aberta esperando. Mas o chacal só dançava de um lado para o outro, enfiando os dedos no pote e lambendo, cantarolando sempre:

*“Laraialá! Vou me esbaldar!*

*No meu pote de água doce vou me lambuzar!”*

“E a minha parte?”, resmungou o babuíno. “Você disse que daria na minha boca. Eu também quero um pouco de água doce!”

“Aqui está sua parte”, esbravejou o chacal e *kablam!*  
Acertou uma bela paulada no babuíno.

“Ajudam! Ajudam! Socorro!”, gritou o babuíno, tentando se desamarra. Não havia ninguém por perto para ajudá-lo. Só o que podia fazer era rolar no chão, e a cada vez que rolava, o chacal lhe acertava outro golpe: *kablam!*

— Por fim o chacal virou o pote sobre a cabeça do babuíno — falou Karel. — Como os senhorzinhos podem imaginar, não tinha mel nenhum. Depois o malandro correu para o açude, bebeu toda a água que conseguiu, nadou e enlameou tudo. Então retirou o pote da cabeça do pobre coitado, encheu-o de água e foi embora dançando e cantando:

*“Laraialá! Vou me esbaldar!*

*“No meu pote de água doce vou me lambuzar!”*

“Até mais, meu irmão!”, provocou o chacal. “Espero que goste do mel que o leão vai te dar quando ele vir que belo trabalho de vigia você fez.”

— O pobre babuíno ficou desolado — observou Karel. — No entanto, sua situação ficaria ainda pior. Como castigo, o leão o colocou sobre uma grande rocha, onde todos os outros caçoaram dele. Foi muito triste, senhorzinhos! Fizeram uma longa fila e cada um dos animais, grandes e pequenos, parava em frente ao babuíno, mostrava a língua e balançava o rabo. Foram muito maldosos com ele. O coitado não suportou

tanta vergonha. Sentado sobre o monte, abaixou sua cabeça para não ver mais as gozações. Depois que todos os animais passaram e foram beber água, o leão desamarrou o babuíno e o libertou. O pobrezinho correu para a mata o mais rápido que pôde, com o rabo entre as pernas. É isso. Pronto! Vamos parar a história por aqui, meus senhorzinhos, porque ela é muito longa para contar tudo esta noite. Vejam, a Lys já chegou com o jantar de vocês, e o tio já está sentindo o cheiro de comida na cabana dele também.

Desvencilhando-se das insistentes crianças, Karel saiu pela porta, não sem antes erguer sua mão entrevada em sinal de adeus.

# SALVO PELO RABO

**P**or favor, tio, conte o final da história do açude dos animais — pediu o pequeno Jan. — Ontem à noite o senhor disse que era longa demais para contar tudo em um só dia.

— Ah, sim, senhorzinho. É porque fala das artimanhas do chacal, por isso é tão longa. Mas falta pouco agora. É assim: A noite já ia alta quando os animais acabaram de castigar o babuíno, e as estrelas já tinham ido embora. Apenas a Grande Estrela, que brilha por mais tempo que as outras, ainda atravessava a Estrada do Céu para ir chamar a aurora. O lugar onde o sol acorda todos os dias já estava clareando, ou seja, era hora de os animais se recolherem e irem dormir. O velho leão olhou em volta e perguntou:

“Quem ficará cuidando do açude hoje?”

“Eu fico!”, respondeu prontamente uma voz aguda.

“*Piip! Piip!*”

“Quem é que fala tão baixo?”, indagou o leão. “Vejamos quem demonstrou tal coragem.”

— Todos os animais olharam na areia e, debaixo de um arbusto próximo ao açude, lá estava o jabuti — contou Karel. — Ele era grande e bonito, senhorzinhos, do tamanho de uma tampa de caçarola, com perninhas muito fortes. Esticou seu pescoço magro e apertou seus olhinhos negros.

“Eu tomo conta do açude, leão, e apanharei quem está estragando a água.”

“Ah! Ah! Ah! E como vai fazer isso?”, zombou o leão.

“Se alguém puder esfregar meu casco com aquela coisa escura e grudenta que cai das colmeias, você verá o que posso fazer.”

“Este pequeno parece ser sábio”, comentou o leão, que logo deu ordens à hiena, que ainda mancava em suas patas traseiras, para que passasse a coisa grudenta no casco do jabuti.

— Naquela mesma noite, senhorzinhos — disse Karel —, quando o chacal foi ao açude beber água, olhou em volta várias vezes, mas não viu ninguém tomando conta do lugar. Só havia uma grande pedra escura na beira da água.

“Ah, mas que sorte!”, o chacal se alegrou. “Que pedra boa! Vou me apoiar nela para beber água.”

— Ele não sabia que abaixo da linha da água a pedra tinha um pescoço forte e uma cabeça com olhinhos que viam tudo o que se passava — explicou Karel. — Assim, o chacal pulou: *oops!*... caiu com as duas patas dianteiras sobre a pedra.

Logo elas ficaram coladas na coisa grudenta e o chacal não podia se mexer. Tentou e tentou, mas foi inútil.

“Que bruxaria é essa?”, gritou ele. “Me solte!”

“*Piip! Piip!*”, respondeu uma vozinha. “Não tenha medo.”

“Quem disse que estou com medo, sua pedra enfeitiçada? Mesmo com as minhas patas da frente presas, posso te dar uns bons chutes com as de trás.”

“Pois chute o quanto quiser, só se prenderá ainda mais”, disse o jabuti.

— Então o chacal chutou várias vezes — contou Karel —, até que suas patas traseiras também ficaram presas. Um barulho estranho, como bolhas subindo por um bambu, veio da água. Era o jabuti rindo.

“*Graurr! Graurr!*”, rosnou o chacal, irritado. “Minha cauda ainda está solta, e vou te bater com ela.”

“Pois bata o quanto quiser, só se prenderá ainda mais”, e o chacal bateu várias vezes, até que sua cauda também ficou presa.

“*Graurr!*”, esbravejou de novo, ainda mais zangado. “Ainda tenho minha boca e posso te dar umas belas mordidas.”

“Pois morda o quanto quiser, só se prenderá ainda mais”, e o chacal mordeu várias vezes, até que sua boca também ficou presa.

— Desta vez — disse Karel —, ele se meteu em uma enrascada, todo encolhido e grudado na pedra escura. Quanto

mais tentava sair, mais se prendia. Enquanto isso, o jabuti ergueu a cabeça para fora da água e gargalhou. Depois, caminhou até a margem mais alta do açude, onde todos poderiam contemplar aquela estranha visão. Ficou lá sentado, quieto e satisfeito, esperando os outros animais, que ficaram muito felizes ao ver o chacal preso no casco do jabuti! Fizeram uma reunião e decidiram que o chacal deveria ser morto, e que o marido da hiena deveria ser o carrasco. Desgrudaram então a boca do chacal para que ele pudesse dizer suas últimas palavras. Estava muito arrependido. Sua voz estava embargada de desgosto e era quase inaudível:

“Obrigado, leão”, começou. “Eu sei que sou perverso. É melhor mesmo que me matem, para que eu não cause mais tantos problemas.” Enquanto o chacal falava, o leão e os outros discutiam qual seria a morte mais adequada.

“Cortem minha cabeça”, pediu o chacal. “Me atirem no rio, mas por favor, não arranquem os pelos da minha cauda nem me joguem contra a pedra grande.” Nesse meio tempo, o leão e os outros ainda tentavam se decidir.

“Me matem a pauladas ou me afoguem no açude”, pediu. “Mas por favor, não esfreguem banha na minha cauda nem me joguem contra a pedra grande.” Porém, o leão e os outros fingiram não dar atenção a ele.

“Me cortem em pedacinhos ou me batam com espinheiros”, implorou. “Mas por favor, não me puxem pela cauda nem me joguem contra a pedra grande.”

— Depois de tantos choramingos — explicou Karel —, o leão finalmente se virou para ele e disse:

“Seu desejo será cumprido. Cortem os pelos de sua cauda”, ordenou aos outros, “passem banha nela e batam sua cabeça contra a pedra grande. Que assim seja.”

— E assim foi feito — disse Karel. — O chacal ficou paradinho, muito triste, enquanto despelavam sua cauda e espalhavam banha. Quando o marido da hiena preparava-se para atirá-lo contra a pedra, *vupt*, ele se desvencilhou e correu pelo campo a toda velocidade. Todos o perseguiram, mas o chacal corria para salvar sua vida e foi mais rápido que o vento. Logo os outros animais ficaram para trás. A correria foi imensa e o chacal não parou até chegar a uma montanha que terminava em um penhasco. Lá cavou uma espécie de gruta, onde ficou escondido. O primeiro a chegar até lá foi o leão, mais rápido que os outros. O leão se esgueirou para dentro da gruta até tocar a cabeça no teto. Ao ver aquilo, o chacal saiu dali gritando:

“Cuidado, leão, o teto vai desabar! Se você tirar a cabeça daí, será esmagado. Vou correndo procurar uma escora para segurar as pedras. Por favor, não se mexa até eu voltar!”

— Assustado, o leão então ficou segurando as pedras com sua cabeça — explicou Karel. — O chacal, por sua vez, correu o mais rápido que pôde. Só parou quando chegou em sua casa, onde rolava de rir pensando que havia enganado todos os animais mais uma vez.

# O LEÃO VOADOR

**H**ouve uma época — começou Karel — em que o leão podia voar.

— Oooh! — As crianças suspiraram em unísono, com os olhos arregalados pelo terror que essa frase lhes causou.

— Pois é, senhorzinhos, e nessa época ninguém conseguia escapar dele. Suas asas não tinham penas, eram iguais às do morcego, apenas pele e ossos. Eram muito grandes, grossas e fortes. Quando o leão estava no chão, ficavam dobradas em seus flancos. Quando ficava bravo, as apontava para o chão e *grrrrr*, como quando o peru faz *glu, glu, glu* para se exibir para suas esposas. E antes de levantar voo ele as abria e batia para cima e para baixo, cada vez mais rápido, até esvoaçar tudo ao redor e sair planando pelo ar.

Karel balançou seus braços tortos e estufou seu peito desproporcionalmente grande como se ele próprio fosse levantar voo, até que se acalmou novamente em seu banquinho.

— Era uma visão de arrepiar! Ficava lá em cima no céu procurando algum animal aqui na terra que ele pudesse comer. Se visse um bando de gazelas, dava um voo rasante até chegar bem perto delas, e então escolhia uma bem gordinha. Esticava suas garras de aço, fechava as asas e... *vupt!*... caía em cima do pobre animalzinho sem que ele tivesse tempo de escapar. Pois é, era assim que o leão caçava antigamente. Ele só tinha medo de uma coisa: que os ossos dos animais que ele comia se partissem em pedaços. Ninguém sabia por que e todos tinham muito medo do leão para tentar descobrir. Guardava todos os ossos em sua toca no desfiladeiro e dois corvos faziam turnos na guarda. Corvos brancos e raros, não os escuros que ficam nos salgueiros. Quando um filhote de corvo branco nascia, era levado ao leão, pois essas eram suas ordens. Ficavam no desfiladeiro até crescerem. Quando os corvos mais velhos morriam, os próximos assumiam o posto na guarda por ordem de idade. Por isso sempre havia corvos brancos vigiando os ossos do leão enquanto ele caçava. Um dia o leão havia saído e o grande sapo-boi veio salta-salta-saltitando e disse:

“Corvos brancos, por que ficam aí parados o dia todo?”

“Estamos vigiando os ossos do leão.”

“Ah, vocês devem estar cansados de ficar aí sentados!”, disse o sapo-boi. “Podem voar um pouquinho e esticar as asas. Eu fico aqui tomado conta dos ossos.”

— Ao ouvirem a proposta, os corvos olharam para todos os lados, mas nem sinal do leão — explicou Karel. — Pensaram que não haveria mal em dar um passeio e... *Cr-r-rau, cr-r-rau!*... saíram voando. O sapo-boi ainda gritou para eles:

“Não precisam ter pressa. Eu fico cuidando dos ossos”, porém, assim que os corvos sumiram de vista, ele disse: “Agora vou descobrir por que o leão guarda os ossos e tem medo de que se quebrem. E por que nenhum homem ou animal é páreo para ele”.

— Percorreu o desfiladeiro de uma ponta a outra, quebrando todos os ossos que encontrava — disse Karel. — Não parou um só minuto! *Crack! Crack, crack, crack!* Ia quebrando ossos rapidamente onde quer que os encontrasse. Quando acabou, foi embora salta-salta-saltitando o mais rápido que pôde. Foi alcançado pelos corvos quando estava quase chegando ao açude. Eles haviam voltado para o desfiladeiro e descobriram, aterrorizados, que todos os ossos estavam partidos.

“*Crau, crau!*”, disseram. “Irmão sapo-boi, por que fez essa maldade? O leão ficará furioso. Vai arrancar nossas lindas cabeças brancas! *Crau, crau!* E ninguém pode viver sem cabeça!”

— O sapo-boi nem deu atenção — contou Karel. — Continuou saltando o mais rápido que podia, com os corvos atrás dele dizendo:

“Fugir não vai adiantar, sapo-boi! O leão vai te encontrar onde quer que você esteja, e vai matá-lo com suas garras!”

— Mais uma vez, o sapo-boi não se importou com as ameaças — disse Karel. — Continuou sua fuga e, ao chegar na margem do açude, piscou seus belos olhos e falou:

“Quando o leão voltar, diga que fui eu quem quebrou os ossos. Diga que eu moro aqui no açude, e que pode vir me ver, se quiser”.

— Os corvos brancos ficaram muito irritados — contou Karel. — Mergulharam para atacá-lo, mas apenas bicaram a lama. No último instante, o sapo-boi saltou para ao açude e os corvos viram apenas a água tremulando onde ele havia afundado. Enquanto isso, o leão, que caçava na savana, longe dali, avistou uma manada de zebras, que ele gostava muito de comer. Tentou alçar voo para ganhar impulso em seu ataque, mas não conseguiu. Abriu e bateu as asas, mas elas estavam muito fracas, como quando os guarda-chuvas dos senhorzinhos se quebram. Desconfiado, o leão suspeitou de que algo devia ter acontecido em sua casa e ficou furioso. Cravou as garras no chão e rugiu. Começou baixinho, como um trovão distante no céu, e foi gritando cada vez mais alto. *Rooar! Rooar!* A terra parecia tremer com aquele barulho horrível. Mas de nada adiantou aquela gritaria. Como não conseguia mais voar, só o que pôde fazer foi voltar andando

para casa. Encontrou os pobres corvos brancos quase mortos de terror, mas assim que perceberam que o leão não podia mais voar, deixaram de temê-lo.

“*Rooarrr! Rooarrrr!*”, rosnou o leão. “Minhas asas estão fracas, o que vocês fizeram?”

“Alguém veio aqui e quebrou todos os seus ossos enquanto você estava fora.”

“Vocês deveriam vigiá-los! Por sua culpa estão quebrados, e por isso vou arrancar suas cabeças! *Rooarr!*”

— Ele saltou na direção dos corvos — disse Karel —, mas como sabiam que seu algoz não podia mais voar, não tiveram mais medo. Sobrevoaram o leão, a uma altura em que ele não podia alcançá-los e disseram:

“Ah! Ah! Ah! Você não consegue mais nos pegar. Os ossos estão quebrados e suas asas são inúteis! Agora, os homens e os animais podem ter paz. Vamos voando avisá-los!”

— O leão pulava o mais alto que podia, sem conseguir alcançá-los — contou Karel. — Quando percebeu que não havia o que fazer, jogou-se no chão e rugiu mais alto que nunca enquanto os corvos sobrevoavam na maior algazarra:

“Ah! Ah! Ah! Só pode mesmo rolar no chão e gritar, porque não consegue mais voar! Quem quebrou seus ossos mandou dizer para ir procurá-lo no açude! *Crau! Crau!*” E foram embora.

“Esperem só até eu pôr minhas garras em quem quebrou meus ossos”, disse o leão. “Vou mostrar para ele.”

— Então foi até o açude e lá encontrou o sapo-boi, tomado sol à beira d’água — falou Karel. — O leão foi se arrastando por trás do sapo para apanhá-lo de surpresa e gritou:

“Peguei!”

— O sapo-boi foi mais rápido e pulou na água... *tchibum!*... apareceu na outra margem do açude, onde ficou sentado ao sol — disse Karel e prosseguiu: — O leão tentou contornar o açude o mais rápido que pôde, mas quando estava se aproximando... *tchibuum!*... mais uma vez o sapo-boi mergulhou e reapareceu na margem oposta. Isso continuou por algum tempo. O sapo-boi deixava o leão se aproximar e saltava no último instante. Sumia e ressurgia do outro lado. Finalmente, o leão percebeu que não seria capaz de pegá-lo e decidiu voltar para casa na esperança de consertar os ossos partidos. Como não conseguiu, ainda hoje é incapaz de voar, apenas caminha com suas fortes garras. Desde então, ele aprendeu a se esgueirar para pegar suas presas. Mesmo que ainda devore alguns animais, não é mais tão temível como quando tinha asas. Os corvos brancos, por sua vez, desaprenderam a falar e hoje só gritam “*Crau, crau!*”. Já o sapo-boi ainda salta-salta-saltita perto das águas. Sempre

que vê o leão, mergulha rapidinho... *tchibum!*... senta na outra margem e fica rindo dos rugidos furiosos do rei da selva agora sem asas.

# POR QUE A GARÇA TEM O PESCOÇO TÓRTO

**A**s chamas queimavam altas e barulhentas na ampla lareira, lançando estranhas sombras nas paredes e fazendo reluzir a madeira do chão e dos armários. O pequeno Jan se aninhou perto do fogo, quase pegando no sono. Ele acariciava distraído o terrier encolhido a seu lado, passando os dedos também pelo tapete macio onde estava. O tapete era feito de pele de chacal-listrado, e muitos deles devem ter sido usados, a julgar pelas caudas felpudas que se espalhavam em cada lado. Tio Karel também sentou-se naquele confortável tapete e começou a lembrar:

— Ah, mas o chacal era um patife! Ninguém se metia com ele sem levar o troco!

No mesmo instante o pequeno Jan sentou-se ereto, sem nenhum sinal de sono em sua expressão; o livro com o qual Willem se esforçava para aprender sobre a geografia da Rússia voou para o outro lado do sofá; e Pietie deixou por um momento de entalhar seu estilingue, arrastando-se

imediatamente pelo chão para ficar mais próximo do contador de histórias.

— Pois é, senhorzinhos, às vezes a vítima era o leão, às vezes era o babuíno ou o lobo, em uma ocasião foi a pobre pomba, e isso me lembra de como o chacal pregou uma peça até em si mesmo.

— E a pomba também pregou uma peça nele? — perguntou Pietie, afoito.

— Não, senhorzinho, a pomba é muito medrosa. Não é que ela seja boba, mas é parecida com aquelas pessoas que são boazinhas demais e acreditam em tudo o que ouvem. Um dia ela estava em seu ninho, cantando para seus filhotes, “*Cruuu, cruu, cruu!*”, quando o chacal passava debaixo da árvore e a ouviu.

“Veja só! Agora sim terei um bom café da manhã”, pensou ele, e em seguida a chamou:

“Bom dia, minha amiga! Ouvi dizer que você tem filhotes muito bonitos. Por favor, traga-os aqui para baixo, para que eu possa vê-los.”

— A pombinha, no entanto — explicou Karel —, tinha muito medo do chacal e se recusou:

“Me desculpe, senhor, eles não estão muito bem hoje. É melhor ficarem em casa.”

“Bobagem! Estou com fome e preciso comer. Jogue logo um dos seus filhotes para mim”, disse o chacal irritado.

— Como os senhorzinhos sabem, às vezes a raiva vence o medo — disse Karel. — A pomba ficou tão brava pelo chacal querer comer um de seus filhos que retrucou:

“Não, seu chacal malvado! Jamais faria isso. Vá procurar comida em outro lugar!”

“Se não fizer isso, voarei até aí e comerei todos!”, revidou o chacal. “Jogue um para mim agora”, disse ele batendo o pé com um rugido terrível.

— A pobre pensou mesmo que ele voaria — contou Karel. — Apavorada, olhou para seus bebês. Não queria dar nenhum, mas seria melhor perder um deles do que todos serem comidos. Fechou os olhos e bateu as asas sobre o ninho até que um deles caiu. O chacal o abocanhou e o levou para sua toca. A pombinha, coitada, ficou muito triste! Abriu as asas sobre seus filhos e não dormiu naquela noite. Seus belos olhinhos perscrutavam todos os lugares e se assustava com qualquer barulho, com medo de que o chacal voltasse para devorar seus bebês. Porém, na manhã seguinte o chacal voltou ainda mais ameaçador e disse:

“Pomba, seu filhote foi uma iguaria saborosa e suculenta. Jogue outro para mim agora mesmo, ou voo até aí e devoro todos!”

“*Cruu, cruuu!*”, chorou a pomba. “Não, não te darei mais nenhum!”

— Apesar de ter sido tão enfática — disse Karel —, seus protestos foram inúteis. A pombinha teve de ceder e fez o mesmo da noite passada: fechou os olhos e girou em seu ninho, batendo as asas até outro filhote ser derrubado. Sentia-se impotente. Como algumas pessoas, ela acreditava que o que os olhos não veem, o coração não sente. Mesmo assim, estava muito magoada e chorou com ainda mais tristeza: ‘*U-huu, u-huu!*’ Era muito triste ouvir seus lamentos. Em meio a essa lamúria, a garça apareceu. Como é um pássaro muito bondoso, embora seu pescoço torto e cara fechada deem a impressão de ser antipática, ela perguntou:

“Por que choras tanto, pomba? Fiquei triste só de ouvir.”

“*U-huuu.* Estou desolada. O chacal comeu dois filhos meus, e voltará amanhã para pegar outro. Ele vai matar todos os meus bebês.”

“Mas por que você deixou que ele os comesse?”

“Porque ele me ameaçou dizendo que se não lhe jogasse um filhote, ele voaria até aqui e devoraria todos. *U-huuu.*”

— A garça ficou muito zangada ao ouvir aquilo. Bateu suas asas e esticou seu longo pescoço — assim, senhorzinhos, assim, mostrou Karel.

As crianças se abraçaram silenciosamente, maravilhadas com a imitação de Karel.

“Maldito chacal!”, disse a garça. “Como é mentiroso! Mas você também não foi nada inteligente, pomba. Não sabe que o chacal não voa? Faça o seguinte: quando ele voltar, diga que sabe que ele não consegue voar e que não lhe dará mais nenhum de seus filhotes.”

— Assim, no dia seguinte — disse Karel —, o chacal voltou e fez a mesma ameaça. Só que desta vez a pomba riu na cara dele e o desmascarou:

“Nada disso! Seu mentiroso de rabo gordo! Não vou te dar mais nenhum filho meu. E nem tente me assustar dizendo que vai subir aqui, porque sei que você não sabe voar.”

“Graurr”, rosnou o chacal. “Como você sabe?”

“A garça me contou! Pode voltar para sua mãe!”

“Não importa”, disse ele sentindo-se profundamente insultado. “Não quero mais saber dessa pomba. Mas essa garça vai se ver comigo. A enxerida vai se arrepender de ter se metido onde não foi chamada”, e se foi atrás dela.

— Depois de muito procurar — disse Karel —, o chacal a encontrou, apoiada em uma perna só na margem do rio. Seu longo pescoço estava encolhido e sua cabeça afundada entre os ombros.

“Bom dia, dona garça”, o chacal cumprimentou educadamente. “Como está a senhora?”

“Tudo bem”, respondeu a garça, sem mover um músculo.

“Garça, por favor, venha até aqui um pouquinho. Eu sou muito tapado, mas você é inteligente e astuta. Quero te pedir um conselho sobre um assunto”, pediu o chacal todo gentil.

— A garça ficou interessada, porque é isso que acontece quando as pessoas ouvem elogios — explicou Karel. — Ela baixou sua outra perna, esticou o pescoço e perguntou:

“O que você disse?”

“Venha aqui para perto, por favor. Não consigo ir até aí porque eu escorregaria na lama. Preciso de um bom conselho sobre o vento. Me disseram para pedir a você, já que é a mais inteligente de todos”, disse o malandro do chacal, que sabia como despertar o ego da garça.

— A garça caminhou devagar pela lama, pois não queria demonstrar que estava curiosa — disse Karel. — Inclusive, senhorzinhos, vejam só. Ela parou no meio do caminho para abocanhar um sapo, somente então ela disse desprevensiosamente:

“Claro, posso te aconselhar sobre o vento e o clima. Pergunte o que quiser, chacal”, e seu pescoço se retorceu de orgulho.

“Quando o vento sopra do oeste, para que lado devemos olhar?”

“Essa é a sua pergunta?”, disse a garça. “Devemos virar o rosto assim”, e olhou para a direção leste.

“Muito obrigado, garça. E quando o vento soprar do leste?”

“Aí viramos o rosto assim”, e girou seu pescoço para o outro lado.

“Muito obrigado, garça”, disse o chacal em um tom de voz que expressava gratidão e humildade. “Mas e quando houver uma tempestade e a chuva cair sobre nossas cabeças, o que devemos fazer?”

“Nesse caso, devemos baixar a cabeça assim”, disse a garça e inclinou seu pescoço quase até o chão.

— Senhorzinhos — falou Karel —, tão rápido quanto o bote de uma cobra, o chacal esticou seu braço, agarrou o pescoço da garça e... *crack!*... o torceu até quase quebrá-lo. A garça ficou rolando na lama, tão fraca que não pôde revidar. O chacal a observava com seu olhar perverso. Muito satisfeito com sua crueldade, o chacal riu até não poder mais. Gritava e dançava, orgulhoso de sua vingança. Pulava sacudindo sua cauda e sua pelagem prateada.

“Ah! Ah! Ah! A garça tentou me atrapalhar, mas viu o que acontece com quem mexe comigo. Achou que fosse muito inteligente, não é? Pois que arrume um jeito de consertar seu pescoço então. Ah! Ah! Ah!”

— O chacal tripudiou mais um pouco e correu para sua toca, a fim de contar à sua esposa e a seus filhos como havia

enganado a garça. Desde esse dia, senhorzinhos — disse Karel —, o pescoço da garça é torto. Ela não consegue mais esticá-lo, e tudo porque tentou atrapalhar os planos do chacal. Por isso digo que o chacal é um patife. Não importa que ande com quatro patas ou duas, o melhor é sempre deixá-lo em paz, pois ele sempre trapaceia. Ninguém consegue enganá-lo e ele sempre se vinga de quem tenta.

# O JABUTIZINHO VERMELHO

**S**em histórias de chacal hoje, tio, por favor! — pediu o pequeno Jan quando as crianças se juntaram em frente à lareira. — É um animal cruel e horrível, que come pombas e torce o pescoço das garças.

— É! — acrescentou Pietie. — Ele sempre trapaceia, não queremos mais ouvir sobre ele. Que história você vai contar hoje, tio?

— Uma bem bonita! — sugeriu Willem. — E sem maldades.

Os olhinhos negros de Karel brilharam para sua pequena plateia e um sorriso afetuoso se abriu em seu rosto, acentuando as rugas que se estendiam em todas as direções.

— Ah, essas crianças de coração mole! O tio também já foi assim — disse, sacudindo levemente a cabeça. — Se a gente não fica um pouco insensível, não consegue sobreviver neste mundo.

Colocou seu chapéu amassado no chão, ajeitou seu turbante vermelho com os dedos que pareciam garras e esperou a inspiração chegar. E ela veio de um lugar inesperado.

Algo se remexeu em seu casaco surrado, cujas pontas quase se arrastavam no chão. O velho enfiou a mão em seu bolso e retirou, triunfante, um pequeno jabuti.

— Vejam o que o tio achou perto do lago hoje. Um lindo jabutizinho. O senhorzinho Willem pode colocá-lo em uma gaiola com os outros e esperar que botem ovos. Ainda é um bebê, mas vai crescer. Eles ficam grandes assim — disse Karel e abriu os braços como se o animal fosse ficar do tamanho de uma roda de carroça.

O casco do jabuti tinha nodos salientes e escuros, diferente dos que os meninos costumavam encontrar perto de casa. Seguraram-no encantados e começaram a propor nomes para ele. Após uma longa discussão, houve um empate entre “Pedro Cascudo” e “Ligeirinho”. O voto de minerva coube à governanta Minnie.

Há muito tempo eles criavam jabutis de vários tamanhos e espécies em cercados na fazenda. Alguns eram tão inteligentes e bem treinados que vinham quando chamados. Um dos mais velhos, chamado de Carapaça, podia perambular à vontade pela propriedade. Às vezes desaparecia por vários dias, vagando pelos campos, mas sempre retornava.

Karel colocou o recém-chegado animal sobre o tapete de pele de chacal, virado com o casco para baixo. O pobrezinho se contorcia e esperneava.

— Que espertinho! Será que a mãe dele esfregava buchu debaixo do seu braço?<sup>13</sup>

O ancião segurou de leve uma das patas do jabutizinho.

— Senhorzinho Willem, guarde-o em uma caixa de sabão até amanhã. Ah, que pena que não é um jabuti vermelho! Queria tanto apanhar um.

— Jabuti vermelho? — espantaram-se Pietie e o pequeno Jan.

Willem correu de volta para a sala, afoito para ouvir a história.

— Os senhorzinhos nunca ouviram falar do jabuti vermelho? Às vezes nasce um assim, mas é raro. Acontece uma vez a cada mil anos. É tão extraordinário que a notícia corre entre as tribos. Todas as tartarugas, sapos com casco e cabeça dura, se alegram, pois o jabuti vermelho nasce para ajudá-las a combater seus inimigos. Saibam que há muito tempo uma mamãe jabuti botou um ovo em um buraco raso na areia, para que o sol o aquecesse durante todo o dia. Cavoucou um pouco dos lados para formar um monte e esconder o local. Ela tinha medo que roubassem seu filho, senhorzinhos. Era um ovo branco, redondo e bem grande, do qual ela tinha

---

13 Espirrar chá de buchu nas axilas é um antigo costume do povo san em batizados e celebrações.

muito orgulho e ia sempre ver se estava chocando bem. Tudo corria bem até que um dia ela ouviu uma vozinha chamando:

“Buáá! Mamãe! Mamãe, onde você está?”

“Meu filhinho! Estou aqui, sou sua mãe!”, respondeu a jabuti.

— Ela correu muito rápido para encontrá-lo. Suas patinhas curtas faziam assim, assim — disse Karel enquanto imitava o movimento com os braços. — Quando ela chegou no montinho de areia, o ovo estava partido e o jabutizinho esperava ao lado! Seu casco ainda era mole e dava para ver dentro dele o sangue correndo para lá e para cá. Mas não tem perigo, os filhotes são assim mesmo. Estava bem e saudável. Todo o seu corpo era vermelho. Que bênção! A mamãe jabuti ficou muito orgulhosa! Contou a todos os seus amigos, que vieram de todos os cantos para ver o jabutizinho vermelho. Vieram jabutis-piranga, jabutis-leopardo, até mesmo o tigre-d'água! Velhos e jovens, sentaram-se todos em volta do jabutizinho vermelho para apreciá-lo, dando conselhos e oferecendo coisas de comer. O jabutizinho ouviu a todos e comeu tudo o que lhe trouxeram. Cresceu e seu casco ficou mais duro e vermelho. Não era de falar muito, e alguns velhos da tribo diziam que era sensato, outros que era arrogante. Alguns se enfiavam na lama vermelha para tentar ficar da mesma cor do jabutizinho, mas de nada adiantava. Em pouco

tempo a lama saía e voltavam ao normal. Por fim o último visitante foi embora. O jabutizinho vermelho continuou vivendo com sua mãe e foi ficando cada vez maior, mais vermelho e com o casco mais duro. A mamãe jabuti estava muito orgulhosa. Quando passeava pelos campos, os outros jovens jabutis iam falar com ele:

“Venha, vamos te ensinar a fazer tal coisa. Deve ser assim e assim.”

“Vocês podem fazer assim, se quiserem, mas eu prefiro o meu jeito”, respondia ele.

“Que vermelhinho mais arrogante! A girafa ainda vai te comer, vai ver só!”

— Por fim, os outros jabutis acabaram deixando-o sozinho, embora secretamente ainda admirassesem o fato de ele ser vermelho — disse Karel. — Os senhorzinhos sabem que, para algo ser bom de verdade, deve vir de dentro.

Karel lançou um olhar involuntário para sua aguardente no armário de bebidas.

— Somente quando os mais velhos lhe davam conselhos, ele ouvia com atenção e agradecia. Era um jabutizinho esperto. Sabia quando falar e quando ficar em silêncio. Nessa época, senhorzinhos, a nação dos jabutis estava em guerra com as girafas, aqueles cavalos de pescoço longo e com as pernas da frente maiores que as de trás, da cor de um espinheiro queimado.

Sabem, aqueles espinheiros amarelos, mas que soltam cinzas brancas quando são queimados? É por isso que alguns chamam as girafas de 'branquelas'. Então, como eu estava dizendo, as girafas comiam os jabutis, que não sabiam mais o que fazer. Inventavam vários planos, mas nada dava certo. Sempre que uma girafa via um jabuti pequeno, fácil de engolir, logo o abocanhava. A vítima assustada escondia a cabeça e as patas dentro de seu casco e era engolida de uma vez só. Escorregava por dentro do longo pescoço da girafa, assim como os senhorzinhos escorregam com uma tábua no barranco. O jabutizinho ficou sabendo de tudo o que sua tribo já havia feito para tentar se proteger das girafas, e enfim pensou em um plano. Não tinha certeza se funcionaria, mas ele era corajoso e pensou:

“Se der errado, será meu fim; mas se der certo, toda minha tribo viverá em paz novamente.”

— E sabem o que ele fez, senhorzinhos? — perguntou Karel. — Cavou um buraco bem fundo e ficou esperando ao lado da trilha onde a girafa gostava de caminhar. Logo ele ouviu passos se aproximando cada vez mais, até que o barulho parou. O jabutizinho colocou a cabeça para fora de seu casco. Sim, era a girafa, que olhava para ele com uma expressão medonha.

“Você sabia, vermelhinho, que posso pisar em você e te matar em um instante? Você sabia, vermelhinho, que posso te engolir em um instante?”

— O jabutizinho ficou aterrorizado, mas seguiu seu plano — afirmou Karel. — Disse apenas:

“Sim, nobre branquela, em minha tribo todos gostam de ser engolidos. Por favor, me engula!”

— A girafa o apanhou e o abocanhou de uma vez só — contou Karel. — O jabutizinho deslizou até a metade de seu pescoço, e foi quando algo estranho aconteceu: ele entalou. Em vez de se esconder dentro de seu casco, como os outros jabutis haviam feito, ele quis ver o que estava acontecendo e pôs sua cabeça para fora. Cravou suas unhas afiadas na garganta da girafa e ficou pendurado como um morcego.

“Desça logo, jabutizinho! Você está me sufocando!” A branquela mal conseguia falar de tão engasgada.

“*Piip, piip!*”, disse o jabutizinho, se agarrando ainda mais.

“Então suba, jabutizinho! Assim você vai me matar!”

“*Piip, piip!*”, repetiu o pequenino, e se apoiou também com sua cabeça dura. “Muitos já caíram por este túnel vermelho”, pensou ele, “vou aguentar o quanto puder”.

— A girafa começou a se sacudir e pular por todo o campo, senhorzinhos — disse Karel. — Gritava e gemia, tossia e se engasgava. Tentou engolir o jabutizinho, depois tentou cuspi-lo. Foi tudo em vão. O vermelhinho continuou preso ali até que a girafa caiu morta na areia, sufocada. O jabutizinho então rastejou para fora dela e voltou para casa a

fim de contar à sua mãe que havia matado a girafa e que sua tribo estava segura novamente. Como ela ficou orgulhosa!

“Você não nasceu vermelho à toa”, disse ela. “Venha cá, meu caranguejinho, vou espirrar buchu em você! Venha, meu querido.”

— Após esses carinhos, eles foram contar a novidade aos amigos — explicou Karel. — Toda a nação jabuti se alegrou e fizeram um grande banquete para comemorar a morte da girafa. O jabutizinho foi muito celebrado. Mesmo os mais jovens, que não gostavam muito dele, disseram:

“Ele é mais sábio que nós. A partir de agora, vamos ouvi-lo. Afinal de contas, aceitar as diferenças nos deixa mais fortes.”

# A CAÇADA AOS AVESTRIZES

**N**o dia seguinte, exceto pelas aulas e refeições, os garotos passaram todo o tempo nos campos procurando um jabuti vermelho. Quando tio Karel apareceu na sala de jantar no horário de costume, foi recebido com reclamações sem fim por conta do insucesso da missão.

— Ah, e essa agora? — disse o ancião com um sorriso largo e complacente. — E por acaso jabuti dá em árvore? Eles nascem a cada mil anos e os senhorzinhos acham que encontrariam na primeira tentativa?

— Pode ter nascido um recentemente — retrucou Willem. — Como vamos saber?

— Tio, o senhor sabe quando nascerá outro jabuti vermelho? — perguntou o pequeno Jan, muito sério.

— Não vai demorar muito, senhorzinhos. Deixem o tio pensar.

Karel tamborilou os dedos sobre seu turbante vermelho, um sinal claro de seu esforço mental.

— O que vem antes de mil? — perguntou ele.

— Novecentos e noventa e nove — respondeu Pietie, que era bom de matemática.

— Ah, sim! — alegrou-se Karel. — Sabia que estava perto. Faz novecentos e noventa e nove anos que nasceu o último jabuti vermelho, então os senhorzinhos podem começar a procurar por outro no ano que vem. Mesmo assim talvez seja cedo, porque ele demora para sair do ovo e pode não estar por aí ainda. Além disso, talvez nasça em um lugar longe, onde as pessoas não conheçam jabutis vermelhos, então não vão procurar por ele. Querem que o tio conte outra história sobre o jabuti?

Foi a maneira que o velho astuto encontrou para fugir de mais perguntas. Os meninos juntaram-se à sua volta e, de olhos arregalados, ouviram o conto dos jabutis que caçavam avestruzes.

— Depois da morte da girafa, os jabutis viveram tranquilamente por muito tempo, até que uma visita inesperada chegou ao campo onde moravam. Era o velho Três Varetas, o avestruz, que apareceu junto com seu pai e sua mãe, suas esposas, tios, filhos e mais alguns amigos. Puxa, quantos avestruzes! O campo ficou cheio. Eles comiam todos os jabutis que encontrassem. A vida então voltou a ser igual à época da girafa. Os jabutis pensaram e debateram muito, mas não conseguiram encontrar nenhuma forma de se livrar dos

avestruzes. O jabutizinho também tentava achar uma saída, mas tinha o costume de não dizer nada até ter um plano bem arquitetado. Os anciões da sua tribo queriam saber qual era a opinião do sábio vermelhinho e os mais jovens passaram a ouvi-lo desde que matou a girafa. Quando todos estavam reunidos, o jabutizinho declarou:

“Os avestruzes estão nos caçando já há muito tempo. Chegou a hora de nós os caçarmos.”

“*Piip! Piip!*”, todos gritaram em aprovação.

“Será que é uma atitude sábia, vermelhinho?”, perguntaram os velhos. “Como faremos isso?”

“Avestruzes não correm em linha reta, ficam dando voltas até chegarem ao mesmo lugar. Vamos ao campo onde gostam de caçar e formaremos duas longas fileiras circulares. Um anel externo bem grande e outro menor dentro dele. Quando o Três Varetas e seus amigos chegarem, chamaremos uns aos outros para atraí-los para dentro do círculo, onde ficarão dando voltas sem conseguir fugir.”

— O plano foi comemorado pelos mais jovens e os anciões engrossando o coro de aprovação — contou Karel. — Gostaram da ideia do vermelhinho e foram até o local onde Três Varetas e seus amigos caçavam. Chegando lá, colocaram-se na posição indicada. Logo os avestruzes chegaram, caminhando e ciscando. Os jabutis ficaram esperando, se-

nhorzinhos, muito quietinhos, até que os avestruzes ficassem bem no centro dos dois círculos. Então o jabutizinho deu o sinal, “*Piip, piip!*”, e todos seguiram o chamado.

“Você está aí?”, disse o primeiro jabuti.

“Estou!”, respondeu o próximo, e assim se seguiu por todo o círculo, chamado após chamado.

“O que você está fazendo?”, perguntou o primeiro.

“Caçando avestruzes”, foi a resposta e esse mesmo jogral foi repetido ao longo do círculo.

— Os avestruzes apenas os ouviam, mas não viam nada — explicou Karel. — Olhavam um para o outro, estupefatos, perguntando-se o que era aquilo. Pensavam se tratar de um grande exército pronto para atacá-los. Fugiram aterrorizados e enquanto corriam continuavam a ouvir:

“Você está aí?”

“Estou.”

“O que está fazendo?”

“Caçando avestruzes.”

— As vozes continuaram sem cessar — contou Karel.

— Nenhum jabuti se movia, apenas chamavam uns aos outros. Os avestruzes correram cada vez mais rápido, sempre em círculos, até ficarem exaustos demais para se mover e enfiaram suas cabeças no chão. Foi quando os jabutis se juntaram, fechando o círculo, e havia muitos deles. Morderam

o pescoço dos avestruzes até matarem todos. Desde então, os jabutis não foram mais incomodados pelos animais de pescoços longos. Hoje em dia são caçados somente pelas tribos do ar, como os corvos e as águias. Sabem como esses animais apanham os jabutis, senhorzinhos? Agarram forte um jabuti e voam bem alto, acima das colinas, e então os jogam sobre as rochas: *kablupt!* O pobrezinho fica lá com o casco quebrado e não consegue viver sem sua armadura. Então o animal do ar vem e o devora. Esse é o fim do jabuti. Só que esses animais nunca caçam o jabutizinho vermelho. Vejam só, senhorzinhos, eles têm medo dele por causa de sua cor. Isso prova que os jabutis mais jovens tinham razão quando diziam que ‘aceitar as diferenças nos deixa mais fortes’. Assim, após a caça aos avestruzes borrifaram infusão de buchu nos dois braços do jabutizinho vermelho e sua mãe cantou:

“O pequenino de pernas tortas, tão hábil,  
Merece buchu em seus dois braços.  
  
O caranguejinho vermelho, tão sábio,  
Merece buchu em seus dois braços  
  
Pois conseguiu matar com maestria  
Os pescoçudos que nos comiam.  
  
O vermelhinho esperto, nosso guia,  
Merece buchu todos os dias”

Como sempre, o final da história de Karel foi seguido de comentários.

— Se eu fosse um jabuti, ia querer ser vermelho — disse Pietie.

— Por que, senhorzinho?

— Porque os corvos e as águias não o perseguem. Tudo bem ser engolido por um avestruz ou uma girafa e ficar entalado em um pescoço, mas não quero ser atirado nas rochas.

— Ah, senhorzinho, não importa como a velha morte nos encontre, nós nunca estamos preparados pra ela. Quando o tio era jovem, quase foi morto por uma manada de antílopes. Lembro que eu pensei: “Não quero morrer atropelado. Prefiro ser levado por um rio”. Mas quando chegou a época de enchentes e o tio caiu no rio, lutou para salvar sua vida da mesma forma que havia feito quando foi pego pela manada. O tio também pensou coisas assim quando sua cabana pegou fogo e quando foi atacado por um touro. É sempre a mesma coisa. Sempre achamos que seria melhor morrer de outra forma. E nunca estamos preparados para a hora em que a velha morte chega.

— E como o senhor gostaria de ir, tio? — perguntou Willem, muito interessado.

Um sorriso distraído surgiu no rosto do ancião.

— Vocês perguntam cada coisa! Eu gostaria que a morte me encontrasse sentado ao sol, senhorzinhos, em frente à

minha cabana, no lugar onde eu passei muitos e muitos anos. Quando ela chegasse, eu diria: “Bom dia, velha amiga, você já está na estrada há muito tempo. Tanto tempo que cansei de esperar. Vamos logo de uma vez”. Para fazer essa viagem, senhorzinhos, não precisa bagagem. Eu largaria meu manto e tomaria a mão da velha morte, que me mostraria o caminho. A terra dos mortos fica muito, muito longe, e nunca ninguém voltou de lá. Então outra pessoa contaria histórias em volta do fogo. Não haveria mais tio Karel para conversar com os senhorzinhos.

O velho contador de histórias disse as últimas palavras em um tom meditativo.

— Não, não morra! — protestou Pietie com a voz embargada.

— Não diga essas coisas, tio! — disse Willem, e cada um pegou uma das mãos tortas de Karel, enquanto o pequeno Jan agarrou-se a seu casaco como se nunca mais fosse soltá-lo.

Os olhos do ancião reluziram um brilho poucas vezes visto.

— Calma, calma, senhorzinhos. — Ele os tranquilizou, passando a mão em suas cabecinhas. — O tio não quer ver vocês tristes. Ainda não é a hora dele. O tio ainda vai contar histórias aqui por muitas noites.

Sua estranha face estampou um sorriso carinhoso.

— E vocês querem que o tio continue aqui? Ah, sei que sim, vocês são muito bonzinhos! O que a senhora diria se nos visse com os olhos molhados? Não, o tio só falou aquilo porque é muito gostoso ficar sentado ao sol. Vejam só como o tio está forte e saudável! Parece até um bezerro!

Brincou fingindo que ia pegá-los.

— Isso mesmo, senhorzinhos, rir é melhor. Mas os bezerros precisam dormir no seu curral, e está na hora do tio voltar para a cabana dele. Boa noite, senhorzinhos, boa noite. Durmam bem. Amanhã o tio conta outra história. Ah, como são bonzinhos! Fazem tão bem para esse velho tio.

Após o coro de despedidas das crianças, o velho saiu, sem saber que havia profetizado seu fim, pois a velha morte o encontraria justamente sentado ao sol em frente à sua cabana. Porém, isso demoraria ainda algum tempo. Assim, ele pôde contar muitas outras histórias antes de partir na grande viagem para o campo desconhecido de onde ninguém retorna.









# **Outa Karel's Stories**

Sanni Metelerkamp



# THE PLACE AND THE PEOPLE

t was winter in the Great Karroo. The evening air was so crisp and cutting that one seemed to hear the crack-crack of the frost, as it formed on the scant vegetation. A skraal windje blew from the distant mountains, bringing with it a mingled odour of karroo-bush, sheep-kraals, and smoke from the Kafir huts—none, perhaps, desirable in itself, but all so blent and purified in that rare, clear atmosphere, and so subservient to the exhilarating freshness, that Pietie van der Merwe took several sniffs of pleasure as he peered into the pale moonlight over the lower half of the divided door. Then, with a little involuntary shiver, he closed the upper portion and turned to the ruddy warmth of the purring fire, which Willem was feeding with mealie-cobs from the basket beside him.

Little Jan sat in the corner of the wide, old-fashioned rustbank, his large grey eyes gazing wistfully into the red heart of the fire, while his hand absently stroked Torry, the fox terrier, curled up beside him.

Mother, in her big Madeira chair at the side table, yawned a little over her book; for, winter or summer, the mistress of a karroo farm leads a busy life, and the end of the day finds her ready for a well-earned rest

Pietie held his hands towards the blaze, turning his head now and again towards the door at the far end of the room. Presently this opened and father appeared, comfortably and leisurely, as if such things as shearing, dipping, and ploughing were no part of his day's work. Only the healthy tan, the broad shoulders, the whole well-developed physique proclaimed his strenuous, open-air life. His eye rested with pleasure on the scene before him—the bright fire, throwing gleam and shadow on painted wall and polished woodwork, and giving a general air of cosiness to everything; the table spread for the evening meal; the group at the fireside; and his dear helpmate who was responsible for the comfort and happiness of his well-appointed home.

He was followed in a moment by Cousin Minnie, the bright-faced young governess. Their coming caused a stir among the children. Little Jan slowly withdrew his gaze from the fire, and, with more energy than might have been expected from his dreamy look, pushed and prodded the sleeping terrier along the rustbank so as to make room for Cousin Minnie.

Pietie sprang to his father's side. "Now may I go and call Outa Karel?" he asked eagerly, and at an acquiescent "Yes, my boy," away he sped.

It was a strange figure that came at his bidding, shuffling, stooping, halting, and finally emerging into the firelight. A stranger might have been forgiven for fleeing in terror, for the new arrival looked like nothing so much as an ancient and muscular gorilla in man's clothes, and walking uncertainly on its hind legs.

He was not quite four feet in height, with shoulders and hips disproportionately broad, and long arms, the hands of which reached midway between knee and ankle. His lower limbs were clothed in nondescript garments fashioned from wildcat and dassie skins; a faded brown coat, which from its size had evidently once belonged to his master, hung nearly to his knees; while, when he removed his shapeless felt hat, a red kopdoek was seen to be wound tightly round his head. No one had ever seen Outa Karel without his kopdoek, but it was reported that the head it covered was as smooth and devoid of hair as an ostrich egg.

His yellow-brown face was a network of wrinkles, across which his flat nose sprawled broadly between high cheekbones; his eyes, sunk far back into his head, glittered dark and beady like the little wicked eyes of a snake peeping

from the shadow of a hole in the rocks. His wide mouth twisted itself into an engaging grin, which extended from ear to ear, as, winking and blinking his bright little eyes, he twirled his old hat in his claw-like hands and tried to make obeisance to his master and mistress.

The attempt was unsuccessful on account of the stiffness of his joints, but it never failed to amuse those who, times without number, had seen it repeated. To those who witnessed it for the first time it was something to be remembered—the grotesque, disproportionate form; the ape-like face, that yet was so curiously human; the humour and kindness that gleamed from the cavernous eyes, which seemed designed to express only malevolence and cunning; the long waving arms and crooked fingers; the yellow skin for all the world like a crumpled sheet of india-rubber pulled in a dozen different directions.

That he was a consummate actor, and, not to put too fine a point on it, an old humbug of the first water, goes without saying, for these characteristics are inherent in the native nature. But in spite of this, and the uncanniness of his appearance, there was something about Outa Karel that drew one to him. Of his real devotion to his master and the “beautiful family Van der Merwe,” there could be no question; while, above everything, was the feeling that here was one

of an outcast race, one of the few of the original inhabitants who had survived the submerging tide of civilization; who, knowing no law but that of possession, had been scared and chased from their happy hunting grounds, first by the Hottentots, then by the powerful Bantu, and later by the still more terrifying palefaced tribes from over the seas. Though the origin of the Bushman is lost in the mists of antiquity, the Hottentot conquest of him is a matter of history, and it is well known that the victors were in the habit, while killing off the men, to take unto themselves wives from among the women of the vanquished race. Hence the fact that a perfect specimen of a Bushman is a *rara avis*, even in the localities where the last remnants are known to linger.

Outa Karel could hardly be called a perfect specimen of the original race, for, though he always spoke of himself as wholly Bushman, there was a strong strain of the Hottentot about him, chiefly noticeable in his build.

He spoke in Dutch, in the curiously expressive voice belonging to these people, just now honey-sweet with the deference he felt for his superiors.

“Ach toch! Night, Baas. Night, Nooi. Night, Nonnie and my little baasjes. Excuse that this old Bushman does not bend to greet you; the will is there, but his knees are too stiff. Thank you, thank you, my baasje,” as Pietie dragged a

low stool, covered with springbok skin, from under the desk in the recess and pushed it towards him. He settled himself on it slowly and carefully, with much creaking of joints and many strange native ejaculations.

The little group had arranged itself anew. Cousin Minnie was in the cosy corner of the rustbank near the wall, little Jan next her with his head against her, and Torry's head on his lap—this attention to make up for his late seeming unkindness in pushing him away.

Pappa, with his magazine, was at the other end of the rustbank where he could, if he chose, speak to Mamma in a low tone, or peep over to see how her book was getting on. Willem had pushed the basket away so as to settle himself more comfortably against Cousin Minnie's knee as he sat on the floor, and Pietie was on a small chair just in front of the fire.

The centre of attention was the quaint old native, who, having relegated his duties to his children and grandchildren, lived as a privileged pensioner in the van der Merwe family he had served so faithfully for three generations. The firelight played over his quaint figure with the weirdest effect, lighting up now one portion of it, now another, showing up his astonishingly small hands and crooked fingers, as he pointed and gesticulated incessantly—for these people speak as much

by gesture as by sound—and throwing exaggerated shadows on the wall.

This was the hour beloved by the children, when the short wintry day had ended, and, in the interval between the coming of darkness and the evening meal, their dear Outa Karel was allowed in to tell them stories.

And weird and wonderful stories they were—tales of spooks and giants, of good and bad spirits, of animals that talked, of birds, beasts and insects that exercised marvellous influence over the destinies of unsuspecting mankind. But most thrilling of all, perhaps, were Outa Karel's personal experiences—adventures by veld and krantz with lion, tiger, jackal and crocodile, such as no longer fall to the lot of mortal man.

The children would listen, wide-eyed and breathless, and even their elders, sparing a moment's attention from book or writing, would feel a tremor of excitement, unable to determine where reality ended and fiction began, so inextricably were they intermingled as this old Iago of the desert wove his romances.

“Now, Outa, tell us a nice story, the nicest you know,” said little Jan, nestling closer to Cousin Minnie, and issuing his command as the autocrat of the “One Thousand and One Nights” might have done.

“Ach! but klein baas, this stupid old black one knows no new stories, only the old ones of Jakhals and Leeuw, and how can he tell even those when his throat is dry—ach, so dry with the dust from the kraals?”

He forced a gurgling cough, and his small eyes glittered expectantly. Then suddenly he started with well-feigned surprise and beamed on Pietie, who stood beside him with a soopje in the glass kept for his especial use.

This was a nightly performance. The lubrication was never forgotten, but it was often purposely delayed in order to see what pretext Outa would use to call attention to the fact of its not having been offered. Sore throat, headache, stomach-ache, cold, heat, rheumatism, old age, a birthday (invented for the occasion), the killing of a snake or the breaking-in of a young horse—anything served as an excuse for what was a time-honoured custom.

“Thank you, thank you, mij klein koning. Gezondheid to Baas, Nooi, Nonnie, and the beautiful family van der Merwe.” He lifted the glass, gulped down the contents, and smacked his lips approvingly. “Ach! if a Bushman only had a neck like an ostrich! How good would the soopje taste all the way down! Now I am strong again; now I am ready to tell the story of Jakhals and Oom Leeuw.”

"About Oom Leeuw carrying Jakhals on his back?"  
asked Willem.

"No, baasje. This is quite a different one."

And with many strange gesticulations, imitating every action and changing his voice to suit the various characters, the old man began

# HOW JAKHALS FED OOM LEEUW

“ One day in the early morning, before any people were awake, Jakhals was prowling round and prowling round, looking for something to eat. Jakhals is not fond of hunting for himself. Oh, no! he likes to wait till the hunt is over, so that he can share in the feast without having had any of the work. He had just dragged himself quietly to the top of a kopje—so, my baasjes, so—with his stomach close to the ground, and his ears moving backwards and forwards”—Outa’s little hands, on either side of the kopdoek, suited the action to the word—“to hear the least sound. Then he looked here, he looked there, he looked all around, and yes, truly! whom do you think he saw in the kloof below? No other than Oom Leeuw himself, clawing a nice big hamel he had just killed—a Boer hamel, baasjes, with a beautiful fat tail. Oh yes, Oom Leeuw had picked out a good one.

“Arré!” thought Jakhals, ‘this is luck,’ and he sat still for a minute, wondering how he could get some of the nice meat

for himself. He soon made a plan. A white thing fluttered in a little bush near him. It was a piece of paper. He picked it up and folded it—so—and so—and so—"the crooked fingers were very busy—"till it looked like a letter. Then he ran down the kopje in a great hurry and called out, 'Good morning, Oom.'

"Morning, Neef."

"I see Oom has killed a Boer hamel."

"Yes, Neef, a big fat one."

"Well, here is a letter from Tante," said Jakhals, giving the piece of paper to Leeuw. 'As I was passing she asked me to give it to Oom.'

"Leeuw took it and turned it this way, that way. He held it far from him, he held it close to his eyes, but he couldn't make it out at all. See, baasjes, Leeuw was one of the old-fashioned sort. He grew up before there were so many schools and good teachers"—here Outa's bright eyes winked and blinked flatteringly on Cousin Minnie and her pupils—"he was not clever; he could not read. But he didn't want anyone to know it, so he said:

"Jakhals, Oom has forgotten his spectacles; you had better read it out."

"Hm, hm, hm," said Jakhals, pretending to read. 'Tante says Oom must kill a nice fat Boer hamel and send it home at once by me. She and the children are hungry.'

“Well, that’s all right. Here is the very thing. Tante is not very well. The Jew smouse’s donkey she ate the other day disagreed with her, so we must coax her a little. I don’t want to say anything, but you know a vrouwmens is a dangerous thing when she is in a temper. So you had better take this hamel to her at once, and then you can have the offal for your trouble.”

“Thank you, noble Oom, King of Beasts,’ said Jakhals in a fawning voice, promising himself at the same time that he would have something more than the offal. ‘How fortunate am I, poor humble creature, to have the King for my uncle,’ and off he trotted with the sheep.

“Leeuw prowled further up the kloof, waving his tail from side to side.” Had Outa had a tail he would have wagged it, but, as he had not, his right arm was slowly flourished to and fro to give point to his description. “Here comes a little Steenbokje on its way to a veld dam for water. Ach! but it is pretty! It looks here, it looks there, with its large soft eyes. One little front foot is in the air; now it is down; the other goes up; down again. On it comes, slowly, slowly”—Outa’s hands, bunched up to resemble the buck’s feet, illustrated each step, the children following his movements with breathless interest. “Now it stops to listen.” Outa was rigid as he bent forward to catch the least sound. Suddenly he

started violently, and the children involuntarily did the same. “Hark! what was that? What is coming? Ach! how Steenbokje skriks and shivers! A terrible form blocks the way! Great eyes—cruel eyes burn him with their fire. Now he knows. It is Leeuw!—Leeuw who stands in the path! He growls and glares at Steenbokje. Steenbokje cannot turn away. They stare at each other—so—just so—” Outa glares at each fascinated child in turn. “Steenbokje cannot look away, cannot move. He is stiff with fright. His blood is cold. His eyes are starting out of his head. And then—voops!”—the listeners jump as Outa’s long arms suddenly swoop towards them—“one spring and Leeuw is on him. Steenbokje blares—meh, meh, meh—but it is no good. Leeuw tears him and claws him. Tip, tip, tip, the red blood drips down; s-s-s-s-s, it runs out like a stream, and Leeuw licks it up. There lies pretty little Steenbokje, dead, dead.” Outa’s voice trails away faintly.

The children heave big sighs. Little Jan’s grey eyes are full of tears. The old native’s graphic description has made them feel as though they had been watching round a death-bed.

“Yes, baasjes, Leeuw killed Steenbokje there in the kloof. He tore the skin off—skr-r-r-r—and bit through the bones—skrnch, skrnch, skrnch—and ate little Steenbokje for his breakfast. Then he went to the krantzes to sleep, for the day was coming and the light began to hurt his eyes.

“When he awoke it was evening, and he felt refreshed and rather hungry. My baasjes know a steenbokje is nothing for a meal for Oom Leeuw. But before hunting again he thought he would go home and see how Tante and the children were getting on, and whether they had feasted well on the nice fat hamel.

“But, dear land! What did poor Oom Leeuw find? The children crying, Tante spluttering and scratching with rage, everything upside down, and not even the bones of the hamel to be seen.

“Ohé! ohé! ohé!” cried Tante. ‘The bad, wicked Jakhals! Ach, the low, veld dog!’

“But what is the matter?” asked Leeuw. ‘Where is Jakhals?’

“Where is he? How should I know? He has run off with the nice fat hamel, and me—yes, me, the King’s wife—has he beaten with the entrails! Ohé! ohé!”

“And boxed my ears!” cried one of the cubs. ‘Wah! wah! wah!’

“And pinched my tail,’ roared the other. ‘Weh! weh! weh!’

“And left us nothing but the offal. Oh, the cunning, smooth-tongued vagabond!”

“And all three fell to weeping and wailing, while Leeuw roared aloud in his anger.

"Wait a bit, I'll get him," he said. 'Before the world wakes to-morrow he'll see who's baas.'

"He waved his tail to and fro and stuck out his strong claws. His eyes glared like fire in a dark kloof when there is no moon, and when he brulled it was very terrible to hear—hoor-r-r-r-r, hoor-r-r-r-r," and Outa gave vent to several deep, blood-curdling roars.

"Very early the next morning, when only a little grey in the sky shewed that the night was rolling round to the other side of the world, Leeuw took his strongest sjambok and started off to look for Jakhals. He spied him at last on the top of a krantz sitting by a fire with his wife and children.

"Ah! there you are, my fine fellow," he thought. 'Well and happy are you? But wait, I'll soon show you!'

"He began at once to try and climb the krantz, but it was very steep and high, and so smooth that there was nothing for him to hold to. Every time he got up a little way, his claws just scratched along the hard rock and he came sailing down again. At last he thought, 'Well, as I can't climb up, I'll pretend to be nice and friendly, and then perhaps Jakhals will come down. I'll ask him to go hunting with me."

Here Outa's beady little eyes danced mischievously. "Baasjes know, the only way to get the better of a schelm is to

be schelm, too. When anyone cheats, you must cheat more, or you will never be baas. Ach, yes! that is the only way."

(Cousin Minnie would not disturb the course of the tale, but she mentally prescribed and stored up for future use an antidote to this pagan and wordly-wise piece of advice to her pupils.)

"So Leeuw stood at the foot of the krantz and called out quite friendly and kind, 'Good morning, Neef Jakhals.'

"Morning, Oom.'

"I thought you might like to go hunting with me, but I see you are busy.'

"At any other time Jakhals would have skipped with delight, for it was very seldom he had the honour of such an invitation, but now he was blown up with conceit at having cheated Oom and Tante Leeuw so nicely.

"Thank you, Oom, but I am not in want of meat just now. I'm busy grilling some nice fat mutton chops for breakfast. Won't you come and have some, too?'

"Certainly, with pleasure, but this krantz is so steep—how can I get up?'

"Ach! that's quite easy, Oom. I'll pull you up in an eye-wink. Here, vrouw, give me a nice thick riem. That old rotten one that is nearly rubbed through,' he said in a whisper to his wife.

"So Mrs. Jakhals, who was as slim as her husband, brought the bad riem, and they set to work to pull Oom Leeuw up. 'Hoo-ha! hoo-ha!' they sang as they slowly hauled away.

"When he was about ten feet from the ground, Jakhals called out, 'Arré! but Oom is heavy,' and he pulled the riem this way and that way along the sharp edge of the krantz"—Outa vigorously demonstrated—"till it broke right through and—kabloops!—down fell Oom Leeuw to the hard ground below.

"Oh! my goodness! What a terrible fall! I hope Oom is not hurt. How stupid can a vrouwmens be! To give me an old riem when I called for the best! Now, here is a strong one. Oom can try again.'

"So Leeuw tried again, and again, and again, many times over, but each time the rope broke and each time his fall was greater, because Jakhals always pulled him up a little higher, and a little higher. At last he called out:

"It's very kind of you, Jakhals, but I must give it up.'

"Ach! but that's a shame!" said Jakhals, pretending to be sorry. 'The carbonaatjes are done to a turn, and the smell—alle wereld! it's fine! Shall I throw Oom down a piece of the meat?'

"Yes please, Jakhals," said Leeuw eagerly, licking his lips. 'I have a big hole inside me and some carbonaatjes will fill it nicely.'

“Ach! my baasjes, what did cunning Jakhals do? He carefully raked a red-hot stone out of the fire and wrapped a big piece of fat round it. Then he peered over the edge of the krantz and saw Leeuw waiting impatiently.

“Now Oom,’ he called, ‘open your mouth wide and I’ll drop this in. It’s such a nice big one, I bet you won’t want another.’

“And when he said this, Jakhals chuckled, while Mrs. Jakhals and the little ones doubled up with silent laughter at the great joke.

“Are you ready, Oom?”

“Grr-r-r-r-r!” gurgled Leeuw. He had his mouth wide open to catch the carbonaatje, and he would not speak for fear of missing it.

“Jakhals leaned over and took aim. Down fell the tit-bit and—sluk! sluk!—Leeuw had swallowed it.

“And then, my baasjes, there arose such a roaring and raving and groaning as had not been heard since the hills were made. The dassies crept along the rocky ledges far above, and peeped timidly down; the circling eagles swooped nearer to find out the cause; the meerkats and ant-bears, the porcupines and spring-hares snuggled further into their holes; while the frightened springboks and elands fled swiftly over the plain to seek safety in some other veld.

"Only wicked Jakhals and his family rejoiced. With their bushy tails waving and their pointed ears standing up, they danced round the fire, holding hands and singing over and over:

"Arré! who is stronger than the King of Beastland?  
Arré! who sees further than the King of Birdland?  
Who but thick-tailed Jakhals, but the Silver-maned  
One?

He, the small but sly one; he, the wise Planmaker.  
King of Beasts would catch him; catch him, claw him,  
kill him!

Ha! ha! ha! would catch him! Ha! ha! ha! would kill him!  
But he finds a way out; grills the fat-tailed hamel,  
Feeds the King of Beastland with the juicy tit-bits;  
Eats the fat-tailed hamel while the King lies dying;  
Ha! ha! ha! lies dying! Ha! ha! ha! lies dead now!"

Outa crooned the Jakhals' triumph song in a weird monotone, and on the last words his voice quavered out, leaving a momentary silence among the small folk.

Pietie blinked as though the firelight were too much for his eyes. Little Jan sighed tumultuously. Willem cleared his throat.

"But how did Jakhals know that Oom Leeuw was dead?" he asked suddenly.

"He peeped over the krantz every time between the dancing and singing—like this, baasje, just like this." Outa's eyes, head and hands were at work. "The first time he looked, he saw Oom Leeuw rolling over and over; the next time Leeuw was scratching, scratching at the rocky krantz; then he was digging into the ground with his claws; then he was only blowing himself out—so—with long slow breaths; but the last time he was lying quite still, and then Jakhals knew."

"Oh! I didn't want poor Steenbokje to die," said little Jan. "He was such a pretty little thing. Outa, this is not one of your nicest stories."

"It's all about killing," said Pietie. "First Leeuw killed poor Steenbokje, who never did him any harm, and then Jakhals killed Oom Leeuw, who never did him any harm. It was very cruel and wicked."

"Ach yes, baasjes," explained Outa, apologetically, "we don't know why, but it is so. Sometimes the good ones are killed and the bad ones grow fat. In this old world it goes not always so's it must go; it just go so's it goes."

"But," persisted Pietie, "you oughtn't to have let Jakhals kill Oom Leeuw. Oom Leeuw was much stronger, so he ought to have killed naughty Jakhals."

Outa's eyes gleamed pityingly. These young things! What did they know of the ups and downs of a hard world

where the battle is not always to the strong, nor the race to the swift?

“But, my baasje, Outa did not make up the story. He only put in little bits, like the newspaper and the spectacles and the Jew smouse, that are things of to-day. But the real story was made long, long ago, perhaps when baasje’s people went about in skins like the Rooi Kafirs, and Outa’s people were still monkeys in the bushveld. It has always been so, and it will always be so—in the story and in the old wicked world. It is the head, my baasjes, the head,” he tapped his own, “and not the strong arms and legs and teeth, that makes one animal master over another. Ach yes! if the Bushman’s head had been the same as the white man’s, arré! what a fight there would have been between them!”

And lost in the astonishing train of thought called up by this idea, he sat gazing out before him with eyes which saw many strange things. Then, rousing himself, with a quick change of voice and manner, “Ach! please, Nooi!” he said in a wheedling tone, “a span of tobacco—just one little span for to-night and to-morrow.”

His mistress laughed indulgently, and, unhooking the bunch of keys from her belt, handed them to Cousin Minnie. “The old sinner!” she said. “We all spoil him, and yet who could begin to be strict with him now? Only a small piece, Minnie.”

"Thank you, thank you, my Nonnie," said the old man, holding out both hands, and receiving the coveted span as if it were something very precious. "That's my young lady! Nonnie can have Outa's skeleton when he is dead. Yes, it will be a fine skeleton for Nonnie to send far across the blue water, where she sent the old long-dead Bushman's bones. Ach foei! all of him went into a little soap boxie—just to think of it! a soap boxie!"

He started as a young coloured girl made her appearance. "O mij lieve! here is Lys already. How the time goes when a person is with the baasjes and the noois! Night, Baas; night, Nooi; night, Nonnie and little masters. Sleep well! Ach! the beautiful family Van der Merwe!"

His thanks, farewells and flatteries grew fainter and fainter, and finally died away in the distance, as his granddaughter led him away.

# WHO WAS KING?

Once upon a time," began Outa Karel, and his audience of three looked up expectantly.

"Once upon a time, Oom Leeuw roared and the forest shook with the dreadful sound. Then, from far away over the vlakte, floated another roar, and the little lion cubs jumped about and stood on their heads, tumbling over each other in their merriment.

"Hear,' they said, 'it is Volstruis, old Three Sticks. He tries to imitate the King, our father. He roars well. Truly there is no difference.'

"When Leeuw heard this he was very angry, so he roared again, louder than ever. Again came back the sound over the veld, as if it had been an echo.

"Ach, no! this will never do,' thought Leeuw. 'I must put a stop to this impudence. I alone am King here, and imitators—I want none.'

"So he went forth and roamed over the vlakte till he met old Three Sticks, the Ostrich. They stood glaring at each other.

"Leeuw's eyes flamed, his mane rose in a huge mass and he lashed his tail angrily. Volstruis spread out his beautiful wings and swayed from side to side, his beak open and his neck twisting like a whip-snake. Ach! it was pretty, but if baasjes could have seen his eyes! Baasjes know, Volstruis's eyes are very soft and beautiful—like Nonnie's when she tells the Bible stories; but now there was only fierceness in them, and yellow lights that looked like fire.

"But there was no fight—yet. It was only their way of meeting. Leeuw came a step nearer and said, 'We must see who is baas. You, Volstruis, please to roar a little.'

"So Volstruis roared, blowing out his throat, so, 'Hoo-hoo-hoor-r-r-r!' It was a fearsome sound—the sort of sound that makes you feel streams of cold water running down your back when you hear it suddenly and don't know what it is. Yes, baasjes, if you are in bed you curl up and pull the blankets over your head, and if you are outside you run in and get close to the Nooi or Nonnie."

A slight movement, indicative of contradiction, passed from one to another of his small hearers, but—unless it was a free and easy, conversational evening—they made it a point of honour never to interrupt Outa in full career. This, like other things, could await the finish of the story.

"Then Leeuw roared, and truly the voices were the same. No one could say, 'This is a bigger voice,' or 'That is a more terrifying voice.' No, they were just equal.

"So Leeuw said to Volstruis, 'Our voices are alike. You are my equal in roaring. Let it then be so. You will be King of the Birds as I am King of the Beasts. Now let us go hunting and see who is baas there.'

"Out in the vlakte some sassaby<sup>1</sup> were feeding, big fat ones, a nice klompje; so Leeuw started off in one direction and Volstruis in the other, but both kept away from the side the wind came from. Wild bucks can smell—ach toch! so good. Just one little puff when a hunter is creeping up to them, and at once all the heads are in the air—sniff, sniff, sniff—and they are off like the wind. Dust is all you see, and when that has blown away—ach no! there are no bucks; the whole veld is empty, empty!"

Outa stretched out his arms and waved them from side to side with an exaggerated expression of finding nothing but empty space, his voice mournful with a sense of irreparable loss.

"But"—he took up his tale with renewed energy—"Leeuw and Volstruis were old hunters. They knew how to get nearer

---

1 Sassaby (also spelt Sesseby) or Bastard Hartebeest are much smaller than the Hartebeest proper, and are found in open veld near forest country.

and nearer without letting the bucks know. Leeuw trailed himself along slowly, slowly, close to the ground, and only when he was moving could you see which was Leeuw and which was sand: the colour was just the same.

“He picked out a big buck, well-grown and fat, but not too old to be juicy, and when he got near enough he hunched himself up very quietly—so, my little masters, just so—ready to spring, and then before you could whistle, he shot through the air like a stone from a catapult, and fell, fair and square, on to the sassaby’s back, his great tearing claws fastened on its shoulders and his wicked teeth meeting in the poor thing’s neck.

“Ach! the beautiful big buck! Never again would his pointed horns tear open his enemies! Never again would he lead the herd, or pronk in the veld in mating time! Never again would his soft nostrils scent danger in the distance, nor his quick hoofs give the signal for the stampede! No, it was really all up with him this time! When Oom Leeuw gets hold of a thing, he doesn’t let go till it is dead.

“The rest of the herd—ach, but they ran! Soon they were far away, only specks in the distance; all except those that Volstruis had killed. Truly Volstruis was clever! Baasjes know, he can run fast—faster even than the sassaby. So when he saw Leeuw getting ready to spring, he raced up-wind as

hard as he could, knowing that was what the herd would do. So there he was waiting for them, and didn't he play with them! See, baasjes, he stood just so”—in his excitement Outa rose and struck an attitude—“and when they streaked past him he jumped like this, striking at them with the hard, sharp claws on his old two toes.” Outa hopped about like a fighting bantam, while the children hugged themselves in silent delight.

“Voerts! there was one dead!”—Outa kicked to the right. “Voerts! there was another!”—he kicked to the left—“till there was a klomp of bucks lying about the veld giving their last blare. Yes, old Two Toes did his work well that day.

“When Leeuw came up and saw that Volstruis had killed more than he had, he was not very pleased, but Volstruis soon made it all right.

“Leeuw said, ‘You have killed most, so you rip open and begin to eat.’

“Oh no!” said Volstruis, ‘you have cubs to share the food with, so you rip open and eat. I shall only drink the blood.’

“This put Leeuw in a good humour; he thought Volstruis a noble, unselfish creature. But truly, as I said before, Volstruis was clever. Baasjes see, he couldn't eat meat; he had no teeth. But he didn't want Leeuw to know. Therefore he said, ‘You eat; I will only drink the blood.’

“So Leeuw ripped open—sk-r-r-r-r, sk-r-r-r-r—and called the cubs, and they all ate till they were satisfied. Then Volstruis came along in a careless fashion, pecking, pecking as he walked, and drank the blood. Then he and Leeuw lay down in the shade of some trees and went to sleep.

“The cubs played about, rolling and tumbling over each other. As they played they came to the place where Volstruis lay.

“Aha!” said one, ‘he sleeps with his mouth open.’

“He peeped into Volstruis’s mouth. ‘Aha!’ he said again, ‘I see something.’

“Another cub came and peeped.

“Alle kracht!” he said, ‘I see something too. Let us go and tell our father.’

“So they ran off in great excitement and woke Leeuw. ‘Come, come quickly,’ they said. ‘Volstruis insults you by saying he is your equal. He lies sleeping under the trees with his mouth wide open, and we have peeped into it, and behold, he has no teeth! Come and see for yourself.’

“Leeuw bounded off quick-quick with the cubs at his tail.

“Nier-r-r-r,” he growled, waking Volstruis, ‘nier-r-r-r. What is the meaning of this? You pretend you are my equal, and you haven’t even got teeth.’

“Teeth or no teeth,’ said Volstruis, standing up wide awake, ‘I killed more bucks than you did to-day. Teeth or no teeth, I’ll fight you to show who’s baas.’

“Come on,’ said Leeuw. ‘Who’s afraid? I’m just ready for you. Come on!’

“No, wait a little,’ said Volstruis. ‘I’ve got a plan. You see that ant-heap over there? Well, you stand on one side of it, and I’ll stand on the other side, and we’ll see who can push it over first. After that we’ll come out into the open and fight.’

“That seems an all-right plan,’ said Leeuw; and he thought to himself, ‘I’m heavier and stronger; I can easily send the ant-heap flying on to old Three Sticks, and then spring over and kill him.’

“But wait a bit! It was not as easy as he thought. Every time he sprang at the ant-heap he clung to it as he was accustomed to cling to his prey. He had no other way of doing things. And then Volstruis would take the opportunity of kicking high into the air, sending the sand and stones into Leeuw’s face, and making him howl and sputter with rage.

“Sometimes he would stand still and roar, and Volstruis would send a roar back from the other side.

“So they went on till the top of the ant-heap was quite loosened by the kicks and blows. Leeuw was getting angrier and angrier, and he could hardly see—his eyes were so full of

dust. He gathered himself together for a tremendous spring, but, before he could make it, Volstruis bounded into the air and kicked the whole top off the ant-heap. Arré, but the dust was thick!

“When it cleared away, there lay Leeuw, groaning and coughing, with the great heap of earth and stones on top of him.

“Ohé! ohé!” wailed the cubs, ‘get up, my father. Here he comes, the Toothless One! He who has teeth only on his feet! Get up and slay him.’

Leeuw shook himself free of the earth and sprang at Volstruis, but his eyes were full of sand; he could not see properly, so he missed. As he came down heavily, Volstruis shot out his strong right leg and caught Leeuw in the side. Sk-r-r-r-r! went the skin, and goops! goops! over fell poor Oom Leeuw, with Volstruis’s terrible claws—the teeth of old Two Toes—fastened into him.

Volstruis danced on him, flapping and waving his beautiful black and white wings, and tearing the life out of Oom Leeuw.

“When it was all over, he cleaned his claws in the sand and waltzed away slowly over the veld to where his mate sat on the nest.

“Only the cubs were left wailing over the dead King of the Forest.”

The usual babel of question and comment broke out at the close of the story, till at last Pietie's decided young voice detached itself from the general chatter.

"Outa, what made you say that about pulling the blankets over one's head and running to get near Mammie if one heard Volstruis bellowing at night? You know quite well that none of us would ever do it."

"Yes, yes, my baasje, I know," said Outa, soothingly. "I never meant anyone who belongs to the land of Volstruise. But other little masters, who did not know the voice of old Three Sticks—they would run to their mam-mas if they heard him."

"Oh, I see," said Pietie, accepting the apology graciously. "I was sure you could not mean a karroo farm boy."

"Is your story a parable, Outa?" asked little Jan, who had been doing some hard thinking for the last minute.

"Ach! and what is that, my little master?"

"A kind of fable, Outa."

"Yes, that's what it is, baasje," said Outa, gladly seizing on the word he understood, "a fable, a sort of nice little fable."

"But a parable is an earthly story with a heavenly meaning, and when Cousin Minnie tells us parables she always finds the meaning for us. What is the heavenly meaning of this, Outa?"

Little Jan's innocent grey eyes were earnestly fixed on Outa's face, as though to read from it the explanation he sought. For once the old native was nonplussed. He rubbed his red kopdoek, laid a crooked finger thoughtfully against his flat nose, scratched his sides, monkey-fashion, and finally had recourse once more to the kopdoek. But all these expedients failed to inspire him with the heavenly meaning of the story he had just told. Ach! these dear little ones, to think of such strange things! There they all were, waiting for his next words. He must get out of it somehow.

"Baasjes," he began, smoothly, "there is a beautiful meaning to the story, but Outa hasn't got time to tell it now. Another time——"

"Outa," broke in Willem, reprovingly, "you know you only want to get away so that you can go to the old tramp-floor, where the volk are dancing to-night."

"No, my baasje, truly no!"

"And I wouldn't be surprised to hear that you had danced, too, after the way you have been jumping about here."

"Yes, that was fine," said Pietie, with relish. "Voerts! there is one dead! Voerts! there is another! Outa, you always say you are so stiff, but you can still kick well."

"Aja, baasje," returned Outa, modestly; "in my day I was a great dancer. No one could do the Vastrap better—and the Hondekrap—and the Valsrivier. Arré, those were the times!"

He gave a little hop at the remembrance of those mad and merry days, and yet another and another, always towards the passage leading to the kitchen.

"But the meaning, Outa, the heavenly meaning!" cried little Jan. "You haven't told us."

"No, my little baas, not to-night. Ask the Nonnie; she will tell you. Here she comes."

And as Cousin Minnie entered the room, the wily old native, with an agility not to be expected from his cramped and crooked limbs, skipped away, leaving her to bear the brunt of his inability to explain his own story.

# WHY THE HYENA IS LAME

“ It was Tante Hyena that Jakhals cheated more than anyone,” said Outa. “She always forgot about the last time he had played a trick on her, so she was quite ready to believe him when he came along with another story. Some people are so, my baasjes. P’raps it’s kindness, p’raps it’s only stupidness; Outa doesn’t know.

“One day Jakhals and Hyena were out walking together when a white cloud came up behind the kopjes and floated over the veld quite close to them. It was a nice thick cloud, just like white fat, and Jakhals climbed on to it and sat looking down over the edge. Then he bit pieces out of it, and ate them.

“Arré! but this white fat is nice,’ he said. ’N-yum, n-yum, n-yum,’ and he chewed round the cloud like a caterpillar chews a leaf.

“Hyena licked her lips and looked up at him.

“Throw me down some, please,’ she said.

“Ach! my Brown Sister, will I then be so greedy as to throw you down little bits? Wait till I get down, and then

I'll help you up to eat for yourself. But come a little nearer so that you can catch me when I jump.'

"So Hyena stood ready, and Jakhals jumped in such a way that he knocked her into the sand. He fell soft, because he was on top, but foei! poor Hyena had all the breath knocked out of her and she was covered with dust.

"Ach! but I am clumsy!" said Jakhals; 'but never mind, now I'll help you.'

"So when she had got up and dusted herself, he helped her to climb on to the cloud. There she sat, biting pieces off and eating them, 'N-yum, n-yum, n-yum, it's just like white fat!'

"After a time she called out, 'Grey Brother, I've had enough. I want to come down. Please catch me when I jump.'

"Ach, certainly Brown Sister, come on. Just see how nicely I'll catch you. So-o-o.'

"He held out his arms, but just as Hyena jumped he sprang to one side, calling out, 'Ola! Ola! a thorn has pricked me. What shall I do? what shall I do?' and he hopped about holding one leg up.

"Woops! Down fell Brown Sister, and as she fell she put out her left leg to save herself, but it doubled up under her and was nearly broken. She lay in a bundle in the sand, crying, 'My leg is cracked! my leg is cracked!'

"Jakhals came along very slowly—jump, jump, on three legs. Surely the thorn, that wasn't there, was hurting him very much!"

"Oo! oo!" cried Hyena, 'help me up, Grey Brother. My leg is broken.'

"And mine has a thorn in it. Foei toch, my poor sister! How can the sick help the sick? The only plan is for us to get home in the best way we can. Good-bye, and I will visit you to-morrow to see if you are all right.'

"And off he went—jump, jump, on three legs—very slowly; but as soon as Old Brown Sister could not see him, he put down the other one and—sh-h-h-h—he shot over the veld and got home just in time to have a nice supper of young ducks that Mrs. Jakhals and the children had caught at Oubaas van Niekerk's dam.

"But poor Brown Sister lay in the sand crying over her sore places, and from that day she walks lame, because her left hind foot is smaller than the right one<sup>2</sup>."

---

2 The Hyena, on first starting, appears lame in the hind legs—a fact accounted for by the Hottentots in the foregoing fable.

# WHO WAS THE THIEF?

“Yes, my baasjes, so was Oom Jakhals: he always made as if he forgot all about what he had done, and he made as if he thought all the others forgot too, quick-quick. He is maar so schelm.”

Here Outa took full advantage of the pinch of snuff he held between his right forefinger and thumb, sneezed with evident enjoyment two or three times, and continued:

“When Jakhals thought Hyena was quite well, he went to visit her.

“It’s very dull here in the veld,’ he said, ‘and food is so scarce, so I’m going to hire myself to a farmer. He’ll give me lots to eat and drink, and when I’m nice and fat I’ll come home again. Would you like to go too, Brown Sister?’

“Hyena smacked her lips when she heard about the nice things to eat. She thought it a very good plan. So they went to a farm, and Jakhals talked so nicely that the farmer hired them both to work for him.

"Ach! it was a beautiful place; lots of chickens and little ducks, and Afrikander sheep with large fat tails that could be melted out for soap and candles, and eggs, and doves and pigeons—all things that Jakhals liked. He just felt in his stomach that he was going to have a jolly life.

"During the day Jakhals peeped all about, in this corner, in that corner, and he found out where the farmer kept the nice fat that was melted out of the sheep's tails. In the middle of the night, when all the people were fast asleep, he got up and went quietly, my baasjes, quietly, like a shadow on the ground, to the place where the fat was. He took a big lump and smeared it all over Brown Sister's tail while she was asleep. Then he ate all that was left—n-yum, n-yum, n-yum—and went to sleep in the waggon-house.

"Early in the morning, when the farmer went out to milk the cows, he missed the fat.

"Lieve land! Where is all my fat?" he said. 'It must be that vagabond Jakhals. But wait, I'll get him!'

"He took a thick riem and his sjambok, and went to the waggon-house to catch Jakhals and give him a beating. But when he asked about the fat, Jakhals spoke in a little, little voice.

"Ach no, Baas! Would I then do such an ugly thing? And look at my tail. There's no fat on it. The one whose tail is full of fat is the thief.'

"He turned round and waved his tail in the farmer's face, and anyone could easily see that there was no fat on it.

"But the fat is gone,' said the farmer, 'someone must have stolen it,' and he went on hunting, hunting in the waggon-house.

"At last he came to where Hyena was sleeping, just like a baby, baasjes, so nicely, and snoring a little: not the loud snoring like sawing planks—gorr-korrr, gorr-korr—but nice soft snoring like people do when they sleep very fast—see-uw, see-uw. It is the deepest sleep when a person snores see-uw, see-uw. Hyena's head was on some chaff, and her tail was sticking out behind her, stiff with fat!

"Aha! here is the thief,' said the farmer, and he began to tie the riem round her.

"Old Brown Sister sat up and rubbed her eyes. 'What's the matter?' she asked. 'I had a beautiful dream. I dreamt I was eating fat the whole night, and—'

"And so you were—my fat,' said the farmer, and he pulled the rope tighter. 'And now I'm going to teach you not to steal again.'

"Poor old Brown Sister jumped about when she found out what he was going to do; she ran round and round the waggon-house trying to get away; she called out, and she called out that she did not know about the fat, that she had never tasted it, and had never even seen it. But it was no good.

“Look at your tail,’ said the farmer. ‘Will you tell me that your tail went by itself and rubbed itself in the fat?’

“So he tied her to the waggon wheel and beat her, and beat her—ach! she was quite sore—and she screamed and screamed, and at last he drove her away from the farm.

“Poor old Brown Sister! She didn’t even have the fat from her tail to eat, because, baasjes see, with the running round and the beating, it was all rubbed off. But she never went to live on a farm again; the veld was quite good enough for her.”

“Is that the end, Outa?” asked Willem.

“Yes, my baasje. It’s a bad end, but Outa can’t help it. It does maar end so.”

“And where was Jakhals all the time?” enquired Pietie, severely.

“Jakhals, my baasje, was sitting on the waggon saying his prayers—so, my baasjes.” Outa put his crooked hands together and cast his twinkling eyes upwards till only the yellows showed.

“Bezie, bezie, brame,

Hou jouw handjes same<sup>3</sup>.’

---

3 “Berry, berry, blackberry,  
Hold your hands together.”

"And every time Hyena screamed, Jakhals begged her not to steal again, but to try and behave like a good Christian."

"But Jakhals was the thief," said little Jan, indignantly. "He was always the wicked one, and he was never punished. How was that, Outa?"

A whimsical smile played over the old man's face, and though his eyes danced as wickedly as ever, his voice was sober as he answered.

"Ach! my little master, how can Outa tell? It is maar so in this old world. It's like the funny thing Baas Willem saw in the Kaap<sup>4</sup>, that runs down a place so quickly that it just runs up on the other side, and then it can't stop, but it has to run down again, and so it keeps on—up and down, up and down."

"You mean the switchback?" asked Willem.

"Ach, yes! baasje, Outa means so. And in the world it is the same—up and down, up and down. And often the good ones are down and the bad ones are up. But the thing—Outa can't get the name right—goes on, and it goes on, and by-and-by the good ones are up and the bad ones are down."

"But Jakhals seemed always to be up," remarked Willem.

---

4 The Kaap—Cape Town.

"Yes, my baasje," said the old man, soberly. "Jakhals seemed always to be up. It goes so sometimes, it goes so," but his eyes suddenly had a far-away look, and one could not be certain that he was thinking of Jakhals.

# THE SUN

*A Bushman Legend*

**O**uta, having disposed of his nightly tot, held his crooked hands towards the cheerful blaze and turned his engaging smile alternately on it and his little masters.

“Ach! what it is to keep a bit of the Sun even when the Sun is gone! Long ago Outa’s people, the Bushmen, did not know about fire. No, my baasjes, when the Big Fire, that makes the world warm and bright, walked across the sky, they were happy. They hunted, and danced, and feasted. They shot the fine big bucks with their little poisoned arrows, and they tore pieces off and ate the flesh with the red blood dripping from it: they had no fire to make it dry up. And the roots and eintjes that they dug out with their sharp stones—those, too, they ate just as they were. They did not cook, for they did not know how to make fire. But when the white man came, then they learnt. Baasjes see, Outa’s head is big—bigger than the Baas’s head—but that does not help. It’s the inside

that matters, and the white man's head inside here”—Outa tapped his wrinkled forehead—“Alla! but it can hold a lot!

“In the olden days, when Outa's people were cold they crept into caves and covered themselves with skins, for they had no fire to sit by. Yes, they were sorry when the Old Man in the sky put down his arms and lay down to sleep.”

“What Old Man?” asked Pietie. “Do you mean the Sun?”

“Aja! Don't baasjes then know that the Sun was once a man? It was long, long ago, before Outa's people lived in the world: perhaps in the days of the Early Race that were before even the Flat Bushmen, who were the first people we really know anything about. In those days at a certain place lived a man, from whose armpits brightness streamed. When he lifted one arm, the place on that side of him was light; when he lifted the other arm, the place on that side of him was light; but when he lifted both arms, the light shone all around about him. But it only shone around the place where he lived; it did not reach to other places.

“Sometimes the people asked him to stand on a stone, so that his light could go farther; and sometimes he climbed on a kopje and lifted up his arms: ach! then the light streamed out far, far, and lighted up the veld for miles and miles. For the higher he went, the farther the light shone.

"Then the people said: 'We see now, the higher he goes the farther his light shines. If only we could put him very high, his light would go out over the whole world.'

"So they tried to make a plan, and at last a wise old woman called the young people together and said: 'You must go to this man from whose armpits the light streams. When he is asleep, you must go; and the strongest of you must take him under the armpits, and lift him up, and swing him to and fro—so—so—and throw him as high as you can into the sky, so that he may be above the kopjes, lifting his arms to let the light stream down to warm the earth and make green things to grow in summer.'

"So the young men went to the place where the man lay sleeping. Quietly they went, my baasjes, creeping along in the red sand so as not to wake him. He was in a deep sleep, and before he could wake the strong young men took him under the armpits and swung him to and fro, as the wise old woman had told them. Then, as they swung him, they threw him into the air, high, high, and there he stuck.

"The next morning, when he awoke and stretched himself, lifting up his arms, the light streamed out from under them and brightened all the world, warming the earth, and making the green things grow. And so it went on day after day. When he put up his arms, it was bright, it was

day. When he put down one arm, it was cloudy, the weather was not clear. And when he put down both arms and turned over to go to sleep, there was no light at all: it was dark; it was night. But when he awoke and lifted his arms, the day came again and the world was warm and bright.

“Sometimes he is far away from the earth. Then it is cold: it is winter. But when he comes near, the earth gets warm again; the green things grow and the fruit ripens: it is summer. And so it goes on to this day, my baasjes: the day and night, summer and winter, and all because the Old Man with the bright armpits was thrown into the sky.”

“But the Sun is not a man, Outa,” said downright Willem, “and he hasn’t any arms.”

“No, my baasje, not now. He is not a man any more. But baasjes must remember how long he has been up in the sky—spans, and spans, and spans of years, always rolling round, and rolling round, from the time he wakes in the morning till he lies down to sleep at the other side of the world. And with the rolling, baasjes, he has got all rounder and rounder, and the light that at first came only from under his arms has been rolled right round him, till now he is a big ball of light, rolling from one side of the sky to the other.”

Cousin Minnie, who had been listening in a desultory way to the fireside chatter, as she wrote at the side-table,

started and leant toward the little group; but a single glance was enough to show that so interested were the children in the personal aspect of the tale that there was no fear of confusion arising in their minds from Outa's decided subversion of an elementary fact which she had been at some pains to get them to understand and accept.

"And his arms, Outa," inquired little Jan, in his earnest way, "do they never come out now?"

Outa beamed upon him proudly. "Ach! that is my little master! Always to ask a big thing! Yes, baasje, sometimes they come out. When it is a dark day, then he has put his arms out. He is holding them down, and spreading his hands before the light, so that it can't shine on the world. And sometimes, just before he gets up in the morning, and before he goes to sleep at night, haven't baasjes seen long bright stripes coming from the round ball of light?"

"Yes, yes," assented his little listeners, eagerly.

"Those are the long fingers of the Sun. His arms are rolled up inside the fiery ball, but he sticks his long fingers out and they make bright roads into the sky, spreading out all round him. The Old Man is peeping at the earth through his fingers. Baasjes must count them next time he sticks them out, and see if they are all there—eight long ones, those are the fingers; and two short ones for the thumbs."

Outa's knowledge of arithmetic was limited to the number of his crooked digits, and the smile with which he announced the extent of his mathematical attainments was a ludicrous cross between proud triumph and modest reluctance.

"When he lies down, he pulls them in. Then all the world grows dark and the people go to sleep."

"But, Outa, it isn't always dark at night," Pietie reminded him. "There are the Stars and the Moon, you know."

"Ach, yes! The little Stars and the Lady Moon. Outa will tell the baasjes about them another night, but now he must go quick—quick and let Lys rub his back with buchu. When friend Old Age comes the back bends and the bones get stiff, and the rheumatism—foei! but it can pinch! Therefore, my baasjes, Outa cooks bossies from the veld to rub on—buchu and kookamakranka and karroo bossies. They are all good, but buchu is the best. Yes, buchu for the outside, and the Baas's fire-water for the inside!"

He looked longingly at the cupboard, but wood and glass are unresponsive until acted on by human agency; so, possessing no "Open, Sesame" for that unyielding lock, Outa contented himself by smacking his lips as he toddled away.

# THE STARS AND THE STARS' ROAD

**D**arkly-blue and illimitable, the arc of the sky hung over the great Karroo like a canopy of softest velvet, making a deep, mysterious background for the myriad stars, which twinkled brightly at a frosty world.

The three little boys, gathered at the window, pointed out to each other the constellations with which Cousin Minnie had made them familiar, and were deep in a discussion as to the nature and number of the stars composing the Milky Way when Outa shuffled in.

"Outa, do you think there are a billion stars up there in the Milky Way?" asked Willem.

"A billion, you know," explained Pietie, "is a thousand million, and it would take months to count even one million."

"Aja, baasje," said the old man readily, seizing, with native adroitness, the unknown word and making it his own, "then there will surely be a billion stars up there. Perhaps," he added, judicially considering the matter, "two billion, but

no one knows, because no one can ever count them. They are too many. And to think that that bright road in the sky is made of wood ashes, after all."

He settled himself on his stool, and his little audience came to attention.

"Yes, my baasjes," he went on, "long, long ago, the sky was dark at night when the Old Man with the bright armpits lay down to sleep, but people learned in time to make fires to light up the darkness; and one night a girl, who sat warming herself by a wood fire, played with the ashes. She took the ashes in her hands and threw them up to see how pretty they were when they floated in the air. And as they floated away she put green bushes on the fire and stirred it with a stick. Bright sparks flew out and went high, high, mixing with the silver ashes, and they all hung in the air and made a bright road across the sky. And there it is to this day. Baasjes call it the Milky Way, but Outa calls it the Stars' Road.

"Ai! but the girl was pleased! She clapped her hands and danced, shaking herself like Outa's people do when they are happy, and singing:—

'The little stars! The tiny stars!

They make a road for other stars.

Ash of wood-fire! Dust of the Sun!  
They call the Dawn when Night is done!'

"Then she took some of the roots she had been eating and threw them into the sky, and there they hung and turned into large stars. The old roots turned into stars that gave a red light, and the young roots turned into stars that gave a golden light. There they all hung, winking and twinkling and singing. Yes, singing, my baasjes, and this is what they sang:—

'We are children of the Sun!  
It's so! It's so! It's so!  
Him we call when Night is done!  
It's so! It's so! It's so!  
Bright we sail across the sky  
By the Stars' Road, high, so high;  
And we, twinkling, smile at you,  
As we sail across the blue!  
It's so! It's so! It's so!'

"Baasjes know, when the stars twinkle up there in the sky they are like little children nodding their heads and saying, 'It's so! It's so! It's so!' At each repetition Outa nodded and winked, and the children, with antics of approval, followed suit.

"Baasjes have sometimes seen a star fall?" Three little heads nodded in concert.

"When a star falls," said the old man impressively, "it tells us someone has died. For the star knows when a person's heart fails and the person dies, and it falls from the sky to tell those at a distance that someone they know has died<sup>5</sup>.

"One star grew and grew till he was much larger than the others. He was the Great Star, and, singing, he named the other stars. He called each one by name, till they all had their names, and in this way they knew that he was the Great Star. No other could have done so. Then when he had finished, they all sang together and praised the Great Star, who had named them<sup>6</sup>.

"Now, when the day is done, they walk across the sky on each side of the Stars' Road. It shows them the way. And when Night is over, they turn back and sail again by the Stars' Road to call the Daybreak, that goes before the Sun. The Star that leads the way is a big bright star. He is called

---

5 It is both curious and interesting to find the identical belief obtaining amongst races so widely different as the Scandinavians of Northern Europe and the Bushmen of South Africa.—See Hans Andersen's Little Match Girl: "Her Grandmother had told her that when a star fell down a soul mounted up to God."

6 "When the morning stars sang together, and all the sons of God shouted for joy."—Job xxxviii. 7.

the Dawn's-Heart Star, and in the dark, dark hour, before the Stars have called the Dawn, he shines—ach! baasjes, he is beautiful to behold! The wife and the child of the Dawn's-Heart Star are pretty, too, but not so big and bright as he. They sail on in front, and then they wait—wait for the other Stars to turn back and sail along the Stars' Road, calling, calling the Dawn, and for the Sun to come up from under the world, where he has been lying asleep.

"They call and sing, twinkling as they sing:—

'We call across the sky,  
Dawn! Come, Dawn!  
You, that are like a young maid newly risen,  
Rubbing the sleep from your eyes!  
You, that come stretching bright hands to the sky,  
Pointing the way for the Sun!  
Before whose smile the Stars faint and grow pale,  
And the Stars' Road melts away.  
Dawn! Come Dawn!  
We call across the sky,  
And the Dawn's-Heart Star is waiting.  
It's so! It's so! It's so!'

"So they sing, baasjes, because they know they are soon going out.

"Then slowly the Dawn comes, rubbing her eyes, smiling, stretching out bright fingers, chasing the darkness away. The Stars grow faint and the Stars' Road fades, while the Dawn makes a bright pathway for the Sun. At last he comes with both arms lifted high, and the brightness, streaming from under them, makes day for the world, and wakes people to their work and play.

"But the little Stars wait till he sleeps again before they begin their singing. Summer is the time when they sing best, but even now, if baasjes look out of the window they will see the Stars, twinkling and singing."

The children ran to the window and gazed out into the starlit heavens. The last sight Outa had, as he drained the soopje glass the Baas was just in time to hand him, was of three little heads bobbing up and down in time to the immemorial music of the Stars, while little Jan's excited treble rang out: "Yes, it's quite true, Outa. They do say, 'It's so! It's so! It's so!'

# WHY THE HARE'S NOSE IS SLIT

**T**he curtains had not yet been drawn nor the shutters closed, and little Jan looked with wide serious eyes at the full moon sailing serenely in the cold sky. Then he sighed as though thoughts too big for expression stirred within him, and turned absently towards the purring fire.

"And why does the big man make such a sighing?" asked Outa Karel. "It is like the wind in the mealie land at sun-under."

Little Jan's eyes slowly withdrew their gaze from some inward vision and became conscious of the old native. "Outa," he said, "why is the moon so far away, and so beautiful, and so golden?"

"Ach! to hear him now! How can Outa tell? It is maar so. Just like grass is green and fire is hot, so the Moon is far away and beautiful and golden. But she is a cruel lady sometimes, too, and it is through her that the poor Little Hare runs about with a slit in his nose to-day."

"Tell us, Outa." Little Jan dropped on to the rug beside the basket of mealie-cobs, and the others edged nearer.

"And why do you call the Moon a lady?" asked Pietie of the inquiring mind.

"But doesn't baasje know that the Moon is a lady? O yes, and for all her beauty she can be cross and cruel sometimes like other ladies, as you will hear."

"Long, long ago, when the world was quite young, the Lady Moon wanted someone to take a message to Men. She tried first one creature and then another, but no! they were all too busy, they couldn't go. At last she called the Crocodile. He is very slow and not much good, but the Lady Moon thought she would pinch his tail and make him go quickly. So she said to him: 'Go down to Men at once and give them this message: "As I die and, dying, live, so also shall you die, and, dying, live."

"Baasjes know how the Moon is sometimes big and round—so"—and Outa's diminutive hands described a wide circle and remained suspended in the air—"like she is now in the sky. Then every night she gets smaller and smaller, so—so—so—so—so—till—clap!"—the crooked fingers come together with a bang—"there's no more Moon: she is dead. Then one night a silver horn hangs in the sky—thin, very thin. It is the new Moon that grows, and grows, and gets

beautiful and golden." By the aid of the small claw-like hands the moon grew to the full before the children's interested eyes. "And so it goes on, always living, and growing, and dying, and living again.

"So the Lady Moon pinched old Oom Crocodile's tail, and he gave one jump and off he started with the message. He went quickly while the Moon watched him, but soon he came to a bend in the road. Round he went with a great turn, for a Crocodile's back is stiff like a plank, he can't bend it; and then, when he thought he was out of sight, he went slower and slower—drif-draf-drippity-drif-draf, drif-draf-drippity-drif-draf, like a knee-haltered horse. He was toch too lazy.

"All of a sudden there was a noise—sh-h-h-h-h—and there was the Little Hare. 'Ha! ha! ha!' he laughed, 'what is the meaning of this drif-draf-drippity-drif-draf? Where are you going in such a hurry, Oom Crocodile?'

"I can't stop to speak to you, Neef Haasje,' said Oom Crocodile, trying to look busy and to hurry up. 'The Lady Moon has sent me with a message to Men.'

"And what is the message, Oom Crocodile?"

"It's a very important one: "As I die and, dying, live, so also shall you die and, dying, live."

"Ach, but that is a stupid message. And you can't ever run, Oom, you are so slow. You can only go drif-draf-

drippity-drif-draf like a knee-haltered horse, but I go sh-h-h-h-h like the wind. Give the message to me and I will take it.'

"Very well," said the lazy Crocodile, 'but you must say it over first and get it right.'

"So Neef Haasje said the message over and over, and then—sh-h-h-h-h—he was off like the wind. Here he was! there he was! and you could only see the white of his tail and his little behind legs getting small in the distance.

"At last he came to Men, and he called them together and said: 'Listen, Sons of the Baboon, a wise man comes with a message. By the Lady Moon I am sent to tell you: "As I die and, dying, perish, so shall you also die and come wholly to an end."

"Then Men looked at each other and shivered. All of a sudden the flesh on their arms was like goose-flesh. 'What shall we do? What is this message that the Lady Moon has sent? "As I die and, dying, perish, so shall you also die and come wholly to an end."

"They shivered again, and the goose-flesh crept right up their backs and into their hair, and their hair began to rise up on their heads just like—ach no, but Outa forgets, these baasjes don't know how it is to feel so." And the wide smile which accompanied these words hid the expression of sly teasing which sparkled in Outa's dancing black eyes,

for he knew what it was to be taken to task for impugning the courage of his young listeners.

“But Neef Haasje did not care. He danced away on his behind legs, and laughed and laughed to think how he had cheated Men.

“Then he returned again to the Moon, and she asked: ‘What have you said to Men?’

“O, Lady Moon, I have given them your message: “Like as I die and, dying, perish, so also shall you die and come wholly to an end,” and they are all stiff with fright. Ha! ha! ha!” Haasje laughed at the thought of it.

“What! cried the Lady Moon, ‘what! did you tell them that? Child of the devil’s donkey<sup>7</sup>! you must be punished.’

“Ach, but the Lady Moon was very angry. She took a big stick, a kierie—much bigger than the one Outa used to kill lions with when he was young—and if she could have hit him, then”—Outa shook his head hopelessly—“there would have been no more Little Hare: his head would have been cracked right through. But he is a slim kerel. When he saw the big stick coming near, one, two, three, he ducked and slipped away, and it caught him only on the nose.

---

7 According to a Hottentot legend, the hare is related to the donkey.

"Foei! but it was sore! Neef Haasje forgot that the Moon was a Lady. He yelled and screamed; he jumped high into the air; he jumped with all his four feet at once; and—scratch, scratch, scratch, he was kicking, and hitting and clawing the Moon's face till the pieces flew.

"Then he felt better and ran away as hard as he could, holding his broken nose with both hands.

"And that is why to-day he goes about with a split nose, and the golden face of the Lady Moon has long dark scars.

"Yes, baasjes, fighting is a miserable thing. It does not end when the fight is over. Afterwards there is a sore place—ach, for so long!—and even when it is well, the ugly marks remain to show what has happened. The best, my little masters, is not to fight at all."

# HOW THE JACKAL GOT HIS STRIPE

“The Sun was a strange little child,” said Outa. “He never had any Pap-pa or Mam-ma. No one knew where he came from. He was just found by the roadside.

“In the olden days when the men of the Ancient Race—the old, old people that lived so long ago—were trekking in search of game, they heard a little voice calling, calling. It was not a springbokkie, it was not a tarentaal, it was not a little ostrich. They couldn’t think what it was. But it kept on, it kept on.” Outa’s head nodded in time to his repetitions.

“Why didn’t they go and look?” asked Willem.

“They did, my baasje. They hunted about amongst the milk-bushes by the roadside, and at last under one of them they found a nice brown baby. He was lying quite still looking about him, not like a baby, baasjes, but like an old child, and sparks of light, as bright as the sparks from Outa’s

tinderbox, seemed to fly out of his eyes. When he saw the men, he began calling again.

“Carry me, carry me! Pick me up and carry me!”

“Arré! he can talk,’ said the man. ‘What a fine little child! Where have your people gone? and why did they leave you here?’

“But the little Sun wouldn’t answer them. All he said was, ‘Put me in your awa-skin. I’m tired; I can’t walk.’

“One of the men went to take him up, but when he got near he said, ‘Soe! but he’s hot; the heat comes out of him. I won’t take him.’

“How can you be so silly?” said another man. ‘I’ll carry him.’

“But when he got near, he started back. ‘Alla! what eyes! Fire comes out of them.’ And he, too, turned away.

“Then a third man went. ‘He is very small,’ he said; ‘I can easily put him in my awa-skin.’ He stooped and took the little Sun under his arms.

“Ohé! ohé! ohé!” he cried, dropping the baby on to the red sand. ‘What is this for toverij! It is like fire under his arms. He burns me when I take him up.’

“The others all came round to see. They didn’t come too near, my baasjes, because they were frightened, but they wanted to see the strange brown baby that could talk, and that burned like a fire.

“All on a sudden he stretched himself; he turned his head and put up his little arms. Bright sparks flew from his eyes, and yellow light streamed from under his arms, and—hierr, sk ierr—the Men of the Early Race fell over each other as they ran through the milk-bushes back to the road. My! but they were frightened!

“The women were sitting there with their babies on their backs, waiting for their husbands.

“Come along! Hurry! hurry! See that you get away from here,’ said the men, without stopping.

“The women began to run, too.

“What was it? What did you find?”

“A terrible something,’ said the men, still running. ‘It pretends to be a baby, but we know it is a mensevreter. There it lies in the sand, begging one of us to pick it up and put it in his awa-skin, but as soon as we go near, it tries to burn us; and if we don’t make haste and get away from here, it will certainly catch us.’

“Then they ran faster than ever. Baasjes know—ach no!” corrected Outa, with a sly smile; “Outa means baasjes don’t know—how frightenness makes wings grow on people’s feet, so that they seem to fly. So the Men of the Early Race, and the women with their babies on their backs, flew, and very soon they were far from the place where the little Sun was lying.

“But someone had been watching, my baasjes, watching from a bush near by. It was Jakhals, with his bright eyes and his sharp nose, and his stomach close to the ground. When the people had gone, he crept out to see what had made them run. Hardly a leaf stirred, not a sound was heard, so softly he crept along under the milk-bushes to where the little Sun lay.

“Ach, what a fine little child has been left behind by the men!” he said. ‘Now that is really a shame—that none of them would put it into his awa-skin.’

“Carry me, carry me! Put me in your awa-skin,’ said the little Sun.

“I haven’t got an awa-skin, baasje,’ said Jakhals, ‘but if you can hold on, I’ll carry you on my back.’

“So Jakhals lay flat on his stomach, and the little Sun caught hold of his maanhaar, and rolled round on his back.

“Where do you want to go?” asked Jakhals.

“There, where it far is,’ said the baby, sleepily.

“Jakhals trotted off with his nose to the ground and a sly look in his eye. He didn’t care where the baby wanted to go; he was just going to carry him off to the krantz where Tante and the young Jakhalses lived. If baasjes could have seen his face! Alle wereld! he was smiling, and when Oom Jakhals smiles, it is the wickedest sight in the world.

He was very pleased to think what he was taking home; fat brown babies are as nice as fat sheep-tails, so he went along quite jolly.

“But only at first. Soon his back began to burn where the baby’s arms went round it. The heat got worse and worse, until he couldn’t hold it out any longer.

“Soe! Soe! Baasje burns me,’ he cried. ‘Sail down a little further, baasje, so that my neck can get cool.’

“The little Sun slipped further down and held fast again, and Jakhals trotted on.

“But soon he called out again, ‘Soe! Soe! Now the middle of my back burns. Sail down still a little further.’

“The little Sun went further down and held fast again. And so it went on. Every time Jakhals called out that he was burning, the baby slipped a little further, and a little further, till at last he had hold of Jakhals by the tail, and then he wouldn’t let go. Even when Jakhals called out, he held on, and Jakhals’s tail burnt and burnt. My! it was quite black!

“Help! help!” he screamed! ‘Ach, you devil’s child! Get off! Let go! I’ll punish you for this! I’ll bite you! I’ll gobble you up! My tail is burning! Help! Help!’ And he jumped, and bucked, and rushed about the veld, till at last the baby had to let go.

“Then Jakhals voertsed<sup>8</sup> round, and ran at the little Sun to bite him and gobble him up. But when he got near, a funny thing happened, my baasjes. Yes truly, just when he was going to bite, he stopped halfway, and shivered back as if someone had beaten him. At first he had growled with crossness, but now he began to whine from frightenness.

“And why was it, my baasjes? Because from under the baby’s arms streamed brightness and hotness, and out of the baby’s eyes came streaks of fire, so that Jakhals winked and blinked, and tried to make himself small in the sand. Every time he opened his eyes a little, just like slits, there was the baby sitting straight in front of him, staring at him so that he had to shut them again quick, quick.

“Come and punish me,’ said the baby.

“No, baasje, ach no!’ said Jakhals in a small, little voice, ‘why should I punish you?’

“Come and bite me,’ said the baby.

“No, baasje, no, I could never think of it.’ Jakhals made himself still a little smaller in the sand.

“Come and gobble me up,’ said the baby.

“Then Jakhals gave a yell and tried to crawl further back.

---

8 Voertsed—Evidently a word of Outa’s coining, meaning to jump round suddenly and violently.

“Such a fine little child,’ he said, trying to make his voice sweet, ‘who would ever do such a wicked thing?’

“You would,’ said the little Sun. ‘When you had carried me safely to your krantz, you would have gobbled me up. You are too so clever, Jakhals, but sometimes you will meet your match. Now, look at me well.’

“Jakhals didn’t want to look, my baasjes, but it was just as if something made his eyes go open, and he lay there staring at the baby, and the baby stared at him—so, my baasjes, just so”—Outa stretched his eyes to their utmost and held each fascinated child in turn.

“You’ll know me again when you see me,’ said the baby, ‘but never, never again will you be able to look me in the face. And now you can go.’

“Fierce light shot from his eyes, and he blew at Jakhals with all his might; his breath was like a burning flame, and Jakhals, half dead with frightfulness, gave a great howl and fled away over the vlakte.

“From that day, my baasjes, he has a black stripe right down his back to the tip of his tail. And he cannot bear the Sun, but hides away all day with shut eyes, and only at night when the Old Man with the bright armpits has gone to sleep, does he come out to hunt and look for food, and play tricks on the other animals.”

# THE ANIMALS' DAM

“ Ach! it was dry,” said Outa, “as dry as last year’s springbok biltong. For a long time the Old Man in the sky shot down strong light and sucked all the water out of the veld. From morning to night he poured down hotness on the world, and when he rolled round to sleep, a hot wind blew—and blew—and blew—till he woke to shine again. The karroo bushes dried up, the rivers had no water, and the poor animals began to die from thirst. It was such a drought, my little masters, as you have never seen.

“At last Oom Leeuw called the animals together to make a plan.

“The Sun had gone under, and the Lady Moon was sailing in the sky—beautiful, as she always is, and looking down on the hot world. Oom Leeuw sat under a krantz on the morning side of a kopje, where it was a little cool, and the others sat round him like a watermelon slice. Leopard, Hyena, Babiaan, Jakhals, Hare and Tortoise were in front; they were the chief ones. The smaller ones, like Dassie, Mierkat,

and Hedgehog, were at the sides; and Zebra, Springbok, Ostrich and Giraffe waited in the veld to hear the news. They pretended to be eating, but all the time their ears went backwards and forwards, backwards and forwards—so, my baasjes,—to catch every little sound, and they were ready at the first sign of danger to race away, kicking up the dust so that Oom Leeuw would not be able to see them.

“But they needn’t have been afraid. Oom Leeuw was too hot and tired and weak to catch anything. He just sat against the krantz with his dry tongue hanging out, and the others just lay round about in the watermelon slice with their dry tongues hanging out, and every time they looked at the sky to see if any clouds were coming up. But no! The sky was just like a big, hot soap-pot turned over above their heads, with the Lady Moon making a silver road across it, and the little stars shining like bits broken off the big, hot Sun. There was nothing that even looked like a cloud.

“At last Oom Leeuw pulled in his tongue and rolled it about in his mouth to get the dryness off. When it stopped rattling, he began to talk.

“Friends and brothers and nephews,’ he said—yes, just like that Oom Leeuw began; he was so miserable that he felt friendly with them all. ‘Friends and brothers and nephews, it is time to make a plan. You know how it is with

a drought; when it is at its worst, the bottom of the clouds falls out, and the water runs away fast, fast, to the sea, where there is too much water already, and the poor karroo is left again without any. Even if a land-rain comes, it just sinks in, because the ground is too loose and dry to hold it, so we must make a plan to keep the water, and my plan is to dig a dam. But it's no use for one or two to work; everyone must help. What do you say?'

"Certainly," said Leopard.

"Certainly," said Hyena.

"Certainly," said Ant-bear.

"Certainly," said Jakhals, but he winked his eye at the Lady Moon, and then put his nose into the warm sand so that no one could see his sly smile.

"All the other animals said 'Certainly,' and then they began to talk about the dam. Dear land! A person would never have said their throats were dry. Each one had a different plan, and each one talked without listening to the other. It was like a Church bazaar—yes, baasjes, long ago when Outa was young he was on a bazaar in the village, but he was glad, my baasjes, when he could creep into the veld again and get the noise out of his ears.

"At last the Water Tortoise—he with the wise little head under his patchwork shell—said, 'Let us go now while it is cool, and look for a place for the dam.'

“So they hunted about and found a nice place, and soon they began to make the dam. Baasjes, but those animals worked! They scratched, they dug, they poked, they bored, they pushed and they rolled; and they all did their best, so that the dam could be ready when the rain came. Only lazy Jakhals did not work. He just roamed round saying to the others, ‘Why don’t you do this?’ ‘Why don’t you do that?’ till at last they asked, ‘Why don’t you do it yourself?’

“But Jakhals only laughed at them. ‘And why should I be so foolish as to scratch my nails off for your old dam?’ he said.

“But you said “Certainly,” too, when Oom asked us, didn’t you?’ they asked.

“Then Jakhals laughed more than ever. ‘Ha-ha-ha! Ha-ha-ha! Am I then a slave of my word? That was last night. Don’t you know yet that a thing is one colour by moonlight, and quite another colour when the sun shines on it? Ha! ha! ha!’

“So he went about bothering the poor animals that were working so hard, and laughing at them when they got hot and tired.

“What’s the use of working so hard? Those who do not work will also drink.’

“How do you know?’ they asked.

“Wait a bit, you’ll see,’ said sly Jakhals, winking his eye again.

"At last the dam was finished, and that very night the rain began. It kept on and on, till the dam was quite full and the water began to run away over the veld, down to the great big dam called the Sea, that is the Mother of all water, and so broad, my baasjes, that truly you can't see the wall at the other side, even when you stand on a high kopje. Yes, so Outa has heard from truth-telling people. The milk-bushes and karroo-bushes grew green again, and the little veld flowers burst out of the hard ground, and opened their white, and blue, and pink, and purple eyes to look at the Sun. They were like variegated karosses spread out on the veld, and the Old Man in the sky was not so fierce any more; he did not burn them with his hotness, but looked at them kindly.

"And the animals were toch so glad for the water! From far and near they came to the dam to drink.

"But Jakhals was before them all. Soon after the Sun went down—baasjes know, the wild animals sleep in the daytime and hunt in the night—he went to the dam and drank as much water as he wanted, and filled his clay pot with some to take home. Then he swam round and round to get cool, making the water muddy and dirty, and when the other animals came to drink, he slipped over the dam wall and was lost in the veld as if he had been a large pin.

"My! but Oom Leeuw was very angry!

"Hoorr-rr-rr,' he roared, 'hoorr-rr-rr! What is this for a thing? Does the lazy one think he can share with the workers? Who ever heard of such a thing? Hoorr-rr-rr! Here, Broer Babiaan, take this big kerie and hide yourself by the dam to-night, so that you can catch this Vagabond, this Water-stealer.'

"Early that night, there was Jakhals again. He peeped this way and that way—so, my baasjes,—and, yes truly, there was old Broer Babiaan lying amongst the bushes. But Jakhals was too schelm for him. He made as if he didn't see him. He danced along on his hind legs, all in the round, all in the round, at the edge of the dam, singing:—

'Hing-ting-ting! Honna-mak-a-ding!  
My sweet, sweet water!'

"He sang this over and over, and every time he came to the end of a line, he dipped his fingers into his clay pot and sucked them.

"Aha! but my honey is nice,' he said, licking his lips. 'What do I want with their old dirty water, when I have a whole potful of nice sweet water!'

"Baasjes know, baboons will do anything for honey, and when old Broer Babiaan heard Jakhals he forgot he was there to guard the dam. He crept out from his hiding-place, a little nearer, and a little nearer, and at last he couldn't keep

quiet any longer. When Jakhals came dancing along again, he called out in a great hurry, ‘Good evening, Jakhals! Please give me a little of your sweet water, too!’

“Arré!” said Jakhals, jumping to one side and pretending to be startled. ‘What a schrik you gave me! What are you doing here, Broer Babiaan?’

“Ach no! Jakhals, I’m just taking a little walk. It’s such a fine night.’

“But why have you got that big kerie?’

“Only to dig out eintjes.’

“Do you really want some of my sweet water?’

“Yes, please, Jakhals,’ said Broer Babiaan, licking his lips.

“And what will you give me for it?’

“I’ll let you fill your pot with water from the dam.’

“Ach! I don’t want any of that dirty old dam water, but I know how fond you are of this sweet water, Broer, so I’ll let you drink some. Here, I’ll hold your kerie while you drink.’

Boer Babiaan was in such a hurry to get to the honey that he just threw the kerie to Jakhals, but just as he was going to put his fingers into the pot, Jakhals pulled it away.

“No, wait a bit, Broer,’ he said. ‘I’ll show you a better way. It will taste much nicer if you lie down.’

“Ach no! really, Jakhals?’

“Yes, really,’ said Jakhals. ‘And if you don’t lie down at once, you won’t get a drop of my sweet water.’

“He spoke quite crossly, and Babiaan was so tame by this time that he was ready to believe anything, so he lay down, and Jakhals stood over him with his knapsack riem.

“Now, Brother, first I’ll tie you with my riem, and then I’ll feed you with the honey.’

“Yes, yes,’ said Broer Babiaan quickly.

“His mouth was watering for the honey; he couldn’t think of anything else, and he had long ago forgotten all about looking after the dam. It goes so, my baasjes, when a person thinks only of what he wants and not of what he must. So he let Jakhals tie his hands and feet, and even his tail, and then he opened his mouth wide.

“But Jakhals only danced round and round, sticking his fingers into the pot and licking them, and singing:

‘Hing-ting-ting! Honna-mak-a-ding!

My sweet, sweet water!’

“Where’s mine?’ called Broer Babiaan. ‘You said you would feed me. Where’s my sweet water?’

“Here’s all the sweet water you’ll get from me,’ said Jakhals, and—kraaks—he gave poor Broer Babiaan a hard hit with the kerie.

“Borgom! Borgom! Help!” screamed Broer Babiaan, and tried to roll away. But there was no one to help him, so he could only scream and roll over, and each time he rolled over, Jakhals hit him again—kraaks!

“At last he squeezed the clay pot—and baasjes can believe me it had never had any honey in it at all—over Broer Babiaan’s head, while he ran off and drank as much water as he wanted, and swam, and stirred up the mud. Then he took the clay pot off Broer Babiaan’s head, filled it with water, and danced off, singing:

‘Hing-ting-ting! Honna-mak-a-ding!  
My sweet, sweet water!’

“Good-bye, Brother,” he called out. ‘I hope you’ll enjoy the sweet water you’ll get from Oom Leeuw when he sees how well you have looked after the dam.’

“Poor Old Broer Babiaan was, ach! so miserable, but he was even more unhappy after Oom Leeuw had punished him and set him on a large stone for the other animals to mock at. Baasjes, it was sad! They came in a long string, big ones and little ones, and each one stopped in front of the big stone and stuck out his tongue, then turned round and stuck out his tail—yes, so rude they were to Broer Babiaan, till the poor old animal got ashameder and ashameder, and

sat all in a heap, hanging down his head and trying not to see how they were mocking at him.

"When all the animals had passed on and drunk water, Oom Leeuw untied Broer Babiaan and let him go, and off he went to the krantzes as fast as he could, with his tail between his legs.

"And that is all for to-night, my baasjes. It is too long to finish now. See, here comes Lys with the baasjes' supper, and Outa can smell that his askoekies are burning by the hut."

Evading the children's detaining hands, Outa sidled away, turning in the passage doorway to paw the air with his crooked fingers in token of a final farewell.

## SAVED BY HIS TAIL

“The end, Outa, please,” said little Jan, “the end of The Animals’ Dam. You said it was too long to finish last night.”

“Aja, my baasje, it’s full of jakhals draaie, and that’s why it is so long, but it’s near the end now.

“The night was old by the time the animals had finished with old Broer Babiaan, and the stars were going out. Only the Big Star, that lasts the longest, was travelling quickly by the Stars’ Road to call the Dawn. It began to get light already at the place where the shining Old Man gets up every day, and that meant it was time for the animals to fade away to their sleeping-places.

“Oom Leeuw looked round on them. ‘Who will look after the dam to-night?’ he asked.

“I will,’ said a little voice, quickly. ‘Peep! peep!’

“And who is this that speaks from the ground?” asked Oom. ‘Let us find this brave one.’

“They looked about in the sand, and there, under a milk-bush near the dam, sat the Water Tortoise. He was nice and big, baasjes, as big as the lid of the soap-pot, and his skinny legs were very strong. He stretched out his skinny neck and twinkled his little black eyes.

“I’ll look after the dam, Oom, and I’ll catch the Water-Spoiler for you.’

“Ha! ha! ha! How will you do that?’ asked Oom Leeuw.

“If Oom will just let someone rub my back with the sticky black stuff from the floor of the hives, then Oom will see what will happen.’

“This is a wise little man,’ said Oom Leeuw, and he ordered Old Brown Sister Hyena—she with the limp in the left hind leg—to rub the Water Tortoise with the sticky stuff.

“That night, my baasjes, when Jakhals went to the dam to drink, he peeped about, but no! there was no one to guard the dam; only a large black stone lay near the edge of the water.

“Arré! this is lucky,’ said Jakhals. ‘Such a nice large stone! I’ll stand on it while I drink.’

“He didn’t know that the stone had a strong skinny neck, and, on the end of the neck, a head with little bright eyes that could see everything that was going on. So he gave a jump, and—woops!—down he came on to the stone with

his two front feet, and there they stuck fast to the sticky black stuff, and he could not move them. He tried, and he tried, but it was no use.

“Toever!” he screamed, ‘toever! Let me go!’

“Peep! peep!” said a little voice, ‘don’t be frightened.’

“Who says I’m frightened, you old toever stone?” asked Jakhals. ‘Though my front feet are fast, I can still kick with my hind feet.’

“Kick, kick, kick, and stick fast,’ said the little voice.

“So Jakhals kicked and kicked, and his hind feet stuck fast.

“There was a funny sound under the water, like water bubbling through a reed. It was the Water Tortoise laughing.

“Nier-r-r! nier-r-r!” said Jakhals, getting very cross; ‘I’ve still got a tail, and I’ll beat you with it.’

“Beat, beat, beat, and stick fast,’ said the little voice.

“So Jakhals beat and beat, and his tail stuck fast.

“Nier-r-r!” he said again, very angry; ‘I’ve still got a mouth, and I’ll bite you with it.’

“Bite, bite, bite, and stick fast,’ said the little voice.

“Jakhals opened his mouth, and bit and bit, and his mouth stuck fast. There he was, all in a bundle, sticking altogether fast to the black stone, and the more he tried to get free, the more he stuck fast.

“Peep, peep!” said the Water Tortoise, poking up his head and laughing. Then he marched to the top of the dam-wall where everyone could see the strange sight, and there he sat, all quiet and good, till the other animals came.

“Arré! they were glad when they saw Jakhals sticking to the Water Tortoise. They held a Council and ordered him to be killed, and Broer Hyena—old Brown Sister’s husband—was to be the killer.

“They loosened Jakhal’s mouth from the sticky stuff, so that he could talk for the last time. He was very sorry for himself. His voice was thick with sorriness, and he could hardly get the words out.

“Thank you, Oom,’ he said. ‘I know I’m a wicked creature. It’s better for me to die than to live and trouble everyone so much.’

“Oom Leeuw and the other animals were wondering what kind of death the Water-stealer should die.

“Chop my head off,’ said Jakhals; ‘throw me in the fountain, but please, ach! please don’t shave my tail and hit me on the big stone.’

“Oom Leeuw and the others were still putting their heads together.

“Beat me with kieries, drown me in the dam,’ said Jakhals, ‘but don’t, ach! please don’t smear my tail with fat and hit me on the big stone.’

“Oom Leeuw and the others made as if they were taking no notice of him.

“Chop me in little pieces, beat me with thorn branches,’ said Jakhals, ‘but please, ach! please don’t take me by the tail and hit me on the big stone.’

“At last Oom Leeuw turned round.

“Just as you say, it shall be done. Shave his tail,’ he said to the others, ‘smear it with fat, and hit his head on the big stone. Let it be done.’

“So it was done, and Jakhals stood very still and sad while his tail was being shaved and smeared. But when Hyena swung him round—one, two, three, pht!—away he slipped and ran over the veld as fast as he could. All the others ran after him, but they were only running to catch and he was running to live, so he went like the wind, and soon they were left far behind.

“He never stopped till he came to a mountain where a krantz hung over and made a kind of cave, and in he crept. The first to come after him was Oom Leeuw, who had run faster than the others. Jakhals watched Oom crawling in, and when Oom’s head touched the top of the cave, he ran out, calling:

“Oom, Oom, the krantz is falling. If you don’t hold it up, you’ll be crushed to death. I’ll run and get a pole to prop it up, but Oom must please wait till I come back.’

“He left Oom plastering his head against the krantz to hold it up, while—pht!—he shot away, and never stopped till he got safe home, where he rolled bolmakissie over and over, laughing to think how he had cheated all the animals again.”

# THE FLYING LION

“Once upon a time,” remarked Outa, thoughtfully, “Oom Leeuw used to fly.”

“O-o-o-oh!” said the children all together, and their eyes widened with terror at the picture called up by Outa’s words.

“Yes, my baasjes, and then nothing could live before him. His wings were not covered with feathers: they were like the wings of Brother Bat, all skin and ribs; but they were very big, and very thick, and very strong, and when he wasn’t flying they were folded flat against his sides. When he was angry he let the points down to the ground—tr-r-r-r—like Oubaas Turkey when he gobble-gobble-gobbles and struts before his wives—tr-r-r-r, and when he wanted to rise from the ground he spread them out and flapped them up and down slowly at first—so, my baasjes; then faster and faster—so, so, so—till he made a big wind with them and sailed away into the air.”

Outa, flapping his crooked arms and puffing out his disproportionate chest, seemed about to follow suit, but suddenly subsided again on to his stool.

"Ach, but it was a terrible sight! Then, when he was high above the earth, he would look down for something to kill. If he saw a herd of springbokke he would fly along till he was just over them, and pick out a nice fat one; then he would stretch out his iron claws, fold his wings and—woops!—down he would fall on the poor bokkie before it had time to jump away. Yes, that was the way Oom Leeuw hunted in the olden times.

"There was only one thing he was afraid of, and that was that the bones of the animals he caught and ate would be broken to pieces. No one knew why, and everyone was too frightened of Oom Leeuw to try and find out. He used to keep them all at his home in the krantzes, and he had crows to look after them, two at a time—not like the ugly black crows that build in the willow-trees near the dam, but White Crows, the kind that come only once in many years. As soon as a white crow baby was found it was taken to Oom Leeuw—that was his order; then he kept it in the krantzes of the mountains and let it grow big; and when the old White Crows died the next eldest became watchmen, and so there were always White Crows to watch the bones when Oom Leeuw went hunting.

"But one day while he was away Brother Big Bullfrog came along, hop-hop-hoppity-hop, hop-hop-hoppity-hop, and said: 'Why do you sit here all day, you Whitehead Crows?'

"And the White Crows said: 'We sit here to look after the bones for Oom Leeuw.'

"Ach, but you must be tired of sitting!" said Brother Big Bullfrog, 'You fly away a little and stretch your wings. I will sit here and look after the bones.'

"The White Crows looked this way and that way, up and down and all round, but no! they couldn't see Oom Leeuw, and they thought: 'Now is our chance to get away for a fly.'

"So they said 'Cr-r-raw, cr-r-raw!' and stretched out their wings and flew away.

"Brother Big Bullfrog called out after them: 'Don't hurry back. Stay as long as you like. I will take care of the bones.'

"But as soon as they were gone he said: 'Now I shall find out why Oom Leeuw keeps the bones from being broken. Now I shall see why men and animals can live no longer.' And he went from one end to the other of Oom Leeuw's house at the bottom of the krantz, breaking all the bones he could find.

"Ach, but he worked quickly! Crack! crack, crack, crack! Wherever he went he broke bones. Then when he had finished he hopped away, hop-hop-hoppity-hop, hop-hop-

hoppity-hop, as fast as he could. When he had nearly reached his dam in the veld, the White Crows overtook him. They had been to the krantz and, foei! they were frightened when they saw all the broken bones.

“Craw, craw!” they said, ‘Brother Big Bullfrog, why are you so wicked? Oom Leeuw will be so angry. He will bite off our nice white heads—craw, craw!—and without a head, who can live?’

“But Brother Big Bullfrog pretended he didn’t hear. He just hopped on as fast as he could, and the White Crows went after him.

“It’s no good hopping away, Brother Bullfrog,’ they said. ‘Oom Leeuw will find you wherever you are, and with one blow of his iron claws he will kill you.’

“But old Brother Big Bullfrog didn’t take any notice. He just hopped on, and when he came to his dam he sat back at the edge of the water and blinked the beautiful eyes in his ugly old head, and said: ‘When Oom Leeuw comes tell him I am the man who broke the bones. Tell him I live in this dam, and if he wants to see me he must come here.’

“The White Crows were very cross. They flew down quickly to peck Brother Big Bullfrog, but they only dug their beaks into the soft mud, because Brother Big Bullfrog wasn’t sitting there any longer. Kaboops! he had dived into the

dam, and the White Crows could only see the rings round the place where he had made a hole in the water.

“Oom Leeuw was far away in the veld, waiting for food, waiting for food. At last he saw a herd of zebras—the little striped horses that he is very fond of—and he tried to fly up so that he could fall on one of them, but he couldn’t. He tried again, but no, he couldn’t. He spread out his wings and flapped them, but they were quite weak, like baasjes’ umbrella when the ribs are broken.

“Then Oom Leeuw knew there must be something wrong at his house, and he was too angry. He struck his iron claws into the ground and roared and roared. Softly he began, like thunder far away rolling through the kloofs, then louder and louder, till—hoor-rr-rr-rr, hoor-rr-rr-rr—the earth beneath him seemed to shake. It was a terrible noise.

“But all his roaring did not help him, he couldn’t fly, and at last he had to get up and walk home. He found the poor White Crows nearly dead with fright, but they soon found out that he could no longer fly, so they were not afraid of him.

“Hoor-rr-rr-rr, hoor-rr-rr-rr!” he roared. ‘What have you done to make my wings so weak?’

“And they said: ‘While Oom was away someone came and broke all the bones.’

"And Oom Leeuw said: 'You were put here to watch them. It is your fault that they are broken, and to punish you I am going to bite your stupid white heads off. Hoor-rr-rr-rr!'

"He sprang towards them, but now that they knew he couldn't fly they were not afraid of him. They flew away and sailed round in the air over his head, just too high for him to reach, and they called out: 'Ha! ha! ha! Oom cannot catch us! The bones are broken, and his wings are useless. Now men and animals can live again. We will fly away and tell them the good news.'

"Oom Leeuw sprang into the air, first to one side and then to the other, striking at them, but he couldn't reach them, and when he found all his efforts were in vain, he rolled on the ground and roared louder than ever.

"The White Crows flew round him in rings, and called out: 'Ha! ha! ha! he can no longer fly! He only rolls and roars! The man who broke the bones said: "If Oom Leeuw wants me he can come and look for me at the dam." Craw, craw,' and away they flew.

"Then Oom Leeuw thought: 'Wait, I'll get hold of the one who broke the bones. I'll get him.' So he went to the dam, and there was old Brother Bullfrog sitting in the sun at the water's edge. Oom Leeuw crept up slowly, quietly, like a skelm, behind Brother Bullfrog.

“Ha! now I’ve got him,’ he thought, and made a spring, but Brother Bullfrog said, ‘Ho!’ and dived in—kabloops!—and came up at the other side of the dam, and sat there blinking in the sun.

“Oom Leeuw ran round as hard as he could, and was just going to spring, when—kabloops!—Brother Bullfrog dived in again and came up at the other side of the dam.

“And so it went on. Each time, just when Oom Leeuw had nearly caught him, Brother Bullfrog dived in—kabloops!—and called out ‘Ho!’ from the other side of the dam.

“Then at last Oom Leeuw saw it was no use trying to catch Brother Bullfrog, so he went home to see if he could mend the broken bones. But he could not, and from that day he could no longer fly, only walk upon his iron claws. Also, from that day he learned to creep quietly like a skelm after his game, and though he still catches them and eats them, he is not as dangerous as he was when he could fly.

“And the White Crows can no longer speak. They can only say, ‘Craw, craw.’

“But old Brother Big Bullfrog still goes hop-hop-hoppity-hop round about the dam, and whenever he sees Oom Leeuw he just says ‘Ho!’ and dives into the water—kabloops!—as fast as he can, and sits there laughing when he hears Oom Leeuw roar with anger.”

# WHY THE HERON HAS A CROOKED NECK

**T**he flames leapt gaily upward in the wide fireplace, throwing strange shadows on the painted walls and gleaming on the polished wood of floor and beam and cupboard. Little Jan basked contentedly in the warmth, almost dozing—now absently stroking the terrier curled up beside him, now running his fingers through the softer fur of the rug on which he lay. It was made of silver-jackal skins—a dozen of them, to judge from the six bushy tails spread out on either side; and as Outa Karel's gaze rested on them, he remarked reminiscently—

“Arré! but Oom Jakhals was a slim kerel! No one ever got the better of him without paying for it.”

In an instant little Jan was sitting bolt upright, every symptom of sleep banished from his face; the book from which Willem had been laboriously trying to gain some idea of the physical features of Russia was flung to the far end of the rustbank; while Pietie, suspending for a brief moment

his whittling of a catapult stick, slid along the floor to get within better sight and sound of the story-teller.

“Yes, my little masters, sometimes it was Oom Leeuw he cheated, sometimes it was Oubaas Babiaan or Oom Wolf, and once it was the poor little Dove, and that is what made me think of how he was cheated himself.”

“Did the little Dove cheat him?” asked Pietie eagerly.

“No, baasje, the Dove is too frightened—not stupid, baasje, but like people are when they are too gentle and kind and believe everything other people tell them. She was sitting on her nest one day singing to her little children, ‘Coo-oo, coo-oo coo-oo,’ when Oom Jakhals prowled along under the tree and heard her.

“Alla wereld! Now I’ll have a nice breakfast,’ he thought, and he called out, ‘Good morning, Tante. I hear you have such pretty little children. Please bring them down for me to see.’

“But the Tante was frightened of Jakhals, and said, ‘I’m sorry, Oom, they are not well to-day, and I must keep them at home.’

“Then Jakhals lost his temper, and called out, ‘Nonsense, I’m hungry and want something to eat, so throw down one of your little children at once.’

“Baasjes know, sometimes crossness drives away frightlessness; and Tante was so cross with Oom Jakhals for

wanting to eat one of her little children that she called out, 'No, no, you bad Jakhals, I shall do nothing of the sort. Go away and look for other food.'

"If you don't, I'll fly up and eat them all,' said Jakhals. 'Throw one down at once.' And he stamped about and made such a horrible noise that the poor Tante thought he was really flying up. She looked at her babies: there wasn't one she wanted to give, but it was better to lose one than have them all eaten; so she shut her eyes and fluttered about the nest till one of them fell out, and Jakhals caught it in his mouth and carried it off to his hole to eat.

"Ach! but the poor Tante was sad! She spread her wings over her other children and never slept all night, but looked about this way and that way with her soft eyes, thinking every little noise she heard was Oom Jakhals trying to fly up to her nest to gobble up all her babies.

"The next morning there was Oom Jakhals again. 'Tante, your child was a nice, juicy mouthful. Throw me down another. And make haste, do you hear? or I'll fly up and eat you all.'

"Coo-oo, coo-oo, coo-oo,' said Tante, crying, 'no, I won't give you one.' But it was no use, and in the end she did what she had done before—just shut her eyes and fluttered round and round till a baby fell out of the nest. She thought

there was no help for it, and, like some people are, she thought what the eye didn't see the heart wouldn't feel; but her heart was very sore, and she cried more sadly than ever, and this time she said, 'Oo-oo, oo-oo, oo-oo!' It was very sad and sorrowful to listen to 'Oo-oo, oo-oo, oo-oo!'

"Here came old Oom Reijer. He is a kind old bird, though he holds his neck so crooked and looks like there was nothing to smile at in the whole wide world.

"Ach! why do you cry so sadly, Tante? It nearly gives me a stitch in my side.'

"Oo-oo! I'm very miserable. Oom Jakhals has eaten two of my little children, and to-morrow he will come for another, and soon I shall have none left.'

"But why did you let him eat them?"

"Because he said if I didn't give him one he would fly up and eat them all. Oo-oo-oo!"

"Then Oom Reijer was very angry. He flapped his wings, and stretched out his long neck—so, my baasjes, just so" (the children hugged themselves in silent delight at Outa's fine acting)—"and he opened and shut his long beak to show how he would like to peck out Oom Jakhals's wicked eyes if he could only catch him.

"That vervlakste Jakhals!" he said. "To tell such lies! But, Tante, you are stupid. Don't you know Oom Jakhals can't fly?

Now listen to me. When he comes again, tell him you know he can't fly, and that you won't give him any more of your children.'

"The next day there came Oom Jakhals again with his old story, but Tante just laughed at him.

"Ach, no! you story-telling Bushytail!" she said, 'I won't give you any more of my little children, and you needn't say you'll fly up and eat them, because I know you can't.'

"Nier-r-r, nier-r-r!" said Oom Jakhals, growling, 'how do you know that?'

"Oom Reijer told me, so there!" said Tante. 'And you can just go to your mother!'

"My! but Tante was getting brave now that she knew she and her little children were safe. That was the worst insult you can ever give a grown-up jakhals, and Oom Jakhals growled more than ever.

"Never mind," he said at last, 'Tante is only a vrouwmens; I won't bother with her any more. But wait till I catch Oom Reijer. He'll be sorry he poked his long nose into my business, the old meddler,' and he trotted off to look for him.

"He hunted and hunted, and at last he found him standing on one leg at the side of the river, with his long neck drawn in and his head resting on his shoulders.

"Good day, Oom Reijer," he said politely. 'How is Oom to-day?'

"I'm all right," answered Oom Reijer shortly, without moving an inch.

"Jakhals spoke in a little small voice—ach! toch so humble. 'Oom, please come this way a little: I'm so stupid, but you are so wise and clever, and I want to ask your advice about something.'

"Oom Reijer began to listen. It is maar so when people hear about themselves. He put down his other leg, stretched out his neck, and asked over his shoulder, 'What did you say, eh?'

"Come toch this way a little; the mud over there is too soft for me to stand on. I want your valuable advice about the wind. The other people all say I must ask you, because no one is as wise as you.'

"Truly Jakhals was a slim kerel! He knew how to stroke Oom Reijer's feathers the right way.

"Oom Reijer came slowly over the mud—a person mustn't show he is too pleased: he even stopped to swallow a little frog on the way, and then he said, carelesslike, 'Yes, I can tell you all about the wind and weather. Ask what you like, Jakhals.' His long neck twisted about with pride.

"Oom, when the wind is from the west, how must one hold one's head?"

"Is that all?" said Oom Reijer. 'Just so.' And he turned his head to the east.

“Thank you, Oom. And when the wind is from the east?”

“So.’ Oom Reijer bent his neck the other way.

“Thank you, Oom,’ said the little small voice, so grateful and humble. ‘But when there is a storm and the rain beats down, how then?’

“So!’ said Oom Reijer, and he bent his neck down till his head nearly touched his toes.

“My little masters, just as quickly as a whip-snake shoots into his hole, so Jakhals shot out his arm and caught Oom Reijer on the bend of his neck—crack!—and in a minute the poor old bird was rolling in the mud with his neck nearly broken, and so weak that he couldn’t even lift his beak to peck at the false wicked eyes that were staring at him.

“O! how glad was cruel Jakhals! He laughed till he couldn’t any more. He screamed and danced with pleasure. He waved his bushy tail, and the silver mane on his back bristled as he jumped about.

“Ha! ha! ha! Oom thought to do me a bad turn, but I’ll teach people not to interfere with me. Ha! ha! ha! No one is as wise as Oom Reijer, eh? Then he will soon find out how to mend his broken neck. Ha! ha! ha!”

“Jakhals gave one last spring right over poor Oom Reijer, and danced off to his den in the kopjes to tell Tante

Jakhals and the little Jakhalsjes how he had cheated Oom Reijer.

“And from that day, baasjes, Oom Reijer’s neck is crooked: he can’t hold it straight; and it’s all through trying to interfere with Jakhals. That is why I said Jakhals is a slim kerel. Whether he walks on four legs or on two, the best is maar to leave him alone because he can always make a plan, and no one ever gets the better of him without paying for it in the end.”

# THE LITTLE RED TORTOISE

“No Jakhals story to-night, please, Outa,” said little Jan, as they gathered round the fire. “We all think Jakhals was a cruel horrid creature, eating the poor little Doves and cracking the good Heron’s neck.”

“Yes,” chimed in Pietie, “he was always playing wicked tricks, so no more Jakhals for us. What will you tell us to-night, Outa?”

“Something really nice,” suggested Willem, “and not unkind.”

Outa’s beady black eyes twinkled from one to another of his little masters, while an affectionate smile spread over his yellow face, accentuating the wrinkles which criss-crossed it in every direction.

“Ach! the soft young hearts! Outa’s heart was like that once, too, but”—he shook his head—“if the heart doesn’t get a little taai like a biltong, it is of no use to a person in this old hard world.” He deposited his shapeless hat on the floor, tapped his red kopdoek with a clawlike forefinger,

and waited for an inspiration. It came from an unexpected quarter, for suddenly there was a commotion at the end of his old coat, the tails of which hung down nearly to the floor, and, diving into his pocket, the old man triumphantly produced a squirming tortoise.

"See what Outa caught for the baasjes near the Klip Kop this afternoon—a nice little berg schilpad<sup>9</sup>. Now Baas Willem can put it in his kraal with the others and let it lay eggs. It is still young, but it will grow—yes, so big." A cart-wheel might have been comfortably contained in the circle described by Outa's arms.

It was a knobbly, darkly-marked tortoise, quite unlike those the little boys generally found in the veld near the house, and they took possession of it with delight and suggestions as to a name. After discussion, honours were equally in favour of "Piet Retief" and "Mrs. Van Riebeeck," and it was decided that the casting vote should be left to Cousin Minnie, the children's governess.

For a long time they had kept tortoises of all sorts and sizes in their schilpad-kraal, and so tame and intelligent had some of these creatures grown that they would come when called, and big old "Woltemade" roamed about at will, often

---

9 Mountain tortoise.

disappearing for a time, and returning to his companions after a few days in the veld.

Outa turned the new acquisition on its back on the jackalskin rug, where it lay wriggling and going through the strangest contortions. "Ach! the wise little man. Is it there its mother sprinkled it with buchu<sup>10</sup>, there, just under its arm?" He touched the skinny under-side of one of its forelegs. "Here, Baas Willem, put it in the soap-boxie till to-morrow. Ach! if only it had been a red tortoise, how glad Outa would have been!"

"A red tortoise!" echoed Pietie and little Jan, while Willem hurried back from the passage to hear all about it.

"And have the baasjes then never heard of a red tortoise? Yes, certainly, sometimes a red one is born, but not often—only once in a thousand years; and when this happens the news is sent round, because it is such a wonderful thing; and the whole nation of Schilpads—those frogs with bony shields and hard beaks—are glad because they know the little red one has come to help them against their enemies.

"Once a long, long time ago a mother Schilpad laid an egg in a shallow hole in the sand, just where the sun could

---

10 An aromatic veld herb, from which a decoction is made. Sprinkling buchu under the arm is a Hottentot custom in token of approval.

warm it all the day, and she scraped a little sand over it, so that no one could see it. See baasjes, she was afraid of thieves. It was white and round, and so large that she felt very proud of it, and she often went to see how it was getting on. One day, as she got near the place she heard a little voice: ‘Peep! Peep! Mam-ma, mam-ma, come and find me.’

“So she called out, ‘Kindje, kindje, here’s your mam-ma.’ My! but she walked fast! Her short legs just went so”—Outa’s arms worked vigorously—“and when she got to the karroo-bush where she had put the egg the shell was broken and a little Red Tortoise was sitting alongside of it!

“His shell was soft, and you could see everything inside of him, and how the blood went this way and that way: but never mind, it is maar so with little tortoises. He was fine and healthy, and everything about him was quite red. Alle wereld! old Mam-ma was proud! She went and told all her friends, and they came from all sides to see the little Red Tortoise. There were berg tortoises, and vlakte tortoises, and zand-kruipers, and even water tortoises, young and old, and they all sat round and praised him and gave him good advice and nice things to eat.

“He listened to everything and ate all the nice things, and grew bigger and redder and harder, but he didn’t talk much, and the Old Ones nodded to each other and said,

‘Ach, but he is sensible!’ But the Young Ones said, ‘Ach, but he is stuck-up!’ and they went away and crawled in the red clay to make themselves red. But it was no good. In a little while it all rubbed off.

“At last all the visitor Schilpads went home again. But the little Red Tortoise stayed with his Mam-ma, and went on growing bigger and redder and harder, and his Mam-ma was so proud of him!

“When he walked in the veld and the other young tortoises said to him, ‘Come, we’ll show you the way to do things; you must do so, and you must do so,’ he said, ‘You can do so if you like, but I’ll do things my own way!’ And they said ‘Stuck-up Red Thing! Wait, Oubaas Giraffe will get you!’ But they left him alone, and although they all wished they were red, they did not crawl in the clay any more: they knew it was no good. It was only from outside, so it soon rubbed off, but the little Red One’s redness was from inside; and baasjes know, for a thing to be any good it must be on the inside.” He glanced involuntarily at the wall-cupboard where his soopje was safely locked up: it would certainly not be any good, in his opinion, till it was on the inside of him.

“But when the Old Tortoises gave him advice, the little Red Tortoise listened and thanked them. He was a wise little man. He knew when to speak and when to hold his tongue.

"At that time, my baasjes, the whole Tortoise nation was having a hard time with Oubaas Giraffe—that old horse with the long neck and the unequal legs, who is all white and black like a burnt thornbush<sup>11</sup> with crows sitting on it. He gives blue ashes when he is burnt, therefore is he called the Blue One.

"He had taken to eating tortoises. They didn't know what to do. They tried to make a plan, but no! they could find no remedy. Whenever Oubaas Giraffe saw a nice young tortoise that he could easily swallow, he picked it up in his mouth, and from fright it pulled its head and all its feet into its shell, and—goops!—one swallow and it had sailed down the Blue One's long throat, just like baasjes sail down the plank at the side of the skeer-kraal.

"The little Red Tortoise listened to the plans that were made, and at last he thought of a plan. He was not sure how it would go, but he was a brave little one, and he thought by himself, 'If it goes wrong, there will be no more little Red Tortoise: but if it goes right, then the whole Tortoise nation will be able to live again.'

"So what did he do, my baasjes? He crawled out far in the veld and sat in the path where the Old Blue One liked

---

<sup>11</sup> The Mimosa, which is white when burnt by the sun.

to walk. Soon he heard goof, goof, goof, coming nearer and nearer. Then the noise stopped. The little Red One peeped from under his shell. Yes, there was the great Blue One, standing over him and looking very fierce.

“Do you know, little Red Tortoise, in one moment I could trample you to death?”

“The little Red One was very frightened, for this was not his plan, but he said nothing.

“Do you know, little Red Tortoise, in one moment I could swallow you?”

“Ach! how glad was the little Red Tortoise! But he only said in a small little voice, ‘Yes, noble Blue One, I belong to the nation whom it is the custom to swallow. Please swallow me!’

“Oubaas Giraffe picked him up and gave a little gulp, and the little Red Tortoise slipped half-way down his long throat. But ojé! here a strange thing happened. The little Red One would go no further. Instead of drawing in his head and legs and slipping down like a stone, like all the other tortoises had done, he wanted to see where he was going, so he stuck out his head, and fastened his sharp little nails into Oubaas Giraffe’s gullet, and there he hung like a bat on a wall.

“Go down, go down, little Tortoise! You choke me!” The Old Blue One could hardly speak; his throat was so full of tortoise.

“Peep! peep!” said the little Red One, and held on more tightly than ever.

“Come up, come up, little Tortoise! You kill me!” The Old Blue One was stamping and gurgling now.

“Peep! peep!” said the little Red One, and hung on with his hard bent beak as well. He thought, ‘No! too many of my nation have sailed down this red sloot. I won’t let go.’

“I tell you, baasjes, Oubaas Giraffe danced and pranced over the veld; he screamed and bellowed; he gurgled and swallowed; he tried to get the little Red Tortoise down, and he tried to get him up; but it was no use. The little Red One clung fast to him till he was quite choked, and sank down in the sand and died.

“Then the little Red Tortoise crawled out, and went home to tell his Mam-ma that he had killed Oubaas Giraffe and that his nation could have peace again. Ach! but she was proud of him!

“It’s not for nothing you were born red,” she said. ‘Come here, my little Crab, that I may put buchu under your arm. Come, my crooked-legged little one, let your mother sprinkle you with buchu!’

“When she had sprinkled him with buchu, they went and told their friends, and all the Tortoise nation rejoiced

and went and had a great feast off Oubaas Giraffe as he lay dead in the veld.

"And they thought more of the little Red Tortoise than ever. Even the Young Ones, who had been angry with him, said, 'He is wiser than we are. We will listen to what he says. P'r'aps, after all, there is something in being born a certain colour.'"

# THE OSTRICH HUNT

**T**he next day all the time that was not given to lessons and meals was spent by the little boys in scouring the veld for a red tortoise. Disappointment at their fruitless search found vent in no measured terms when Outa Karel appeared in the dining-room at his usual hour.

“Ach, to hear them now!” he said, regarding them with his wide-mouthed smile of amused tolerance. “Does it then rain red tortoises? And how can the baasjes think they will find at the first shot a thing that only comes once in a thousand years?”

“Well,” said Willem, stoutly, “it might just have been the time for one. How were we to know?”

“Outa,” asked little Jan, earnestly, “do you know when it will be red tortoise time again?”

“Aja, baasjes,” said Outa readily, “it won’t be long now. Let Outa think.” He performed a tattoo on the red kopdoek—a sure sign that he was in the thick of mental gymnastics. “What comes just before a thousand, my baasjes?”

"Nine hundred and ninety-nine," answered Pietie, who was good at arithmetic.

"Now, yes," said Outa, triumphantly, "I knew it must be nearly time. It is nine hundred and ninety-nine years since there was a red tortoise, so next year this time baasjes can begin to look for one. Only begin, my baasjes, because it will only be creeping out of the egg then. And p'r'aps it won't be in this veld. It might be far, far away where people don't know about a red tortoise, and so no one will look for him. Must Outa tell another story about him?"

The sly old man had taken the best way of escaping more questions. The little boys gathered round and listened wide-eyed as he told the story of the Tortoises hunting the Ostriches.

"After Oubaas Giraffe was dead, the Tortoises had a nice life for a long time, and then there came into their veld Old Three Sticks, the Ostrich, with his mam-ma and pap-pa, and his wives, and uncles, and aunties, and children, and friends. Alla! there were a lot of Ostriches! The whole veld was full of them, and they all began eating tortoises wherever they could find them. It was just the same like when Oubaas Giraffe used to go about. And the tortoises thought and thought, and they talked and talked, but they couldn't make a plan that would drive the Ostriches away.

“The little Red Tortoise was thinking, too, but he didn’t talk till he had his plan ready. Then he called all the Tortoises together. The Old Ones came because they wanted to hear what the wise little Red One had to say, and the Young Ones came because ever since he had killed Oubaas Giraffe they had listened to him. When they were all together he said, ‘It now goes on too long, this hunting of the Tortoises by Old Three Sticks and his friends. Let us change places and let us, the Tortoise people, go and hunt Ostriches.’

“Peep! peep!” cried all the young Tortoises: they were quite ready. But the Old Ones said, ‘Is this the wise little Red One? How is it possible for us to hunt Ostriches?’

“It is possible, because Ostriches never run straight, but always a little in the round, and a little in the round, so that in the end if they run long enough they come again to the place they began from. Now yes, on a certain day let us then go into the veld where the Ostriches like to hunt, and let us make two long rows, not straight out but always in the round; one ring, very large, outside, and the other, smaller, inside. Then when Old Three Sticks and his friends come we will call one to the other and drive them on, and they will flee through the midst of us, round and round and round till they can flee no longer.’

“Peep! peep!” said the young Tortoises, and the Old Ones joined in. They saw that it was a good plan, so they all

went to the hunting veld of Old Three Sticks and his friends and spread themselves out, as the little Red Tortoise had said.

“Soon the Ostriches came, pecking, pecking, as they walked.

“The Tortoises sat very still, waiting, my baasjes, just waiting, till the Ostriches were right in the middle of the two rings. Then the little Red Tortoise gave the signal, ‘Peep! Peep!’ and at once the calling began.

“Are you there?” called the first Tortoise.

“I am here,” said the next, and so it went on all round the circle, one calling to the other.

“What are you doing?” called the first one.

“Hunting Ostriches,” said the next, and so it went on all round the circle again, one calling to the other.

“The Ostriches could see nothing. They could only hear voices calling. They looked at each other and said, ‘What are these voices? It is surely a great army come to hunt us. Let us get away.’

“They were very frightened and began to run, and as far as they ran they heard:—

“Are you there?”

“I am here.”

“What are you doing?”

“Hunting Ostriches.”

"So it went on, over and over again. The Tortoises never moved, only kept calling out. And the Ostriches ran faster and faster, all in the round, till at last they were so tired they couldn't run any more. First one fell, and then another, and another, and another, till there were heaps of them lying about, and just where they fell they lay quite still. They were too tired to move.

"Then the Tortoises gathered together—they were very many—and they bit Old Three Sticks and all his family and friends on their long necks and killed them.

"Since then the Tortoises have had peace from the Long-necked People—Oubaas Giraffe and old Three Sticks. It is only the Things of the Air, like Crows and Lammervangers, that still hunt them, and baasjes know how they do? They catch a poor Tortoise in their claws and fly away with him, high up over a kopje, and then they drop him on the stones—kaboops!—and there he lies with his shell all broken, and without a shell how can a Tortoise live? And then the Thing of the Air comes and eats him up, and that is the end of the poor Tortoise. But a Red Tortoise they never touch. It is his colour, baasjes, that frightens them. So the Young Tortoises were right when they said, 'There is something, after all, in being born a certain colour.'

"After the Ostrich hunt, the little Red Tortoise was sprinkled with buchu under both arms, and his Mam-ma sang him this song:—

The little crook-legged one! I could sprinkle it,  
Sprinkle it with buchu under its arms.

The little red crab! The little Wise One!

I sprinkle the buchu under both arms.

For the Long-necks, they that ate us,

It has found a way to kill them;

So we sprinkle it, the little Red One,

Sprinkle the buchu under both arms."

The usual discussion took place when Outa had finished, and at last Pietie said, "If I had to be a Tortoise, I'd be a red one."

"Why, my little master?"

"Because the Crows and Lammervangers don't catch it. To be swallowed by an ostrich or stick in a giraffe's throat would not be so bad, but I'd hate to be broken on the stones."

"Ach! my baasje, no matter how Old Friend Death comes, we are never ready for him. When Outa was young he was nearly killed by a troop of springbucks, and he thought, 'No, not toch trampled to death; to be carried down the river is better.' But when the flood came and the river carried Outa away, he fought for his life just as hard as when the springbucks

were on him. It was the same when the hut was burnt, and when the mad bull chased Outa across the veld. Over and over again the same. Always another sort of death seems better. Always Old Friend Death finds a man not quite ready for him."

"And now how would you like him to find you, Outa?" asked Willem with much interest.

A whimsical smile spread over the old man's face. "Ach! to hear him! Just sitting in the sun, my baasje, by the skeer-kraal wall, where I have sat for so many, many years. When he comes I will say, 'Morning, Old Friend, you have been a long time on the road—ach! so long, that I am tired of waiting. Let us go at once.' A person needn't pack up for that trek, baasjes. I'll just drop my old sheepskin kaross, and take Old Friend Death's hand and let him show me the way. It is far, my baasjes, far to that land, and no one ever comes back from it. Then someone else will tell the stories by the fire: there will be no Outa any more to talk to the little masters."

His voice had dropped to a musing tone.

"Don't! Don't!" cried Pietie in a choked voice.

"Outa, you mustn't say such things," said Willem, and they each seized one of Outa's crooked hands, while little Jan clung to his old coat as though he would never let it go.

"I want my Outa," he cried. "He mustn't go away. I want my Outa Karel!"

The old man's eyes glistened with a moisture not often seen in them. "Still! still! my little baasjes," he said, stroking first one and then another. "Outa doesn't want to make them sad. He is not going yet. He will sit here and tell his foolish stories for many nights yet." A caressing smile broke over his grotesque face. "And do they then want to keep their Outa? Ach! to think of it! The kind little hearts! But what will the Nooi say if the eyes are juicy? No, Outa only said about the skeer-kraal and sitting in the sun because it sounds so nice and friendly. Look how lively and well Outa is—like a young bull-calf!" He pretended playfully to toss them. "That's right, my children, now you laugh again. But young bull-calves must also go in the kraal, and the hut is calling Outa. Night, my baasjes, night, night. Sleep well. To-morrow Outa will tell them another beautiful story. Ach, the dear little ones! So good to their ugly Outa!"

Followed by a chorus of "good-nights" from the children; the old man shuffled away, not knowing that he had spoken with prophetic voice, and that Friend Death would find him, even as he wished, sitting in the sun by the skeer-kraal.

But that was not yet awhile, and he told many stories before setting out on the Great Trek for the Unknown Veld whence no traveller returns.

# HISTÓRIAS DO TIO KAREL

Histórias do tio Karel .....	3
O lugar e as pessoas .....	5
Como o chacal matou o leão .....	14
Quem era o rei de fato? .....	28
Por que a hiena manca .....	39
Quem era o ladrão? .....	42
O sol .....	47
As estrelas e a Estrada do Céu .....	53
Por que a lebre tem o nariz partido .....	59
Como o chacal ganhou sua capa preta .....	65
O açude dos animais .....	72
Salvo pelo rabo .....	82
O leão voador .....	88
Por que a garça tem o pescoço torto .....	95
O jabutizinho vermelho .....	103
A caçada aos avestruzes .....	111

<b>Outa Karel's Stories .....</b>	<b>123</b>
The Place and the People .....	125
How Jakhals Fed Oom Leeuw .....	134
Who was King? .....	147
Why the Hyena is Lame .....	158
Who was the Thief? .....	161
The Sun .....	167
The Stars and the Stars' Road .....	173
Why the Hare's Nose is Slit .....	179
How the Jackal got his Stripe .....	185
The Animals' Dam .....	192
Saved by his Tail .....	202
The Flying Lion .....	208
Why the Heron has a Crooked Neck .....	215
The Little Red Tortoise .....	223
The Ostrich Hunt .....	232
<b>Literatura Livre .....</b>	<b>243</b>
<b>Ficha técnica .....</b>	<b>250</b>



# LITERATURA LIVRE

As obras consideradas clássicas são aquelas que sobreviveram ao tempo e ainda hoje despertam interesse. Há trabalhos de cem, duzentos, mil anos atrás que se mantêm mais atuais do que best-sellers do ano passado. Há algo nessas histórias que dialoga diretamente com nossos egos, superegos e ids, com nossa espiritualidade, nossa sede racional por dramas e conhecimento — e esses desejos não têm idade, não seguem a cronologia linear.

Os filósofos gregos, os cronistas romanos, os tomos religiosos asiáticos, as histórias e registros da Idade Média, do Iluminismo, da Era Vitoriana, até os mo-

dernistas do século 20 habitam uma área chamada Domínio Público: setenta anos após a morte do autor suas obras tornam-se livres de direito autoral para serem acessadas por todos. Na era digital, essa possibilidade de compartilhamento não tem fronteiras. Porém, existe uma lacuna entre o direito de acesso à obra e as mãos do leitor: a tradução. Embora esses autores e suas obras estejam em domínio público, os originais estão em grego, latim, inglês, alemão, árabe, japonês, e ainda resta o obstáculo da tradução livre a ser vencido.

Literatura Livre surge desse contexto: traduz para o português, edita e compartilha em formatos digitais 11 obras originárias de povos que contribuíram para a formação cultural brasileira. Em razão de seu propósito intercultural, todas as edições

contam, além do texto integral traduzido, com sua versão na língua original.

A motivação desse recorte temático é explícita: em qualquer lugar do país, basta olhar pela janela, andar pela calçada ou fazer compras no shopping. Aonde quer que se vá, são evidentes os vestígios das culturas que formaram a sociedade brasileira, seus costumes e seus laços afetivos. O Brasil é um território riquíssimo da mistura de culturas trazidas pelos movimentos migratórios que se iniciaram dezenas de milhares de anos atrás, quando a América foi povoada pelo primeiros povos.

Do nome de frutas a monumentos, a língua tupi continua viva. Dos negros trazidos involuntariamente da África, suas crenças, culinária e tantos outros presentes. Mas também os portugueses, espanhóis, franceses e holandeses que chegaram nas

capitanias hereditárias; os fluxos europeus ao final do século 19; a diversidade asiática, da europa oriental, do oriente médio nas presenças dos japoneses, chineses, eslavos; as ondas migratórias entre e pós-guerras do século 20. Todos esses traziam nas parcas bagagens sua cultura, as histórias que aprenderam com seus ancestrais e as replicavam para seu filhos e netos.

Contos folclóricos africanos, textos fundadores das culturas japonesa e árabe, novelas escritas por judeus em alemão, contos de uma imigrante chinesa nos Estados Unidos que demonstram os percalços dos “estranhos no ninho”, mulheres escritoras que não devem ser esquecidas e que falam diretamente aos assuntos de igualdade feminina atuais, provam a atemporalidade e a contundência desses escritos.

Ao todo 11 obras divididas em 14 volumes estão expostas gratuitamente neste site e podem ser baixadas, emprestadas, compartilhadas e espalhadas livremente. Uma pequena coleção de preciosidades que mostra que o presente não existe sem o passado, e o futuro é resultado dessa combinação. Uma ótima leitura!

— ● —  
literatura  
**livre**

**obras** [works]

*O Leviatã (Der Leviathan); Crônicas do Japão (Nihonshoki);*

*Viagens de Gulliver (Gulliver's Travels); El Zarco;*

*Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (The Folk Tales from Southern*

*Nigeria; Zanzibar Tales; Where Animals Talk); Os miseráveis*

*(Albukhalâ'); Sra. Fragrância Primaveril (Mrs. Spring Fragrance);*

*Contos de crianças chinesas (Mrs. Spring Fragrance); As roupas*

*fazem as pessoas (Kleider machen Leute); Contos sardos (Racconti*

*Sardi); Pássaros sem ninho (Aves sin nido); Coração das trevas (Heart*

*of Darkness), Histórias do tio Karel (Outa Karel's Stories: South*

*African Folk-Lore Tales).*

**tradutores**

[translators]

Adriana Zoudine, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva,

Lica Hashimoto, Luis S. Krausz, Nina Rizzi, Renato Roschel,

Ricardo Giassetti, Safa Jubran.

**produtor executivo**

[executive producer]

Ricardo Giassetti

**editores**

[editors]

Renato Roschel, Gabriel Naldi

**revisores**

[proofreading]

Amanda Zampieri, Rebeca Benício, Juliana Faria

**diretora de arte**

[art director]

Larissa Meneghini

**ilustrações**

[illustrations]

André Ducci

**editoração digital**

[digital art]

Fernando Ribeiro

# FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

Administração regional no  
Estado de São Paulo

[regional administration of São Paulo state]

**presidente do conselho regional**

[regional board chairman]

ABRAM SZAJMAN

**diretor do departamento regional**

[regional department director]

DANILO SANTOS DE MIRANDA

**superintendentes**

[assistant directors]

técnico-social

[social technician]

JOEL NAIMAYER PADULA

comunicação social

[social communication]

IVAN GIANNINI

**gerentes**

[departments]

sesc digital

GILBERTO PASCHOAL

assessoria de relações internacionais

[international affairs]

AUREA LESZCZYNSKI VIEIRA

ação cultural

[cultural action]

ROSANA PAULO DA CUNHA



**INSTITUTO MOJO  
DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL**

MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION

**presidente**

[president]

Ricardo Giassetti

**diretores**

[board]

Alexandre Storari, Gabriel Naldi, Larissa Meneghini,

Renato Roschel, Tatiana Bornato

# **INSTITUTO MOJO**

Fundado em abril de 2018, o Instituto Mojo de Comunicação Intercultural promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pela era digital e dividido pelas diferenças culturais, tomamos como nosso o esforço de reunir pessoas interessadas em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros, sem restrições.

Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras nas mais diversas línguas, sempre com versões bilíngues.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

---

**M589** Metelerkamp, Sanni (1867 -1945)  
Histórias do tio Karel / Sanni Metelerkamp. Tradução de Gabriel Naldi. – São Paulo: SESC, Instituto Mojo, 2019. (Coleção Literatura Livre).  
E-Book: PDF, ePUB, MOBI; 256 p.  
Disponível em:  
<https://mojo.org.br>  
<https://literaturalivre.sescsp.org.br>

*Título Original: Outa Karel's Stories: South African Folk-Lore Tales (1914).*  
*Edição bilingue Português / Inglês.*

**ISBN 978-65-990752-1-6**

1. Literatura Africana. 2. Conto. 3. Folclore. 4. África do Sul. 5. Mitologia. 6. História Oral. I. Título. II. Série. III. Naldi, Gabriel, Tradutor. III. SESC – Serviço Social do Comércio. IV. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. V. Literatura Livre.

**CDU 821.4**

**CDD 896**

---

**Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154**

A fonte original desta obra foi fornecida pelo Gutemberg Project:  
<http://www.gutenberg.org/ebooks/35557>

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<https://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.  
This license is available with a FAQ at: <http://scripts.sil.org/OFL>